
INDICADORES IBGE

volume 7
número 1
janeiro de 1988
publicação mensal

SUMÁRIO

3 LEITURA RÁPIDA

7 ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – INPC,
ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO –
IPCA E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – IPC

9 Tabelas (variação dos índices INPC, IPCA e IPC; principais con-
tribuições na variação mensal; e séries históricas).

15 PESQUISA MENSAL DE EMPREGO – PME

20 Tabelas (taxa de desemprego, ocupados, conta própria e rendi-
mento médio).

35 INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

42 Tabelas (produção física – Brasil e produção física por re-
giões).

53 CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL – SINAPI

54 Tabela (custo médio, número índice e variações percentuais –
novembro – 87).

55 Regiões Metropolitanas – Custos de projetos.

61 ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

64 Tabelas (área, produção e rendimento médio – um confronto
de safras e de estimativas; cereais e leguminosas, e oleagino-
sas – confronto entre estimativas; prognóstico para safra-88;
abate de animais, produção de leite e ovos).

69 SUPLEMENTO – DESEMPENHO RECENTE DA INDÚSTRIA
DO RIO DE JANEIRO – UM CONFRONTO COM MINAS GE-
RAIS

CONVENÇÃO

– Quando, pela natureza do fenômeno, não puder existir o dado.

Presidente da República

José Sarney

Ministro-Chefe da Secretaria de Planejamento e Coordenação

João Batista de Abreu

Secretário-Geral

Ricardo Luís Santiago

**FUNDAÇÃO
INSTITUTO BRASILEIRO
DE GEOGRAFIA
E ESTATÍSTICA**

Presidente

Edson de Oliveira Nunes

Diretor-Geral

Eduardo Augusto de Almeida Guimarães

Diretor de Pesquisas e Inquéritos

José Guilherme Almeida dos Reis

Diretor de Geociências

Mauro Pereira de Mello

Diretor de Informática

Paulo Sérgio Braga Tafner

Editores

José Guilherme Almeida dos Reis

Diretor de Pesquisas e Inquéritos

Regis Bonelli

Consultor

Programação visual

Pedro Paulo Machado

Produção Gráfica, Distribuição e Vendas

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

Av. Beira Mar, 436 — 6.º andar — Rio de Janeiro — RJ

CEP 20 021 — Tel: (021) 533-3094

Números atrasados, Cz\$ 46,00

INDICADORES IBGE, Rio de Janeiro, vol. 7, n.º 1, jan. 1988, pp. 1 a 78 - ISSN 0101-8353

LEITURA RÁPIDA

Este número de *Indicadores IBGE* apresenta como destaque no Suplemento um ensaio sobre o desempenho da indústria do Rio de Janeiro em comparação com o do setor industrial de Minas Gerais. Os pontos discutidos no artigo dizem respeito ao debate sobre o esvaziamento industrial do Rio de Janeiro e a ascensão de Minas Gerais, especialmente rápida em alguns anos da presente década. Examinando-se os dados para períodos mais longos observa-se claramente que a perda de importância do Rio de Janeiro corresponderam ganhos de diversos estados, entre os quais Minas Gerais. Assim, por exemplo, enquanto a participação relativa do Rio no Valor de Transformação Industrial Total do Brasil caía de 20,1% em 1950 para 10,5% em 1980, a de Minas aumentava de 6,9% para 8,1% no mesmo período. Na década de 80 o desempenho industrial de cada estado foi afetado pela política econômica de modos diferentes, sendo os resultados basicamente uma função de estrutura industrial dos estados. O ensaio é encerrado com algumas especulações acerca de qual dos dois estados é o segundo pólo industrial do país.

Além deste suplemento, as seções habituais de *Indicadores IBGE* contém informações sobre as pesquisas conjunturais de preços, produção industrial e agropecuária, desemprego e rendimentos, e custos da construção civil.

A seção inicial, referente aos índices de preços, apresenta como principal destaque as variações do INPC e do IPCA no mês de dezembro: 13,97% e 14,15%. Com estes resultados a média do INPC em 1987 chegou a 14,28% (sem considerar os efeitos do empréstimo compulsório de julho de 1986), enquanto a do IPCA situou-se em níveis um pouco inferiores: 13,84% (*idem*). Em particular, a taxa de inflação atual parece estar estabilizada em torno de valores desta ordem de magnitude. Isso é sugerido pelo fato de que as duas últimas apurações mensais, tanto do INPC quanto do IPC, estiveram situadas na faixa de 13 a 15%. Obviamente, isso não significa que as taxas de inflação futuras venham a ser da mesma ordem de grandeza.

Para a taxa do INPC de dezembro contribuíram significativamente os aumentos dos preços dos produtos farmacêuticos e dos artigos de higiene pessoal. Isso fez com que o grupo de Saúde e Cuidados Pessoais tivesse tido um aumento de 27,52% no INPC e 23,91% no IPCA. Já o grupo Alimentação, o de maior peso nos índices, registrou aumento de 13,69% no INPC e 13,52% no IPCA.

A exemplo do que se vem observando nos últimos meses, um grupo relativamente pequeno de itens, os de maior contribuição, tem respondido pela

maior parte da elevação dos índices. Os 20 principais do INPC somaram 8,24% em dezembro (59% da taxa). No caso do IPCA os 20 principais contribuíram com 8,26% do total de 14,15% (ou seja, 58% do total).

Já o IPC, que é o indexador oficial da economia brasileira, apresentou crescimento de 14,14% em dezembro, tendo acumulado 365,96% no ano de 1987. A média mensal foi praticamente igual à do INPC que, como se sabe, obedece à mesma metodologia que o IPC, mas tem prazos de coleta de preços diferentes. As informações do IPC de dezembro permitem constatar que o grupo Alimentação, o de maior peso (42,69% do total) variou 14,59%, apenas ligeiramente acima da taxa do mês. Assim como no caso do INPC, a principal variação ficou por conta do grupo Saúde e Cuidados Pessoais, com aumento de 20,66%. O peso deste grupo, no entanto, é o menor de todos: apenas 6,05% em dezembro.

Os resultados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) relativos a novembro de 1987 mostram que a taxa de desemprego aberto chegou a 3,63% nas seis regiões metropolitanas pesquisadas, tendo diminuído 0,33% em relação ao mês anterior. Em comparação com os resultados de novembro dos anos anteriores, observa-se que a taxa de novembro de 1987 foi menor do que a dos demais anos, exceto 1986. Outro resultado auspicioso é o que diz respeito à redução do número de pessoas à procura de trabalho: menos 8,2% em relação a outubro. Em particular, esse contingente atingiu em 1987 o valor máximo em julho, tendo decrescido continuamente a partir daí.

As reduções mais expressivas na taxa de desemprego aberto em novembro foram observadas nas regiões metropolitanas de São Paulo e Porto Alegre. No entanto, a menor taxa é a do Rio de Janeiro (3,07%). Em comparação com novembro de 1986, de outro lado, observa-se que a única região metropolitana em que o desemprego se manteve estável foi a de Salvador. Em todas as demais houve aumento.

Somando-se às pessoas desocupadas aquelas ocupadas, mas sem remuneração ou com remuneração inferior ao piso nacional de salários, verifica-se que o total representava 19,11% da população economicamente ativa em novembro, contra 18,41% em outubro. Em novembro de 1986, quando vigorava o salário mínimo, esta relação havia chegado a 16,63% na média das seis regiões metropolitanas.

Já a comparação dos rendimentos reais médios das pessoas ocupadas em outubro de 1987, relativamente a setembro, mostra variações de pequena expressão nas regiões metropolitanas pesquisadas. No confronto com os resultados de outubro de 1986, no entanto, a conclusão é a de que o poder de compra dos rendimentos dos trabalhadores em outubro de 1987 foi sensivelmente inferior em todas as regiões. As maiores perdas foram as sofridas pelos trabalhadores por conta própria, que chegaram a atingir 40% em Belo Horizonte. Na média para todas as regiões, e computados todos os ocupados, chega-se a perdas da ordem de 25%. Registre-se, porém, que de julho a outubro de 1987 houve ganhos reais em todas as regiões, na faixa de 5 a 7%.

A produção industrial brasileira aumentou cerca de 1,9% em novembro, relativamente a outubro, quando a série de índices é expurgada de seu componente sazonal. Em relação ao mesmo mês do ano passado, no entanto, observou-se queda de 2,15%. Com isso, o índice acumulado de janeiro a novembro de 1987 foi 1,3% superior ao do mesmo período de 1986. Já o acumulado nos 12 meses terminados em novembro de 1987 situou-se em 1,7% positivos. Com isso, é possível especular em torno de valores da ordem de 1% para o crescimento industrial no ano de 1987.

A desagregação por categorias de uso mostra que a taxa de crescimento da indústria só tem sido positiva, dado o desempenho do grupo dos bens de consumo não-duráveis. A dos bens de capital e especialmente a dos duráveis de

consumo tem sido negativa nos últimos meses.

Registre-se, a partir dos resultados de novembro, que a desaceleração industrial que se observa desde o final do primeiro trimestre de 1987 prossegue, mas de forma atenuada.

Quanto aos resultados da produção industrial por regiões, observa-se em novembro uma melhora generalizada em relação aos resultados de outubro. Apesar disso, os índices para os principais parques industriais do Brasil vêm mantendo, para períodos mais longos, trajetória declinante.

Os resultados mais favoráveis são os que se referem à indústria nordestina nos últimos meses, e decorrem do processamento industrial da safra de cana-de-açúcar. Isso fez com que o indicador acumulado nos últimos 12 meses relativo a essa região aumentasse de 3,1% até outubro para 4,0% até novembro.

A importância do desempenho industrial do estado de Pernambuco para estes resultados merece ser destacada. No acumulado no ano, embora seja observada uma tendência declinante nos últimos meses, a taxa chegou a 7,93%, tendo sido de 7,69% no acumulado nos últimos 12 meses findos em novembro. Já para o outro estado nordestino para o qual se dispõe de índices, a Bahia, os resultados não são brilhantes, registrando a virtual estagnação da produção industrial em 1987 relativamente a 1986.

No que se refere aos demais estados e regiões individualmente pesquisados, os resultados de novembro replicam, em termos gerais, o que se observou para o país como um todo.

O custo médio da construção civil em novembro apresentou elevação de 12,87% em relação a outubro, tendo acumulado 56,21% desde maio (7,72% em média ao mês). Os maiores aumentos

vêm sendo registrados nas regiões Norte e Sul, e os menores na Sudeste.

A seção final de *Indicadores IBGE* apresenta os resultados de dezembro referentes às estimativas da safra 87 para os principais produtos cultivados no país.

O confronto dessas estimativas com as do mês anterior permite constatar que poucas alterações merecem destaque: a mandioca, onde a revisão aponta para uma redução de 5,3% na estimativa anterior; tomate, com aumento de 3,3% sobre a estimativa anterior; trigo, *idem* de 2,6%, e algodão, 2,4%; finalmente, a cana-de-açúcar com redução de 1,3% em relação à estimativa anterior.

Comparando-se com a safra colhida em 1986, os resultados de 1987 são francamente favoráveis para a maioria dos produtos: dos 15 principais produtos (do grupo de 33 que são acompanhados), apenas cinco apresentaram redução na produção: algodão (-26,7%), amendoim (-9,2%), feijão (-9,1%), mamona (-59,1%) e mandioca (-8,4%). Nos dois primeiros casos os decréscimos foram devidos a reduções na área cultivada; nos três seguintes somam-se a esse fator reduções também no rendimento.

Quase todos os demais produtos principais tiveram aumentos significativos na produção, com destaque para a cebola (34,8%), milho (30,4%), batata-inglesa (27,8%), soja (26,1%), sorgo (24,5%), cana-de-açúcar (13,4%), tomate (11,11%) e trigo (4,5%).

Este número de *Indicadores IBGE* apresenta também o terceiro prognóstico de área e o primeiro de produção para a safra 88, realizados em dezembro e relativos à safra de verão para o Centro-Sul e Rondônia. A combinação das variações — algumas positivas, outras negativas — com projeções para a safra de inverno de 1988 aponta, presentemente, para a possível repetição, no ano em curso, da produção obtida no ano de 1987 quanto a cereais, leguminosas e oleaginosas.

Finalmente, e no que diz respeito ao desempenho do setor agropecuário como um todo — isto é, incluindo a produção das lavouras e a produção animal — em 1987, os dados disponíveis até o

momento apontam para uma taxa de crescimento de 15,51% nas lavouras e 10,42% na produção animal. Com isto o crescimento do PIB da agropecuária será de 13,52%.

ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR, ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR

RESULTADOS DO INPC E DO IPCA

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — apresentou, no mês de dezembro, variação de 13,97% e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA — variou 14,15%.

Os resultados acumulados encontram-se na tabela abaixo:

Os acentuados aumentos nos preços dos produtos farmacêuticos e dos artigos de higiene pessoal fizeram com que o grupo Saúde e Cuidados Pessoais apresentasse a maior variação no INPC do mês de dezembro; o grupo Habitação, o segundo de maior variação, foi pressionado, principalmente, pelos artigos de limpeza e gás de bujão; em Transporte e Comunicação os destaques foram os aumentos ocorridos nas passagens dos ônibus urbanos e nos preços dos au-

VARIAÇÕES DO INPC E DO IPCA, COM ÍNDICES ACUMULADOS

ÍNDICES	VARIAÇÃO (%)			Número índice março/86 = 100
	Acumulado em três meses	Acumulado no ano	Acumulado em doze meses	
INPC sem empréstimo compulsório	45,24	396,00	396,00	589,45
INPC com empréstimo compulsório	45,24	394,60	394,60	590,01
IPCA sem empréstimo compulsório	46,10	373,95	373,95	615,90
IPCA com empréstimo compulsório	46,10	363,41	363,41	616,43

tomóveis usados; dentre os produtos alimentícios os principais destaques foram o pão francês, refeição em restaurante, arroz, carnes industrializadas, leite pasteurizado, óleo de soja, margarina vegetal, feijão-preto, frango, café moído, ovos e farinha de mandioca; o grupo Vestuário não apresentou destaques; os Artigos de Residência ficaram com a segunda menor variação seguidos das Despesas Pessoais, onde o cigarro foi o principal destaque.

A região metropolitana que apresentou o maior índice foi Recife (16,05%) devido ao crescimento dos preços do grupo Alimentação (15,33%), Habitação (18,71%) e Artigos de Residência (15,14%). Dentre os produtos alimentícios, os destaques foram: tubérculos, raízes e legumes (32,68%), hortaliças e verduras (15,32%), carnes (12,21%) e pescado (15,02%).

NOTA EXPLICATIVA DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor – IPC – é o indexador oficial da economia brasi-

leira, criado através do Decreto-Lei n.º 2.284 de 10 de março de 1986. De 28 de fevereiro de 1986 até outubro do mesmo ano, o IPC foi calculado pela metodologia do IPCA, de novembro de 1986 em diante, passou a ser calculado pela metodologia do INPC.

O número índice de fevereiro refere-se à data de 28-02-86.

A variação de março de 1986 corresponde ao movimento de preços observados entre o dia 28 de fevereiro de 1986 e a base, definida pelos preços coletados em março de 1986.

Até maio de 1987, o IPC foi calculado com base nos preços coletados no mês civil. O IPC de junho de 1987 foi obtido comparando-se a média dos preços vigentes no período de 16 a 22 de junho com a média dos preços constatados no mês de maio, conforme determinação do Decreto-Lei n.º 2.335 de 12 de junho de 1987 e a Portaria n.º 186 de 18 de junho de 1987. A partir de junho, também em cumprimento ao Decreto-Lei n.º 2.335, o IPC passou a ser calculado com base na média dos preços apurados entre o início da segunda quinzena do mês anterior e o término da primeira quinzena do mês de referência.

1 - VARIAÇÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS,
SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS
INPC - Dezembro de 1987

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transp. e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	11,28	9,74	14,81	8,98	16,45	3,44	25,71	9,26
Fortaleza.....	12,71	12,07	17,97	13,65	13,83	4,56	23,91	9,64
Recife.....	16,05	15,33	18,71	15,14	16,10	13,77	29,49	11,27
Salvador.....	13,43	13,10	14,99	13,77	10,71	6,74	27,24	11,40
Belo Horizonte.....	13,92	13,46	14,26	12,12	10,99	14,70	24,80	12,20
Rio de Janeiro.....	15,02	14,09	15,88	13,68	11,31	19,54	31,69	10,14
São Paulo.....	12,95	13,77	12,12	9,01	12,08	9,54	26,09	10,45
Curitiba.....	14,23	14,20	12,80	12,86	10,90	19,01	24,13	9,90
Porto Alegre.....	15,43	13,69	14,04	12,47	10,83	29,36	28,12	10,18
Brasília, DF.....	14,56	13,61	14,12	9,43	11,75	20,95	26,80	12,35
INPC.....	13,97	13,69	14,00	11,21	12,05	13,97	27,52	10,52

IPCA - Dezembro de 1987

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transp. e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	11,95	9,43	14,77	11,40	16,00	10,60	22,85	9,50
Fortaleza.....	13,05	10,92	16,92	12,60	13,00	12,69	21,78	11,09
Recife.....	15,59	14,82	15,61	15,14	16,07	15,94	26,96	12,23
Salvador.....	13,45	12,51	14,07	12,83	11,28	11,49	23,35	14,13
Belo Horizonte.....	14,46	13,24	15,72	12,57	10,60	14,89	21,83	14,97
Rio de Janeiro.....	14,43	13,57	15,53	13,67	11,71	15,38	26,54	11,32
São Paulo.....	13,83	14,02	17,05	9,48	11,83	11,12	22,24	12,40
Curitiba.....	13,59	13,56	13,80	11,68	10,51	13,98	20,76	12,24
Porto Alegre.....	14,84	13,11	14,89	11,53	10,48	19,92	25,53	11,35
Brasília, DF.....	14,60	12,40	13,79	11,38	11,12	17,66	23,01	14,59
IPCA.....	14,15	13,52	16,04	11,46	11,86	13,41	23,91	12,12

**2 – PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIAÇÃO MENSAL
INPC – Dezembro de 1987**

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Ônibus urbano	15,99	0,97
Artigo de higiene pessoal	27,96	0,83
Pão francês	12,98	0,79
Produtos farmacêuticos	33,60	0,71
Artigos de limpeza	24,27	0,65
Refeição em restaurante	16,25	0,65
Arroz	15,98	0,52
Carnes industrializadas	19,58	0,33
Gás de bujão	17,65	0,30
Aluguel residencial	7,03	0,29
Ovos	33,11	0,29
Leite pasteurizado	10,84	0,27
Cigarro	5,92	0,25
Óleo de soja	28,49	0,22
Margarina	62,56	0,22
Automóveis usados	10,22	0,22
Feijão-preto	38,23	0,19
Frango	12,03	0,19
Café	15,67	0,19
Farinha de mandioca	25,78	0,16
Somatório	-	8,24

IPCA – Dezembro de 1987

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Automóveis novos	15,36	0,98
Refeição em restaurante	17,22	0,77
Gasolina	16,90	0,71
Artigos de higiene pessoal	28,70	0,68
Automóveis usados	10,77	0,60
Ônibus urbano	16,93	0,58
Produtos farmacêuticos	33,74	0,50
Artigos de limpeza	25,44	0,47
Aluguel residencial	16,12	0,47
Pão francês	12,59	0,42
Associações esportivas	7,77	0,29
Cursos formais	26,22	0,29
Arroz	16,66	0,26
Carnes industrializadas	21,62	0,25
Leite pasteurizado	10,61	0,22
Ovos	35,74	0,17
Cigarro	5,88	0,17
Gás de bujão	17,65	0,16
Conserto de automóveis	11,51	0,16
Óleo de soja	29,09	0,13
Somatório	-	8,26

3 - VARIAÇÃO GERAL E ACUMULADA - 1986/87 IPC - Dezembro de 1987

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 86 = 100)	VARIAÇÃO (%)			
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1986					
Fevereiro.....	100,11				
Março.....	100,00	-0,11			
Abril.....	100,78	0,78			
Maió.....	102,19	1,40	2,08		
Junho.....	103,49	1,27	3,49		
Julho.....	104,72	1,19	3,91		
Agosto.....	106,48	1,68	4,20		
Setembro.....	108,31	1,72	4,66		
Outubro.....	110,37	1,90	5,40		
Novembro.....	114,00	3,29	7,06		
Dezembro.....	122,29	7,27	12,91	22,16	
1987					
Janeiro.....	142,86	16,82	29,44	16,82	
Fevereiro.....	162,77	13,94	42,78	33,10	62,59
Março.....	186,21	14,40	52,27	52,27	86,21
Abril.....	225,24	20,96	57,66	84,19	123,50
Maió.....	277,52	23,21	70,50	126,94	171,57
Junho.....	349,84	26,06	87,87	186,07	238,04
Julho.....	360,51	3,05	60,06	194,80	244,26
Agosto.....	383,44	6,36	38,17	213,55	260,11
Setembro.....	405,22	5,68	15,83	231,36	274,13
Outubro.....	442,42	9,18	22,72	261,78	300,85
Novembro.....	499,23	12,84	30,20	308,23	337,92
Dezembro.....	569,82	14,14	40,82	365,96	365,96

4 - PONDERAÇÃO E VARIAÇÃO MENSAL IPC - Dezembro de 1987

GRUPOS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Geral.....	100,00	14,14
Alimentação.....	42,69	14,59
Habitação.....	14,54	12,37
Artigos de Residência.....	6,20	10,20
Vestuário.....	8,56	13,31
Transporte e Comunicação.....	10,72	16,38
Saúde e Cuidados Pessoais.....	6,05	20,68
Despesas Pessoais.....	11,24	11,91

5 – PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIAÇÃO MENSAL
IPC – Dezembro de 1987

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Ônibus urbano	17,25	1,30
Pão francês	12,74	0,79
Arroz	21,57	0,71
Refeição em restaurante	16,51	0,66
Carnes	10,58	0,60
Artigos de higiene pessoal	20,20	0,60
Produtos farmacêuticos	23,02	0,52
Óleo de soja	48,26	0,37
Cigarro	7,40	0,34
Carnes industrializadas	18,89	0,32
Automóveis usados	14,22	0,29
Aluguel	7,06	0,29
Leite pasteurizado	10,41	0,27
Farinha de mandioca	41,05	0,27
Gás de bujão	14,55	0,25
Associações esportivas	12,61	0,23
Frango	13,62	0,21
Sabão em pedra	13,64	0,21
Pescado	18,99	0,18
Lanche em restaurante	18,18	0,18
Somatório	-	7,99

6 – VARIAÇÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS,
SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS
IPC – Dezembro de 1987

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém	13,32	12,38	12,48	11,33	16,00	20,89	19,74	8,86
Fortaleza	12,23	11,44	13,17	14,99	12,97	12,91	17,83	9,91
Recife	15,94	15,52	16,11	11,68	17,75	21,24	22,21	9,94
Salvador	16,67	18,47	12,59	11,94	15,14	15,14	24,01	12,88
Belo Horizonte	14,42	14,42	13,07	11,65	13,52	16,00	19,41	14,07
Rio de Janeiro	14,86	16,11	16,01	11,13	14,75	8,29	24,55	12,25
São Paulo	13,04	13,25	9,61	8,66	11,52	19,77	18,67	10,91
Curitiba	13,62	14,15	10,82	11,04	10,65	15,61	21,45	13,16
Porto Alegre	14,66	14,56	14,59	9,54	11,96	18,24	18,93	14,12
Brasília, DF	15,34	13,69	15,25	10,69	12,63	28,89	19,01	14,01
IPC	14,14	14,59	12,37	10,20	13,31	16,38	20,66	11,91

SÉRIES HISTÓRICAS DAS VARIAÇÕES MENSIS E ACUMULADAS – 1987
INPC – RESTRITO

MESES	NÚMERO ÍNDICE MARÇO/86 = 100	VARIÇÃO (%)	
		Mensal	Acumulada desde 28-02-86
Janeiro sem empréstimo compulsório	138,83		37,01
Janeiro com empréstimo compulsório	139,35	16,82	37,52
Fevereiro sem empréstimo compulsório	158,18		56,10
Fevereiro com empréstimo compulsório	158,78	13,94	56,70
Março sem empréstimo compulsório	180,96		78,58
Março com empréstimo compulsório	181,64	14,40	79,26
Abril sem empréstimo compulsório	218,89	20,96	116,02
Abril com empréstimo compulsório	219,71		116,83
Maió sem empréstimo compulsório	269,69	23,21	166,15
Maió com empréstimo compulsório	270,55	23,14	167,00
Junho sem empréstimo compulsório	327,51	21,44	223,21
Junho com empréstimo compulsório	328,18	21,30	223,87
Julho sem empréstimo compulsório	360,42	10,05	255,69
Julho com empréstimo compulsório	360,77	9,93	256,03
Agosto sem empréstimo compulsório	378,77		273,80
Agosto com empréstimo compulsório	379,13	5,09	274,15
Setembro sem empréstimo compulsório	405,85		300,52
Setembro com empréstimo compulsório	406,24	7,15	300,91
Outubro sem empréstimo compulsório	450,01		344,10
Outubro com empréstimo compulsório	450,44	10,88	344,53
Novembro sem empréstimo compulsório	517,20		410,41
Novembro com empréstimo compulsório	517,69	14,93	410,90
Dezembro sem empréstimo compulsório	589,45		481,71
Dezembro com empréstimo compulsório	590,01	13,97	482,27

NOTAS – 1. O número índice de fevereiro refere-se ao dia 28-02-86.

2. A variação de março corresponde ao movimento de preços observados entre o dia 28 de fevereiro e a base, definida pelos preços coletados no mês de março.

3. Para se obter o número índice com base = 100 no dia 28-02-86, basta dividir cada número índice mensal pelo valor 1,0133.

SÉRIES HISTÓRICAS DAS VARIACÕES MENSIS E ACUMULADAS – 1987
IPCA – AMPLO

MESES	NÚMERO ÍNDICE MARÇO/86 = 100	VARIACÃO (%)	
		Mensal	Acumulada desde 28-02-86
Janeiro sem empréstimo compulsório	147,12		46,96
Janeiro com empréstimo compulsório	150,59	13,21	50,42
Fevereiro sem empréstimo compulsório	165,72		65,54
Fevereiro com empréstimo compulsório	169,62	12,64	69,43
Março sem empréstimo compulsório	192,85		92,64
Março com empréstimo compulsório	197,39	16,37	97,17
Abril sem empréstimo compulsório	229,68	19,10	129,43
Abril com empréstimo compulsório	235,09		134,83
Maiο sem empréstimo compulsório	280,42	22,09	180,11
Maiο com empréstimo compulsório	285,52	21,45	185,21
Junho sem empréstimo compulsório	338,41	20,68	238,04
Junho com empréstimo compulsório	341,80	19,71	241,42
Julho sem empréstimo compulsório	372,96	10,21	272,55
Julho com empréstimo compulsório	373,28	9,21	272,87
Agosto sem empréstimo compulsório	391,12		290,69
Agosto com empréstimo compulsório	391,46	4,87	291,03
Setembro sem empréstimo compulsório	421,55		321,09
Setembro com empréstimo compulsório	421,92	7,78	321,46
Outubro sem empréstimo compulsório	468,85		368,33
Outubro com empréstimo compulsório	469,26	11,22	368,74
Novembro sem empréstimo compulsório	539,55		438,96
Novembro com empréstimo compulsório	540,02	15,08	439,43
Dezembro sem empréstimo compulsório	615,90		515,22
Dezembro com empréstimo compulsório	616,43	14,15	515,75

NOTAS – 1. O número índice de fevereiro refere-se ao dia 28-02-86.

2. A variação de março corresponde ao movimento de preços observados entre o dia 28 de fevereiro e a base, definida pelos preços coletados no mês de março.

3. Para se obter o número índice com base = 100 no dia 28-02-86, basta dividir cada número índice mensal pelo valor 1,0011.

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

A taxa média de desemprego aberto das Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre caiu de 3,96% em outubro para 3,63% em novembro de 1987. Em comparação com os resultados de novembro, dos anos anteriores, constatou-se que a taxa média de desemprego aberto de novembro de 1987 superou, apenas, a de 1986.

No conjunto das seis regiões metropolitanas, o número de indivíduos à procura de trabalho em novembro de 1987 apresentou redução de 8,2% em relação ao do mês anterior, o que significou decréscimo de 52 937 pessoas desocupadas. Em 1987, o contingente de pessoas à procura de trabalho atingiu o seu valor máximo em julho, decrescendo continuamente a partir de agosto. O relacionamento do total de pessoas desocupadas existente no conjunto das seis regiões metropolitanas, em novembro com o de julho de 1987, indicou uma retração de 18,0%, ou seja, uma diminuição de 129 174 indivíduos.

Em novembro de 1987, a menor taxa de desemprego aberto foi de 3,07%, encontrada para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A taxa de desemprego aberto mostrou de outubro para novembro de 1987 queda expressiva nas Regiões Metropolitanas de São Paulo (de 4,18% para 3,78%) e Porto Alegre (de 3,95% para 3,35%). Para esta última baixa, contribuíram, principalmente, as reduções nas taxas de desemprego das indústrias de transformação e do comércio ocorridas na Região Metropolitana de Porto Alegre.

O confronto com os resultados de novembro de 1986 revelou que a taxa de desemprego aberto manteve-se estável somente na Região Metropolitana de Salvador, tendo aumentado nas demais. As alterações foram de 3,30% para 5,22% na Região Metropolitana de Recife; de 2,54% para 3,68% na de Belo Horizonte; de 2,63% para 3,07% na do Rio de Janeiro; de 2,43% para 3,78% na de São Paulo; e de 2,54% para 3,35% na de Porto Alegre.

Pôde-se observar, ainda, que a taxa de desemprego aberto em novembro de 1987 fixou-se praticamente no mesmo nível do mês correspondente a 1985 nas Regiões Metropolitanas de Recife e São Paulo, permanecendo sensivelmente menor nas demais.

Com referência ao contingente de pessoas desocupadas, cabe destacar o declínio de 16,5% ocorrido de outubro para novembro de 1987 na Região Metropolitana de Porto Alegre.

No que concerne à proporção de chefes de unidades domiciliares desocupados em relação ao total de pessoas desocupadas, notou-se que em novembro de 1987 este indicador atingiu o menor valor da série da Região Metropolitana de Recife (14,42%), acusando forte redução em relação ao do mesmo mês de 1986, quando estava situado em 24,30%.

Dentre as variações encontradas de outubro para novembro de 1987, nas taxas de desemprego dos setores de atividade, sobressaíram-se as quedas relacionadas em seguida:

Indústrias de transformação — de 7,11% para 5,13% na Região Metropolitana de Recife; de 5,77% para 4,50% na do Rio de Janeiro; e de 4,45% para 3,08% na de Porto Alegre.

Comércio — de 6,17% para 4,37% na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Outras atividades — de 1,84% para 0,70% na Região Metropolitana de São Paulo.

Por outro lado, no confronto com os resultados de novembro de 1986, destacaram-se as acentuadas elevações observadas nas seguintes taxas de desemprego:

Indústrias de transformação — de 2,62% para 4,24% na Região Metropolitana de Belo Horizonte; de 2,44% para 4,50% na do Rio de Janeiro; e de 2,70% para 4,99% na de São Paulo.

Construção civil — de 3,59% para 7,28% na Região Metropolitana de Recife; de 3,45% para 6,07% na de Salvador; de 2,46% para 4,95% na de Belo Horizonte; de 1,61% para 2,72% na do Rio de Janeiro; de 1,84% para 3,62% na de São Paulo; e de 2,45% para 4,73% na de Porto Alegre.

Comércio — de 2,67% para 4,38% na Região Metropolitana de Recife; de 3,41% para 4,82% na de Salvador; de 3,06% para 4,39% na de Belo Horizonte; de 2,10% para 3,37% na de São Paulo; e de 2,49% para 4,37% na de Porto Alegre.

Serviços — de 2,15% para 4,25% na Região Metropolitana de Recife; de 1,96% para 2,77% na de Belo Horizonte; e de 2,15% para 2,91% na de São Paulo.

VARIAÇÃO DOS RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS DO TRABALHO PRINCIPAL, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS E A POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

REGIÕES METROPOLITANAS E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	VARIAÇÃO DOS RENDIMENTOS MÉDIOS REAIS DO TRABALHO PRINCIPAL (%)		
	Outubro 86/ outubro 87	Julho 87/ outubro 87	Setembro 87/ outubro 87
Belo Horizonte			
Ocupados.....	-32,7	6,3	-2,2
Empregados com carteira.....	-25,0	4,1	-0,2
Empregados sem carteira.....	-34,7	17,0	-0,8
Conta própria.....	-40,6	12,8	-1,9
Rio de Janeiro			
Ocupados.....	-20,6	7,3	-1,0
Empregados com carteira.....	-19,3	6,1	-0,7
Empregados sem carteira.....	-10,4	6,2	2,6
Conta própria.....	-33,7	10,4	-1,1
São Paulo			
Ocupados.....	-24,7	5,5	-2,5
Empregados com carteira.....	-21,2	5,6	-2,2
Empregados sem carteira.....	-22,3	2,7	-1,2
Conta própria.....	-29,2	10,0	1,8
Porto Alegre			
Ocupados.....	-25,2	5,7	0,5
Empregados com carteira.....	-21,2	6,0	0,6
Empregados sem carteira.....	-28,4	3,0	-2,8
Conta própria.....	-36,4	18,3	2,8

Outras atividades — de 0,69% para 1,56% na Região Metropolitana de Belo Horizonte; e de 0,85% para 1,80% na de Porto Alegre.

Adicionando-se às pessoas desocupadas as ocupadas que não receberam remuneração ou auferiram menos que o piso nacional de salários e relacionando-se esta soma ao total de pessoas economicamente ativas, verificou-se que de outubro para novembro de 1987, este indicador apresentou significativo crescimento de 25,69% para 27,89% na Região Metropolitana de Salvador; e de 24,53% para 26,11% na de Belo Horizonte.

Fazendo-se a comparação com os resultados atingidos por este indicador em novembro de 1986, quando vigorava o salário mínimo, caracterizou-se acentuada elevação em cinco regiões metropolitanas. Esta taxa passou de 25,91% para 34,28% na Região Metropolitana de Recife; de 24,32% para 27,89% na de Salvador; de 21,77% para 26,11% na de Belo Horizonte; de 11,83% para 14,38% na de São Paulo; e de 15,75% para 17,69% na de Porto Alegre.

A taxa de atividade permaneceu praticamente inalterada de outubro para novembro de 1987. Entretanto, em relação a novembro de 1986, houve crescimento de 53,59% para 55,43% na Região Metropolitana de Recife; e declínio de 62,27% para 60,42% na de Salvador; e de 59,66% para 58,67% na do Rio de Janeiro.

Desde fevereiro de 1987, a taxa de atividade da Região Metropolitana de Recife firmou-se em patamar nitidamente mais elevado que o do ano passado, mas, apesar desta ascensão, não conseguiu recuperar o nível em que se situava em 1982.

Na Região Metropolitana de Salvador, a taxa de atividade revelou comportamento antagônico ao que foi observado na de Recife. Desde fevereiro, os valores desta taxa vêm se mantendo significativamente menores que os dos meses correspondentes a 1986.

A distribuição de pessoas ocupadas segundo os setores de atividade manteve-se estável de outubro para novembro de 1987. Entretanto, em relação a novembro de 1986, houve modificações sensíveis nas proporções de pessoas ocupadas nos seguintes setores:

Indústrias de transformação — quedas de 15,53% para 13,97% na Região Metropolitana de Recife; de 18,55% para 17,32% na do Rio de Janeiro; e de 37,37% para 34,80% na de São Paulo.

Construção civil — queda de 9,98% para 8,87% na Região Metropolitana de Salvador.

Serviços — altas de 50,98% para 53,00% na Região Metropolitana de Salvador; de 49,59% para 51,00% na de Belo Horizonte; e de 40,56% para 42,44% na de São Paulo.

À proporção de empregados com carteira de trabalho assinada em relação ao total de pessoas ocupadas ficou praticamente inalterada de outubro para novembro de 1987. Todavia, desde agosto de 1987, esta proporção vem mostrando expressivo decréscimo em relação à do mês correspondente a 1986 na Região Metropolitana de Recife, tendo decaído de 50,14% para 48,12% em novembro. Cabe destacar que Recife é a Região Metropolitana que detém o menor patamar desta proporção, desde o início da série.

Ao se comparar os rendimentos médios reais do trabalho principal de outubro de 1987 com os do mês anterior, verificou-se que as variações encontradas foram irrelevantes para todas as categorias de trabalhadores nas Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Em relação a julho de 1987, primeiro mês de congelamento de preços conforme estabelecido no Decreto-Lei 2.335/87, os trabalhadores por conta própria auferiram ganhos reais consideráveis nas quatro Regiões Metropolitanas: 12,8% na de Belo Horizonte; 10,4% na do Rio de Janeiro; 10,0% na de São Paulo; e 18,3% na de Porto Alegre. Destacou-se, também, o acréscimo de 17,0% observado nos rendimentos médios reais dos empregados sem carteira de trabalho assinada, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

O confronto com os resultados de outubro de 1986 mostrou que o poder de compra dos rendimentos dos trabalhadores em outubro deste ano foi nitidamente inferior nas quatro Regiões Metropolitanas consideradas. Neste exame, caracterizou-se que as maiores perdas foram as sofridas pe-

los trabalhadores por conta própria que atingiram 40,6% na Região Metropolitana de Belo Horizonte; 33,7% na do Rio de Janeiro; 29,2% na de São Paulo; e 36,4% na de Porto Alegre. A menor redução ocorreu no rendimento médio real dos empregados sem carteira de trabalho assinada, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro que foi de 10,4%.

NOTA EXPLICATIVA

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego — PME — são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Principais Conceitos

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

Trabalho — considera-se como trabalho o exercício de:

- a) ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos; e
- b) ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Pessoas Ocupadas — Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele, trabalharam, ou tinham trabalho mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

Pessoas Desocupadas — Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de re-

ferência de 30 dias, conforme o período considerado).

Pessoas Economicamente Ativas — PEA — Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

Pessoas Não-economicamente Ativas — Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

Empregados — Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para empregador, geralmente cumprindo uma jornada de trabalho e recebendo como contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos.

Conta Própria — Consideram-se como conta própria as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

Empregadores — Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

Não Remunerados — Consideram-se como não remunerados as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Rendimento de Trabalho — Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, inclui-se as parcelas referentes ao 13.º salário (14.º, 15.º, etc.) e à participação nos lucros paga pela empresa que tiver sido recebida no mês de referência. Para os empregadores e trabalhadores por conta própria, considera-se a retirada feita ou ganho líquido (rendimento bruto menos as

despesas efetuadas com o negócio ou profissão — salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência.

Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, efetivamente, recebido no mês de referência.

Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.) efetivamente recebido no mês de referência.

Semana de Referência — é aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.

Período de Referência de 30 dias — são os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

Mês de Referência — é aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

ESTIMATIVAS DE VALORES ABSOLUTOS

As estimativas dos valores absolutos apresentadas foram obtidas através de um estimador de razão. De uma forma simplificada, este estimador pode ser descrito como o produto de uma estimativa indepen-

dente da população residente pela relação entre o valor da variável considerada e o total de pessoas residentes, ambos estimados através da amostra.

$$\hat{X} = P \frac{\hat{X}^*}{\hat{Y}^*}, \text{ onde:}$$

P — população residente obtida por estimativa independente;

\hat{X}^* — valor da variável estimado através da amostra;

\hat{Y}^* — total de pessoas residentes estimado através da amostra.

A metodologia adotada para a revisão da estimativa da população residente considerou que a participação relativa das regiões metropolitanas, em relação à população total das respectivas Unidades da Federação, obedecia, no tempo, a um comportamento logístico.

Os limites dessas curvas logísticas foram determinados levando-se em conta a evolução das referidas participações no período 1970-1985, conforme procedimento metodológico proposto por Frias⁽¹⁾. A partir dos valores das participações e das populações das Unidades da Federação foram obtidas, por multiplicação, as populações residentes nas regiões metropolitanas, no dia 15 de cada mês.

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Emprego e Rendimento (DEREN), Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539.

(1) FRIAS, Luiz Armando de Medeiros. Determinação do limite superior ou inferior de curvas logísticas em projetos de população com base na tendência passada. Rio de Janeiro, DEPOP/IBGE, 1987 (a ser publicado).

1 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA) – 1986/87

Pessoas desocupadas em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	5,34	3,58	5,07	3,73	4,41	3,52	3,86	2,87	4,09	3,25	3,89	3,15	4,18	3,19
Fevereiro	4,82	4,34	4,56	3,41	5,39	4,00	3,86	3,33	4,40	3,12	4,82	3,60	4,40	3,38
Março	4,50	4,48	4,70	3,94	4,79	3,03	4,25	3,05	4,19	3,12	5,28	4,04	4,39	3,28
Abril	5,25	4,37	4,96	3,85	4,33	3,82	3,71	2,78	4,06	3,46	5,01	3,86	4,17	3,39
Maió	4,61	6,18	4,82	4,07	4,37	4,48	4,20	3,73	3,73	3,78	4,40	3,59	4,08	3,97
Junho	5,20	6,09	4,74	4,75	3,86	4,88	3,73	3,90	3,37	4,45	4,21	4,28	3,76	4,43
Julho	4,94	6,07	4,94	3,38	3,77	4,70	3,64	3,80	3,09	4,57	3,98	5,02	3,60	4,47
Agosto	4,30	5,82	5,06	4,12	3,54	4,12	3,45	3,19	3,20	4,63	3,51	4,73	3,50	4,22
Setembro	3,99	6,18	4,31	4,57	3,03	4,05	3,26	3,46	2,93	3,95	3,61	4,46	3,23	4,03
Outubro	3,48	5,67	3,91	4,22	2,43	3,54	3,02	3,35	2,89	4,18	2,83	3,95	2,98	3,96
Novembro	3,30	5,22	3,78	3,90	2,54	3,68	2,63	3,07	2,43	3,78	2,54	3,35	2,64	3,63
Dezembro	2,97		3,66		2,21		2,29		1,75		2,34		2,16	

2 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ – 1986/87

Pessoas desocupadas que nunca trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	1,15	0,74	1,00	0,53	0,66	0,46	0,51	0,34	0,64	0,23	0,47	0,39	0,65	0,34
Fevereiro	1,00	0,70	0,99	0,50	0,97	0,57	0,56	0,39	0,51	0,20	0,70	0,39	0,64	0,35
Março	0,68	0,90	0,86	0,70	0,85	0,41	0,56	0,22	0,39	0,26	0,71	0,46	0,55	0,33
Abril	1,04	0,77	0,84	0,46	0,77	0,50	0,55	0,31	0,39	0,15	0,49	0,34	0,54	0,29
Maió	0,73	1,14	0,75	0,59	0,57	0,39	0,61	0,35	0,31	0,18	0,44	0,29	0,48	0,33
Junho	0,95	0,90	0,59	0,52	0,61	0,48	0,57	0,38	0,25	0,15	0,54	0,22	0,46	0,32
Julho	0,89	0,86	0,68	0,46	0,64	0,38	0,55	0,30	0,25	0,19	0,38	0,26	0,44	0,30
Agosto	0,92	0,33	0,94	0,40	0,48	0,38	0,54	0,31	0,29	0,19	0,47	0,33	0,47	0,30
Setembro	0,79	0,96	0,58	0,49	0,51	0,35	0,44	0,27	0,22	0,13	0,43	0,27	0,38	0,27
Outubro	0,75	0,62	0,64	0,53	0,33	0,25	0,41	0,19	0,22	0,22	0,33	0,29	0,35	0,27
Novembro	0,67	0,91	0,57	0,38	0,34	0,30	0,30	0,26	0,14	0,12	0,26	0,33	0,27	0,25
Dezembro	0,48		0,68		0,31		0,25		0,08		0,18		0,21	

3 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM – 1986/87

Pessoas desocupadas que trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	4,19	2,84	4,07	3,20	3,75	3,06	3,35	2,53	3,45	3,02	3,42	2,76	3,53	2,85
Fevereiro	3,82	3,64	3,57	2,91	4,42	3,43	3,30	2,94	3,89	2,92	4,12	3,21	3,76	3,03
Março	3,82	3,58	3,84	3,24	3,94	2,62	3,69	2,83	3,80	2,86	4,57	3,58	3,84	2,95
Abril	4,21	3,60	4,12	3,39	3,56	3,32	3,16	2,47	3,87	3,31	4,52	3,52	3,63	3,10
Maió	3,88	5,04	4,07	3,48	3,80	4,09	3,59	3,38	3,42	3,60	3,96	3,30	3,60	3,64
Junho	4,25	5,19	4,15	4,23	3,25	4,40	3,16	3,52	3,12	4,30	3,67	4,06	3,30	4,11
Julho	4,05	5,21	4,26	3,02	3,13	4,32	3,09	3,50	2,84	4,38	3,60	4,76	3,16	4,17
Agosto	3,38	4,99	4,12	3,72	3,06	3,74	2,91	2,88	2,91	4,44	3,04	4,40	3,03	3,92
Setembro	3,20	5,22	3,73	4,08	2,52	3,70	2,82	3,19	2,71	3,82	3,18	4,19	2,85	3,76
Outubro	2,73	4,85	3,27	3,69	2,10	3,29	2,61	3,16	2,67	3,96	2,50	3,66	2,63	3,69
Novembro	2,63	4,31	3,21	3,52	2,20	3,38	2,33	2,81	2,29	3,66	2,28	3,02	2,37	3,38
Dezembro	2,49		3,00		1,90		2,04		1,67		2,16		1,95	

4 — TAXA DE DESEMPREGO: CHEFES DE DOMICÍLIO — 1986/87

Chefes de unidades domiciliares, desocupados, em relação às pessoas desocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	18,07	20,08	22,70	16,94	18,11	17,84	24,41	19,72	21,11	23,62	22,52	22,64	21,83	21,32
Fevereiro.....	20,12	22,65	22,33	22,79	15,46	13,60	22,33	15,00	20,55	25,54	19,16	17,15	20,38	20,20
Março.....	24,76	20,58	23,33	18,47	17,07	13,90	19,55	22,07	23,45	25,36	22,31	21,43	21,72	22,10
Abril.....	23,78	22,26	26,06	22,35	16,12	19,65	14,93	19,42	23,13	22,34	22,38	24,24	20,55	21,53
Maió.....	18,83	19,84	21,39	24,47	17,36	19,39	19,65	23,06	21,29	24,77	19,81	22,71	20,17	23,15
Junho.....	22,36	21,52	24,43	28,43	15,11	18,77	21,27	22,20	24,84	28,30	21,53	24,38	22,46	24,85
Julho.....	17,02	21,62	20,75	27,21	17,39	22,50	20,97	24,74	26,11	26,32	21,74	27,22	22,25	25,33
Agosto.....	15,32	17,94	21,43	28,92	20,24	16,84	21,00	24,26	25,34	28,31	22,19	21,19	22,31	25,02
Setembro.....	23,44	20,66	20,12	25,16	16,34	21,19	20,43	20,87	23,61	24,64	24,79	23,93	21,89	22,99
Outubro.....	24,63	17,28	22,45	22,03	18,82	19,84	19,58	22,57	24,75	26,41	21,25	22,61	22,38	23,59
Novembro.....	24,30	14,42	19,93	21,74	18,97	18,11	16,22	20,10	25,51	27,65	28,28	22,59	21,90	23,07
Dezembro.....	22,89		21,20		17,24		18,06		32,63		25,49		24,30	

5 — TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO — 1986/87

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da indústria de transformação, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	4,61	4,30	5,76	3,66	3,60	3,30	4,39	2,97	3,88	4,10	3,54	3,32	4,01	3,76
Fevereiro.....	5,33	5,09	4,18	4,16	4,20	4,34	4,49	3,55	4,16	3,67	4,02	3,68	4,26	3,75
Março.....	5,81	5,22	5,85	5,28	4,31	3,10	4,87	3,06	3,83	3,63	4,82	4,15	4,26	3,61
Abril.....	5,89	4,97	5,25	4,44	3,56	4,74	4,13	3,09	4,19	4,26	4,81	4,70	4,27	4,11
Maió.....	6,44	7,09	6,84	4,59	3,84	4,79	4,99	5,42	3,50	4,81	4,28	3,97	4,06	4,93
Junho.....	6,53	6,62	5,20	5,70	3,60	6,26	3,89	5,82	3,75	5,70	4,50	4,43	3,96	5,69
Julho.....	5,99	7,73	6,03	6,23	3,21	6,44	3,83	6,34	3,36	6,39	3,97	5,90	3,66	6,39
Agosto.....	4,93	6,42	4,72	4,38	3,21	5,34	3,45	5,55	3,26	6,14	3,85	6,43	3,44	5,95
Setembro.....	3,31	6,61	4,16	6,03	2,66	4,62	3,10	5,34	3,11	5,10	3,44	5,64	3,14	5,24
Outubro.....	4,44	7,11	4,36	5,97	2,33	4,63	2,71	5,77	3,20	5,25	2,06	4,45	3,03	5,33
Novembro.....	4,52	5,13	4,42	4,34	2,62	4,24	2,44	4,50	2,70	4,99	2,60	3,08	2,74	4,68
Dezembro.....	3,34		4,33		2,73		2,21		2,04		2,37		2,25	

NOTA — Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

6 — TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL — 1986/87

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da construção civil, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	7,89	4,05	7,51	4,98	5,80	3,45	6,48	2,76	3,30	2,94	5,79	4,60	5,37	3,25
Fevereiro.....	6,81	4,25	6,14	4,23	7,14	4,04	5,27	2,30	3,49	2,88	7,34	3,34	5,15	3,02
Março.....	6,71	4,66	7,90	4,90	5,38	3,77	4,23	3,47	2,60	2,09	5,66	4,40	4,31	3,23
Abril.....	6,71	5,83	7,75	6,14	5,21	3,56	4,19	2,84	3,44	2,50	5,17	3,15	4,51	3,23
Maió.....	6,25	10,69	8,21	4,52	5,88	5,73	4,38	4,14	3,16	3,02	3,90	3,31	4,47	4,29
Junho.....	5,84	10,85	10,17	8,09	5,07	6,24	3,05	6,76	3,48	3,58	5,26	5,68	4,28	5,87
Julho.....	8,54	11,39	9,08	7,48	4,57	6,03	3,18	5,37	2,64	2,77	4,86	8,01	4,00	5,18
Agosto.....	5,30	8,30	7,34	8,58	4,39	4,19	2,61	3,21	2,68	4,63	2,26	6,52	3,31	4,75
Setembro.....	5,51	8,05	6,87	7,25	3,11	5,60	3,11	4,43	2,31	2,39	4,18	4,38	3,30	4,24
Outubro.....	3,40	7,36	4,76	7,00	2,58	4,57	2,93	3,44	2,31	2,35	1,88	3,33	2,79	3,68
Novembro.....	3,59	7,28	3,45	6,07	2,46	4,95	1,61	2,72	1,84	3,62	2,45	4,73	2,11	3,95
Dezembro.....	6,18		5,75		2,62		1,21		2,56		3,19		2,59	

NOTA — Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

7 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DO COMÉRCIO – 1986/87
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor do comércio, em relação
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	5,61	2,77	4,81	4,80	5,10	4,18	3,91	3,50	4,41	2,95	5,30	3,32	4,53	3,33
Fevereiro	5,36	4,75	4,60	4,70	5,68	4,98	3,82	4,52	5,07	2,81	5,45	4,55	4,81	3,86
Março	4,48	4,29	5,59	4,58	5,72	3,65	5,50	4,62	5,59	3,15	5,83	5,22	5,52	3,96
Abril	4,74	4,54	5,67	4,51	4,63	4,68	4,52	3,52	3,93	4,24	6,66	4,35	4,54	4,11
Maió	4,47	5,64	4,34	5,27	4,23	5,93	5,48	4,14	4,80	4,04	4,43	5,09	4,86	4,49
Junho	3,84	5,40	4,92	4,74	4,39	4,81	4,66	4,10	2,99	4,19	5,21	5,71	3,93	4,47
Julho	3,73	5,36	5,74	5,61	3,95	4,87	4,13	4,31	2,51	3,99	4,60	6,34	3,56	4,55
Agosto	3,07	5,88	5,66	4,09	3,38	4,77	4,06	3,92	2,86	4,71	4,29	6,42	3,57	4,69
Setembro	4,54	5,39	4,83	4,68	3,32	5,05	3,72	4,40	2,43	3,73	3,85	5,74	3,31	4,38
Outubro	2,92	4,48	3,35	4,07	2,95	4,07	3,27	3,91	2,87	4,17	3,89	6,17	3,12	4,27
Novembro	2,67	4,38	3,41	4,82	3,06	4,39	3,56	3,40	2,10	3,37	2,49	4,37	2,76	3,71
Dezembro	1,79		3,20		1,81		1,97		1,75		2,74		1,99	

NOTA – Excluíve as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

8 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DOS SERVIÇOS – 1986/87
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor dos serviços, em relação
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS %													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	3,73	2,84	3,40	2,71	3,27	2,88	2,60	2,35	2,92	2,20	2,55	2,09	2,91	2,36
Fevereiro	2,97	3,33	3,15	2,38	4,06	2,64	2,77	2,87	3,47	2,52	3,47	2,92	3,26	2,65
Março	2,96	3,16	3,01	2,49	3,27	1,99	3,07	2,47	3,54	2,33	4,20	2,76	3,35	2,43
Abril	3,43	3,21	3,26	2,68	3,02	2,71	2,64	2,18	3,31	2,44	3,84	2,83	3,11	2,46
Maió	2,88	3,95	3,18	2,72	3,45	3,39	2,97	2,75	3,12	2,67	3,66	2,60	3,13	2,83
Junho	4,14	4,55	3,27	3,37	2,65	3,55	2,87	2,52	2,77	3,53	2,89	3,47	2,91	3,25
Julho	3,48	4,12	3,25	2,85	2,84	3,27	2,93	2,41	2,61	3,31	2,96	3,46	2,86	3,04
Agosto	3,26	4,61	3,40	3,04	2,84	2,94	2,75	1,96	2,75	3,10	2,44	2,77	2,81	2,79
Setembro	2,99	4,92	3,12	3,33	2,39	2,73	2,83	2,26	2,65	3,14	2,89	3,34	2,69	2,96
Outubro	2,34	4,65	3,21	2,90	1,90	2,53	2,62	2,44	2,33	3,21	2,56	2,71	2,46	2,95
Novembro	2,15	4,25	3,27	2,99	1,96	2,77	2,35	2,46	2,15	2,91	2,21	2,54	2,27	2,82
Dezembro	2,35		2,38		1,53		2,37		1,21		1,86		1,81	

NOTA – Excluíve as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

9 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES – 1986/87
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor das outras atividades, em relação
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	1,79	1,06	1,67	1,23	2,26	0,99	2,03	1,13	2,11	1,26	2,26	1,64	2,03	1,19
Fevereiro	2,24	1,56	1,71	0,76	2,38	2,79	1,73	1,36	2,28	0,53	2,89	0,92	2,08	1,21
Março	2,40	2,03	0,74	1,38	2,62	1,99	2,15	1,31	1,88	1,50	3,03	2,62	2,12	1,62
Abril	3,34	1,36	2,12	1,93	2,91	0,95	1,48	1,09	1,81	1,75	2,97	1,89	2,10	1,41
Maió	2,63	3,35	1,25	2,77	2,88	1,68	1,37	1,41	1,20	1,52	3,35	1,71	1,79	1,83
Junho	2,31	3,11	1,12	2,76	2,30	2,03	1,55	1,45	1,18	1,58	1,48	1,81	1,58	1,87
Julho	2,34	3,14	1,10	1,63	1,52	2,42	0,94	1,52	1,94	2,07	2,41	2,81	1,55	2,06
Agosto	1,86	2,05	1,85	1,58	1,80	2,48	1,02	1,20	1,50	2,02	2,10	1,50	1,48	1,67
Setembro	1,20	3,23	1,68	1,64	1,19	3,12	1,68	1,52	1,12	2,01	2,07	1,57	1,48	1,99
Outubro	1,76	1,83	0,77	1,82	0,68	1,78	1,13	0,86	1,14	1,84	1,73	2,25	1,19	1,51
Novembro	1,56	2,13	0,87	1,32	0,69	1,56	0,69	0,60	1,09	0,70	0,85	1,80	0,91	1,07
Dezembro	1,16		1,69		0,92		0,71		1,04		1,07		0,98	

NOTA – Excluíve as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

10 – TAXA DE DESEMPREGO (30 DIAS) – 1986/87
 Pessoas desocupadas, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – 30 dias

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESEMPREGADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	6,15	4,11	5,45	4,05	5,07	4,08	4,27	3,14	4,56	3,48	4,55	3,45	4,68	3,49
Fevereiro	5,63	4,72	4,87	3,54	6,19	4,55	4,48	3,58	4,93	3,33	5,37	3,93	4,99	3,64
Março	5,06	5,02	4,95	4,15	5,82	3,58	4,63	3,42	4,82	3,48	5,83	4,51	4,87	3,67
Abril	5,81	4,80	5,16	4,08	5,24	4,20	4,09	3,03	4,37	3,86	5,43	4,24	4,57	3,74
Maió	5,12	6,86	4,93	4,40	5,22	4,85	4,49	3,97	4,11	4,12	4,78	3,95	4,47	4,31
Junho	5,76	7,14	5,10	5,09	4,61	5,45	4,00	4,13	3,75	4,90	4,67	4,67	4,16	4,86
Julho	5,46	6,74	5,11	4,52	4,49	5,18	4,02	4,16	3,44	4,97	4,35	5,38	3,99	4,86
Agosto	4,79	6,56	5,41	4,27	4,16	4,79	3,81	3,52	3,46	4,90	3,83	4,96	3,85	4,57
Setembro	4,61	7,02	4,88	4,97	3,50	4,66	3,61	3,80	3,17	4,23	3,94	4,81	3,57	4,41
Outubro	3,78	6,23	4,27	4,51	2,85	4,03	3,26	3,55	3,12	4,46	3,13	4,28	3,24	4,26
Novembro	3,76	5,71	3,90	4,08	3,01	4,08	2,99	3,32	2,59	4,11	2,76	3,62	2,90	3,94
Dezembro	3,42		3,96		2,69		2,66		2,18		2,76		2,57	

11 – TAXA DE ATIVIDADE – 1986/87
 Pessoas economicamente ativas, em relação às pessoas de 15 anos ou mais de idade, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	52,05	52,33	61,71	61,18	61,81	62,00	55,11	59,44	62,47	64,03	61,52	62,92	59,38	61,43
Fevereiro	50,80	53,15	61,27	59,66	62,43	62,35	55,92	59,51	62,27	63,44	62,03	62,30	59,55	61,16
Março	51,74	53,15	60,75	58,92	62,14	60,50	56,38	58,41	62,75	62,98	62,39	62,10	59,93	60,45
Abril	51,21	52,40	61,15	59,41	62,25	61,45	56,80	57,99	62,87	62,59	62,71	62,18	60,13	60,23
Maió	52,43	55,68	62,46	59,21	62,82	62,59	58,18	58,75	63,62	63,63	63,27	62,58	61,14	61,21
Junho	53,35	55,92	62,31	60,00	64,05	63,33	57,82	59,11	63,92	64,24	63,48	62,40	61,27	61,67
Julho	52,60	54,29	62,51	60,01	64,43	63,34	58,64	59,44	63,96	63,70	63,52	62,67	61,48	61,45
Agosto	53,50	55,75	63,37	60,25	65,18	64,01	58,94	58,69	64,32	63,57	63,61	62,53	61,88	61,33
Setembro	53,73	55,92	63,27	60,24	65,43	64,10	59,55	58,49	64,39	63,99	63,37	62,28	62,13	61,43
Outubro	53,64	55,50	62,35	60,34	64,51	63,58	59,80	58,56	64,36	63,87	63,27	63,33	62,06	61,42
Novembro	53,59	55,43	62,27	60,42	64,31	63,75	59,66	58,67	64,24	63,95	63,59	63,26	61,98	61,48
Dezembro	52,46		61,45		62,36		59,86		63,71		62,84		61,50	

12 – TAXA DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1986/87
 Pessoas ocupadas na indústria de transformação, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	14,55	16,62	11,06	12,98	19,22	21,10	17,63	17,98	34,63	36,88	26,80	27,51	25,41	26,77
Fevereiro	14,31	15,61	11,71	12,13	19,43	20,63	17,28	18,29	35,27	36,96	26,75	27,50	25,58	26,77
Março	14,25	14,78	11,77	12,70	19,67	20,46	17,13	18,06	35,09	36,41	26,77	27,02	25,50	26,49
Abril	14,45	15,08	12,27	12,74	19,76	20,53	17,04	17,96	34,86	36,50	26,87	27,13	25,38	26,47
Maió	15,26	15,03	13,02	13,14	19,82	20,92	18,89	17,43	35,17	35,87	28,40	27,94	25,59	26,17
Junho	14,36	15,20	12,88	12,90	20,30	20,25	17,41	17,58	35,34	34,70	26,12	27,33	25,75	25,52
Julho	14,74	15,07	12,88	12,66	20,51	20,27	18,42	17,94	35,70	34,03	26,68	26,44	26,14	25,25
Agosto	14,78	14,67	13,09	12,10	20,30	20,49	18,06	17,48	35,85	34,59	26,99	25,94	26,05	29,23
Setembro	15,14	15,09	12,65	12,22	20,33	20,02	18,52	17,94	36,27	34,80	27,20	26,60	26,42	25,57
Outubro	15,43	14,24	12,46	12,69	20,02	20,03	18,36	17,75	36,81	34,98	27,92	26,83	26,68	25,58
Novembro	15,53	13,97	12,33	12,32	20,41	19,28	18,55	17,32	37,37	34,80	28,08	27,59	27,04	25,29
Dezembro	15,40		12,14		20,82		18,65		36,50		28,16		26,75	

13 – TAXA DOS OCUPADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1986/87
Pessoas ocupadas na construção civil, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	7,21	6,49	9,46	9,47	9,77	9,66	7,55	7,83	5,79	5,60	5,93	6,36	6,94	6,93
Fevereiro.....	6,44	6,63	8,51	9,68	9,34	9,45	7,72	7,66	5,70	5,70	6,29	6,30	6,85	6,91
Março.....	6,95	6,48	8,19	9,58	9,28	9,73	7,98	7,69	5,52	5,76	5,84	5,80	6,81	6,89
Abril.....	6,39	6,37	8,79	9,05	9,07	9,48	7,79	7,38	5,62	5,65	5,67	6,12	6,78	6,74
Maió.....	5,65	6,35	8,80	8,90	9,09	9,13	7,76	7,34	5,64	5,63	5,82	6,02	6,75	6,67
Junho.....	5,59	6,01	8,37	8,51	9,35	9,32	7,84	6,93	5,46	5,19	5,87	5,68	6,68	6,32
Julho.....	6,13	6,27	8,28	7,99	9,55	9,17	7,62	7,03	5,75	5,77	6,81	5,75	6,80	6,58
Agosto.....	6,26	6,33	8,01	8,30	9,52	9,29	7,60	7,37	5,93	5,70	5,90	5,86	6,87	6,70
Setembro.....	6,23	6,25	8,56	8,48	9,87	9,26	7,57	7,10	5,85	5,74	5,80	5,98	6,88	6,63
Outubro.....	6,41	6,37	10,25	8,53	10,04	9,18	7,55	7,39	5,54	5,55	6,13	5,99	6,88	6,64
Novembro.....	6,21	6,68	9,98	8,87	9,64	9,11	7,94	7,89	5,46	5,75	6,38	5,89	6,91	6,89
Dezembro.....	6,23		10,02		10,16		7,95		5,44		6,42		6,95	

14 – TAXA DOS OCUPADOS NO COMÉRCIO – 1986/87
Pessoas ocupadas no comércio, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	17,15	16,58	15,79	14,28	12,83	12,45	12,62	13,37	13,19	13,18	14,11	14,66	13,46	13,52
Fevereiro.....	16,62	15,92	14,64	14,01	12,40	12,35	12,68	13,02	12,94	13,05	14,25	14,19	13,22	13,27
Março.....	16,78	16,81	14,13	14,41	11,97	12,57	12,81	13,14	12,85	12,80	14,23	14,14	13,10	13,29
Abril.....	16,26	15,95	14,03	14,47	12,54	12,05	13,10	12,72	12,79	12,39	13,93	14,32	13,20	12,91
Maió.....	16,44	16,30	13,96	13,52	12,83	12,44	12,84	12,77	12,87	12,86	14,37	14,03	13,22	13,13
Junho.....	17,09	17,01	14,47	14,16	12,81	12,65	13,03	12,90	13,01	13,38	14,35	14,74	13,42	13,54
Julho.....	16,85	16,82	14,51	14,40	12,86	12,41	12,98	12,67	12,70	12,93	14,29	14,17	13,27	13,20
Agosto.....	16,43	16,30	14,81	14,40	12,75	12,27	13,31	12,80	12,58	12,84	14,27	14,07	13,30	13,17
Setembro.....	16,36	16,97	15,13	14,72	12,32	12,45	13,23	12,68	12,84	12,78	14,76	13,66	13,39	13,15
Outubro.....	15,90	17,16	14,80	14,44	12,06	12,13	13,21	12,94	12,32	12,79	14,73	13,66	13,09	13,20
Novembro.....	16,89	17,32	15,33	14,80	12,55	12,82	13,21	13,47	12,63	12,79	14,65	14,18	13,34	13,47
Dezembro.....	17,49		14,77		12,70		13,36		13,09		14,64		13,57	

15 – TAXA DOS OCUPADOS NOS SERVIÇOS – 1986/87
Pessoas ocupadas em serviços, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	45,30	46,11	51,97	50,43	50,22	48,90	52,09	51,48	42,35	40,11	42,65	42,62	46,50	45,37
Fevereiro.....	46,70	46,98	53,08	51,22	40,95	49,94	51,71	51,49	42,00	39,94	42,26	42,96	46,49	45,49
Março.....	46,63	46,69	53,94	50,38	51,38	49,44	51,99	51,63	42,48	41,00	43,04	43,93	46,90	45,89
Abril.....	47,75	47,19	52,62	51,36	50,62	49,62	52,21	52,17	42,55	41,18	43,43	43,25	46,98	46,20
Maió.....	47,00	47,73	53,12	52,31	50,35	49,64	52,74	52,83	42,08	41,38	43,51	42,53	46,88	46,47
Junho.....	46,98	47,69	53,07	52,80	49,57	49,75	51,99	53,24	41,91	42,57	43,87	42,71	46,51	47,19
Julho.....	47,52	47,51	52,94	53,21	49,56	49,75	51,32	52,85	41,70	43,01	43,77	44,25	46,32	47,40
Agosto.....	47,43	48,71	52,11	53,05	49,81	50,14	51,55	52,98	41,74	42,89	43,57	44,50	46,39	47,51
Setembro.....	48,40	47,97	52,43	52,86	49,41	50,75	51,69	52,85	41,19	42,72	43,25	44,50	46,19	47,30
Outubro.....	48,15	47,81	51,77	53,07	49,80	50,90	51,65	52,46	41,53	42,73	42,16	44,54	46,21	47,26
Novembro.....	47,63	47,90	50,96	53,00	49,59	51,00	51,00	51,90	40,56	42,44	42,21	43,23	45,51	46,91
Dezembro.....	46,68		51,48		49,00		50,95		40,66		42,11		45,49	

16 – TAXA DOS OCUPADOS EM OUTRAS ATIVIDADES – 1986/87
 Pessoas ocupadas em outras atividades, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	15,79	14,20	11,73	12,84	7,96	7,88	10,10	9,34	4,03	4,24	10,51	8,86	7,69	7,42
Fevereiro	15,92	14,86	12,07	12,95	7,87	7,63	10,61	9,54	4,08	4,35	10,44	9,06	7,86	7,57
Março	15,39	15,23	11,98	12,93	7,70	7,79	10,29	9,48	4,06	4,03	10,12	9,11	7,70	7,43
Abril	15,15	15,40	12,30	12,38	8,01	8,32	9,86	9,77	4,17	4,28	10,10	9,17	7,65	7,67
Maió	15,65	14,60	11,10	12,13	7,91	7,86	9,77	9,63	4,24	4,26	9,90	9,47	7,57	7,57
Junho	15,99	14,10	11,21	11,62	7,97	8,03	9,73	9,36	4,29	4,16	9,80	9,54	7,63	7,43
Julho	14,78	14,52	11,38	11,75	7,52	8,41	9,66	9,51	4,14	4,25	9,45	9,39	7,47	7,57
Agosto	15,10	13,99	11,98	12,15	7,62	7,81	9,48	9,38	3,90	3,99	9,27	9,62	7,40	7,39
Setembro	13,88	13,72	11,22	11,72	8,06	7,53	8,99	9,62	3,85	3,97	8,99	9,27	7,12	7,34
Outubro	14,11	14,61	10,72	11,27	8,08	7,75	9,23	9,45	3,80	3,96	9,07	8,98	7,14	7,32
Novembro	13,75	14,13	11,40	11,01	7,81	7,80	9,31	9,42	3,98	4,22	8,69	9,11	7,20	7,40
Dezembro	14,20		11,58		7,32		9,09		4,31		8,67		7,24	

17 – TAXA DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA – 1986/87
 Empregados com carteira de trabalho assinada, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	47,81	50,31	52,56	54,70	55,02	55,60	53,61	54,53	62,80	62,76	61,33	60,05	57,95	58,35
Fevereiro	49,10	48,93	53,34	54,84	54,25	56,00	53,34	55,24	63,25	62,85	61,97	60,80	58,18	58,61
Março	49,30	50,07	53,77	55,07	54,88	56,12	54,19	54,79	63,01	62,96	59,89	61,27	58,25	58,71
Abril	49,02	50,11	53,56	56,10	54,50	55,68	54,39	54,68	62,14	62,58	59,69	60,69	57,84	58,47
Maió	48,15	48,93	53,98	56,59	54,53	55,83	53,93	54,48	61,90	62,61	58,97	61,19	57,62	58,42
Junho	50,19	48,42	54,47	56,56	54,11	55,48	53,77	54,25	61,00	61,25	58,67	60,67	57,18	57,63
Julho	50,16	49,32	54,25	55,59	54,20	54,40	54,34	53,38	61,41	61,71	59,19	60,08	57,49	57,43
Agosto	50,33	48,46	53,57	55,84	54,14	55,09	53,71	53,74	61,65	62,25	59,12	59,54	57,33	57,71
Setembro	50,78	48,78	53,10	54,14	54,07	55,37	53,43	54,70	61,77	60,63	59,71	60,48	57,36	57,36
Outubro	50,44	48,29	53,54	53,07	53,60	54,76	53,30	54,43	62,42	61,92	60,62	59,85	57,66	57,85
Novembro	50,14	48,12	53,17	54,03	54,03	54,97	54,01	54,16	62,57	61,52	60,70	59,78	57,94	57,43
Dezembro	50,14		53,70		55,01		54,33		62,18		61,22		58,03	

18 – TAXA DOS CONTA PRÓPRIA SEM RENDIMENTOS – 1986/87
 Conta própria que, efetivamente, não receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA PRÓPRIA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	1,02	1,06	0,39	0,29	1,24	1,30	0,53	0,67	0,72	0,78	1,12	0,93	0,74	0,79
Fevereiro	1,11	1,49	0,36	0,46	1,11	1,45	0,59	0,66	0,92	0,86	1,21	1,09	0,84	0,88
Março	1,14	1,21	0,47	0,36	1,32	0,98	0,63	0,45	0,77	0,98	1,31	1,38	0,82	0,84
Abril	0,84	1,02	0,44	0,35	1,44	1,13	0,45	0,50	0,69	0,74	0,89	0,95	0,70	0,71
Maió	0,84	1,58	0,29	0,42	1,22	1,13	0,33	0,53	0,71	0,75	0,93	0,89	0,65	0,74
Junho	1,15	1,59	0,53	0,40	1,56	1,44	0,53	0,69	0,54	1,08	0,96	0,81	0,70	0,97
Julho	0,80	1,35	0,28	0,32	1,38	1,60	0,50	0,67	0,66	0,78	0,79	1,01	0,68	0,84
Agosto	0,97	1,24	0,32	0,26	1,58	1,42	0,51	0,58	0,67	0,78	0,71	0,87	0,71	0,79
Setembro	0,83	1,22	0,59	0,37	1,50	1,59	0,57	0,58	0,71	1,07	0,95	0,88	0,76	0,93
Outubro	0,65	1,08	0,32	0,47	1,42	1,44	0,49	0,50	0,67	0,90	0,72	0,88	0,66	0,82
Novembro	0,79	1,14	0,36	0,48	1,19	1,31	0,50	0,42	0,72	0,72	0,89	1,12	0,69	0,72
Dezembro	0,86		0,52		1,12		0,45		0,62		0,63		0,64	

19 — TAXA DOS CONTA PRÓPRIA COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO — 1986/87
 Conta própria que, efetivamente, receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um salário mínimo, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA PRÓPRIA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	9,89	7,96	11,78	7,51	7,76	4,79	7,09	4,35	3,12	1,30	5,58	2,70	5,73	3,31
Fevereiro	8,94	7,82	10,17	6,32	7,42	4,51	6,83	4,60	2,94	1,20	4,89	2,81	5,35	3,27
Março	8,32	6,97	8,95	6,58	6,71	4,26	5,99	4,05	2,34	1,06	4,48	2,49	4,64	2,94
Abril	10,33	8,87	10,84	7,72	8,47	5,68	7,87	5,35	3,51	1,80	6,06	3,63	6,19	4,03
Mai	10,25	8,22	10,70	6,95	7,85	5,65	7,07	4,86	3,39	1,74	5,70	3,39	5,80	3,78
Junho	10,65	9,64	9,63	8,21	7,82	6,29	6,69	5,29	2,95	2,12	5,65	3,91	5,69	4,33
Julho	10,30	9,02	10,37	7,69	7,51	6,26	6,28	5,28	2,74	1,74	5,36	3,88	5,28	4,09
Agosto	9,71	9,09	10,18	6,98	6,73	5,61	5,91	4,78	2,52	1,59	5,30	3,21	4,97	3,75
Setembro	8,43	7,77	9,78	6,92	6,56	4,76	5,76	4,43	2,35	1,34	4,42	2,86	4,67	3,35
Outubro	7,75	9,64	9,39	8,40	6,07	5,91	5,94	5,30	2,12	1,71	3,86	3,62	4,45	4,11
Novembro	7,95	9,39	8,49	8,17	5,73	6,04	5,44	5,34	1,84	1,92	3,62	3,53	4,10	4,20
Dezembro	7,88		8,20		5,12		5,26		1,57		3,57		3,93	

NOTA — A partir de setembro de 1987, o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

20 — TAXA DOS DESEMPREGADOS E OCUPADOS COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO — 1986/87

Pessoas desocupadas e pessoas ocupadas que, efetivamente, não receberam rendimento ou auferiram remuneração de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um salário mínimo, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS E PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987	1986	1987
Janeiro	32,55	25,08	30,22	22,17	27,97	20,00	22,91	16,38	16,88	10,71	20,61	14,71	21,55	14,90
Fevereiro	30,01	30,40	27,81	27,88	28,05	27,90	22,50	21,17	17,07	12,29	21,02	18,12	21,26	18,55
Março	27,84	25,92	27,06	20,50	26,57	19,53	20,88	15,88	15,80	10,48	20,13	16,00	19,86	14,63
Abril	38,83	33,49	33,49	26,28	34,90	26,02	27,32	21,65	21,98	13,50	24,90	19,26	26,37	19,20
Mai	33,14	32,63	30,88	22,81	30,34	22,61	23,94	19,30	18,89	12,88	22,01	16,40	23,04	17,57
Junho	33,83	35,76	28,38	27,01	29,06	27,23	22,52	20,51	17,32	15,15	20,82	18,98	21,70	19,94
Julho	33,37	34,07	29,94	25,60	27,44	26,35	22,04	20,76	15,81	14,18	19,77	18,97	20,82	19,33
Agosto	30,42	32,70	28,98	22,48	26,23	22,38	21,65	17,95	16,13	13,03	18,86	16,15	20,04	17,28
Setembro	29,14	33,62	27,38	26,47	25,14	26,42	20,83	19,79	14,27	12,78	18,18	16,16	19,09	18,30
Outubro	26,78	33,89	25,88	25,69	23,77	24,53	20,63	18,73	13,27	14,09	16,47	17,02	18,08	18,41
Novembro	25,91	34,28	24,32	27,89	21,77	26,11	19,05	19,49	11,83	14,38	15,75	17,69	16,63	19,11
Dezembro	24,15		23,69		19,94		17,04		9,49		14,50		14,94	

NOTA — A partir de setembro de 1987, o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

21 – RENDIMENTO MÉDIO DAS PESSOAS OCUPADAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, das pessoas ocupadas que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1986/87

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO							
	Nominal (Cz\$)				Real (Cz\$) (base – março de 1986) (1)			
	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986								
Junho	2 740	2 766	3 514	2 935	2 673	2 699	3 429	2 864
Julho	2 812	2 864	3 699	3 079	2 721	2 771	3 579	2 979
Agosto	2 920	2 897	3 882	3 279	2 794	2 772	3 714	3 137
Setembro	3 062	2 960	3 985	3 438	2 896	2 799	3 768	3 251
Outubro	3 328	3 057	4 200	3 458	3 103	2 850	3 916	3 224
Novembro	3 412	3 199	4 548	3 655	3 080	2 887	4 105	3 299
Dezembro	3 781	3 910	5 672	4 078	3 182	3 290	4 773	3 432
1987								
Janeiro	3 675	3 684	5 385	3 938	2 647	2 654	3 879	2 837
Fevereiro	3 932	3 940	5 733	4 443	2 486	2 491	3 824	2 809
Março	4 332	4 484	6 267	4 767	2 394	2 478	3 463	2 634
Abril	4 893	5 151	6 880	5 386	2 235	2 353	3 146	2 461
Maió	5 691	6 218	8 192	6 595	2 110	2 306	3 038	2 445
Junho	6 352	7 062	9 342	7 520	1 939	2 156	2 852	2 296
Julho	7 080	7 802	10 070	8 225	1 964	2 109	2 794	2 282
Agosto	7 889	8 267	11 017	9 043	2 083	2 183	2 909	2 387
Setembro	8 655	9 273	12 273	9 738	2 133	2 285	3 024	2 399
Outubro	9 392	10 179	13 269	10 851	2 087	2 262	2 949	2 411

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.
(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído a partir de julho de 1986).

22 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA – 1986/87

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados com carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO							
	Nominal (Cz\$)				Real (Cz\$) (base – março de 1986) (1)			
	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986								
Junho	2 878	2 950	3 392	2 618	2 808	2 878	3 310	2 554
Julho	2 929	2 995	3 611	2 775	2 834	2 898	3 494	2 685
Agosto	2 936	3 036	3 728	2 867	2 809	2 905	3 567	2 743
Setembro	3 017	3 135	3 825	3 000	2 853	2 965	3 617	2 837
Outubro	3 215	3 234	3 941	3 053	2 997	3 015	3 674	2 846
Novembro	3 262	3 308	4 249	3 285	2 944	2 986	3 835	2 965
Dezembro	3 706	4 194	5 343	3 703	3 118	3 529	4 496	3 116
1987								
Janeiro	3 564	3 751	4 816	3 380	2 567	2 702	3 469	2 435
Fevereiro	3 932	4 053	5 288	3 950	2 486	2 562	3 343	2 497
Março	4 470	4 614	5 755	4 325	2 470	2 550	3 180	2 390
Abril	5 176	5 418	6 670	5 023	2 364	2 475	3 047	2 295
Maió	6 116	6 717	8 008	6 249	2 268	2 491	2 969	2 317
Junho	6 967	7 839	9 139	7 103	2 127	2 394	2 790	2 169
Julho	7 783	8 273	9 882	7 624	2 159	2 295	2 742	2 115
Agosto	8 451	8 868	10 762	8 185	2 231	2 341	2 841	2 161
Setembro	9 139	9 943	12 012	9 042	2 252	2 450	2 960	2 228
Outubro	10 115	10 954	13 030	10 091	2 248	2 434	2 865	2 242

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído a partir de julho de 1986).

23 — RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA — 1986/87

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados sem carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO							
	Nominal (Cz\$)				Real (Cz\$) (base — março de 1986) (1)			
	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986								
Junho	1 791	2 104	2 436	3 259	1 747	2 053	2 377	3 180
Julho	1 971	2 165	2 602	3 330	1 907	2 095	2 518	3 222
Agosto	2 037	2 277	2 712	3 516	1 949	2 179	2 595	3 364
Setembro	2 085	2 203	2 804	3 512	1 972	2 083	2 652	3 321
Outubro	2 365	2 196	2 884	3 573	2 205	2 047	2 689	3 331
Novembro	2 627	2 347	3 164	3 545	2 371	2 118	2 856	3 200
Dezembro	2 779	2 832	4 100	4 058	2 338	2 383	3 450	3 415
1987								
Janeiro	2 817	2 990	4 029	3 987	2 029	2 154	2 902	2 872
Fevereiro	2 928	3 275	4 539	4 215	1 851	2 070	2 870	2 665
Março	3 010	3 739	4 836	4 767	1 663	2 066	2 672	2 645
Abril	3 424	4 263	4 900	5 163	1 564	1 948	2 239	2 368
Maió	3 757	4 893	5 726	6 054	1 393	1 814	2 123	2 245
Junho	4 256	5 711	6 983	7 417	1 300	1 744	2 132	2 265
Julho	4 436	6 227	7 334	8 343	1 231	1 728	2 035	2 315
Agosto	5 365	6 668	8 483	9 746	1 416	1 760	2 240	2 573
Setembro	5 889	7 259	8 583	9 951	1 451	1 789	2 115	2 452
Outubro	6 481	8 257	9 405	10 728	1 440	1 835	2 090	2 384

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído a partir de julho de 1986).

24 — RENDIMENTO MÉDIO DOS CONTA PRÓPRIA — 1986/87

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos conta própria que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO							
	Nominal (Cz\$)				Real (Cz\$) (base — março de 1986) (1)			
	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986								
Junho	2 042	2 016	3 027	2 255	1 992	1 967	2 953	2 200
Julho	2 015	2 269	3 341	2 391	1 950	2 195	3 233	2 313
Agosto	2 373	2 303	3 649	2 094	2 271	2 204	3 492	2 578
Setembro	2 800	2 205	3 607	3 132	2 648	2 085	3 411	2 962
Outubro	2 735	2 534	3 951	3 429	2 551	2 362	3 684	3 197
Novembro	2 943	2 639	4 527	3 549	2 655	2 382	4 086	3 203
Dezembro	3 228	2 944	5 038	3 701	2 716	2 477	4 239	3 114
1987								
Janeiro	3 223	3 136	5 130	3 812	2 325	2 259	3 695	2 746
Fevereiro	3 477	3 102	5 571	3 952	2 198	1 961	3 522	2 498
Março	3 726	3 527	5 775	4 344	2 059	1 949	3 191	2 401
Abril	3 728	3 928	5 922	4 711	1 703	1 795	2 705	2 152
Maió	4 150	4 606	6 613	5 211	1 542	1 703	2 452	1 932
Junho	4 280	4 617	7 658	5 908	1 307	1 410	2 338	1 804
Julho	4 843	5 114	8 544	6 190	1 344	1 419	2 371	1 717
Agosto	5 532	5 747	9 698	7 078	1 461	1 517	2 560	1 869
Setembro	6 273	6 425	10 397	8 025	1 546	1 583	2 562	1 977
Outubro	6 820	7 046	11 743	9 144	1 516	1 566	2 609	2 032

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído a partir de julho de 1986).

25 — PESSOAS DESOCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1986/87

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro	47 888	40 392	55 801	152 516	208 177	43 946
Fevereiro	42 233	36 862	69 618	155 578	292 048	53 410
Março	39 477	37 421	61 413	175 080	274 814	60 919
Abril	45 309	39 918	55 634	153 869	270 505	57 825
Maio	40 268	40 078	58 008	179 532	251 078	51 399
Junho	47 997	39 441	52 046	160 467	229 416	49 208
Julho	44 656	41 963	50 835	157 564	213 595	47 093
Agosto	40 394	43 476	48 569	151 873	219 273	41 294
Setembro	38 141	36 333	41 393	145 862	204 063	43 300
Outubro	33 015	32 736	33 040	135 155	199 965	34 030
Novembro	31 364	31 999	34 674	118 492	171 101	31 372
Dezembro	27 174	30 385	29 584	103 292	121 309	27 508
1987						
Janeiro	34 034	30 583	46 322	130 273	225 894	38 746
Fevereiro	42 081	27 732	53 577	150 880	214 158	41 992
Março	42 214	31 802	39 312	137 019	210 189	48 343
Abril	41 072	31 250	50 044	123 172	235 590	45 505
Maio	61 880	33 136	61 585	165 373	261 851	43 028
Junho	62 113	39 402	68 305	174 941	313 120	51 422
Julho	60 318	36 898	65 644	172 463	322 550	61 641
Agosto	58 772	34 775	58 327	142 472	325 335	56 761
Setembro	63 330	39 131	56 984	156 198	281 668	53 815
Outubro	58 355	35 421	50 067	151 527	298 357	49 544
Novembro	54 301	33 052	52 507	139 952	269 180	41 348

26 — PESSOAS DESOCUPADAS, QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1986/87

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro	10 373	8 152	8 244	20 689	42 781	5 532
Fevereiro	8 822	7 971	12 411	23 142	34 822	7 758
Março	5 925	6 873	10 751	23 662	25 585	8 196
Abril	9 014	6 542	9 728	23 126	25 833	5 847
Maio	6 363	6 308	7 565	26 096	20 969	5 133
Junho	8 570	4 885	8 247	24 397	17 286	6 520
Julho	8 035	5 729	8 709	24 153	17 724	4 848
Agosto	8 554	8 033	6 731	24 787	20 620	5 668
Setembro	7 383	4 912	7 020	19 919	15 974	5 016
Outubro	7 092	5 400	4 537	18 343	15 090	4 083
Novembro	6 295	4 954	4 727	13 668	9 660	3 369
Dezembro	4 287	5 617	4 256	11 672	5 568	2 312
1987						
Janeiro	7 143	4 224	6 305	15 374	16 155	5 208
Fevereiro	6 841	4 221	7 783	18 825	13 823	4 740
Março	8 425	5 591	5 333	10 908	17 677	5 748
Abril	7 233	3 731	6 380	13 916	9 969	4 071
Maio	11 328	4 773	5 418	15 423	12 108	3 656
Junho	9 177	4 572	6 643	16 984	10 973	2 636
Julho	8 441	3 894	5 338	13 777	13 456	3 290
Agosto	8 273	3 364	5 351	13 878	13 822	4 017
Setembro	9 839	4 194	4 965	12 403	8 997	3 145
Outubro	8 510	4 298	3 517	8 542	15 183	3 568
Novembro	9 455	3 207	4 269	11 747	8 247	4 415

**27 — PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1986/87**

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro	903 965	820 135	1 275 075	4 074 564	6 579 416	1 124 660
Fevereiro	889 243	820 331	1 293 252	4 103 714	6 576 207	1 143 302
Março	902 430	812 331	1 287 343	4 148 488	6 640 578	1 151 862
Abril	896 658	818 038	1 296 994	4 189 435	6 686 617	1 152 420
Maió	917 189	837 016	1 317 943	4 293 385	6 803 087	1 163 198
Junho	930 212	845 562	1 346 294	4 282 875	6 865 236	1 168 648
Julho	922 764	848 124	1 356 693	4 350 008	6 881 990	1 178 893
Agosto	945 059	864 561	1 371 247	4 393 803	6 877 662	1 184 906
Setembro	956 017	860 836	1 373 945	4 443 649	6 906 865	1 191 656
Outubro	957 146	847 443	1 368 598	4 483 589	6 916 000	1 186 816
Novembro	965 606	851 986	1 367 622	4 499 488	6 955 063	1 190 446
Dezembro	958 854	836 255	1 344 910	4 523 080	6 940 818	1 180 401
1987						
Janeiro	962 033	842 529	1 345 561	4 507 820	6 999 735	1 192 808
Fevereiro	974 122	817 700	1 358 114	4 520 728	6 941 043	1 183 215
Março	966 723	813 038	1 327 979	4 418 423	6 879 503	1 162 566
Abril	964 338	825 203	1 350 117	4 399 067	6 876 403	1 188 073
Maió	1 014 279	821 561	1 371 424	4 456 353	7 038 366	1 202 003
Junho	1 023 631	843 990	1 395 431	4 504 214	7 125 851	1 202 778
Julho	995 284	848 636	1 400 561	4 553 077	7 077 161	1 217 693
Agosto	1 014 726	850 395	1 412 618	4 513 814	7 048 777	1 218 579
Setembro	1 031 425	854 151	1 416 095	4 507 582	7 101 375	1 221 390
Outubro	1 034 596	849 119	1 414 911	4 527 352	7 108 067	1 244 191
Novembro	1 042 072	860 193	1 423 412	4 554 336	7 159 118	1 237 420

**28 — PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES
DA PESQUISA — 1986/87**

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro	856 077	779 743	1 219 274	3 922 047	6 311 239	1 080 714
Fevereiro	847 009	783 668	1 223 634	3 948 135	6 284 158	1 089 891
Março	862 953	774 908	1 225 931	3 973 407	6 365 764	1 090 943
Abril	851 348	778 121	1 241 359	4 035 565	6 416 111	1 094 594
Maió	876 921	796 939	1 259 934	4 113 852	6 552 009	1 111 798
Junho	882 214	806 120	1 294 248	4 122 408	6 635 820	1 119 439
Julho	878 108	806 159	1 305 858	4 192 661	6 668 395	1 131 798
Agosto	904 564	821 083	1 322 676	4 241 934	6 659 389	1 143 612
Setembro	917 876	824 502	1 332 551	4 297 787	6 702 801	1 148 355
Outubro	924 130	814 706	1 335 557	4 348 435	6 716 035	1 152 785
Novembro	934 242	819 986	1 332 947	4 380 995	6 783 901	1 159 075
Dezembro	931 680	805 870	1 315 324	4 419 787	6 819 508	1 152 963
1987						
Janeiro	928 000	811 946	1 299 239	4 377 546	6 773 841	1 154 062
Fevereiro	932 041	789 966	1 304 536	4 369 848	6 726 884	1 141 223
Março	924 509	781 436	1 288 666	4 281 404	6 669 314	1 134 163
Abril	923 266	793 953	1 299 474	4 275 895	6 640 813	1 142 567
Maió	952 398	788 424	1 309 838	4 290 980	6 776 515	1 158 975
Junho	961 518	804 587	1 327 125	4 329 272	6 812 731	1 151 356
Julho	934 967	811 737	1 334 917	4 380 615	6 754 609	1 156 052
Agosto	955 953	815 619	1 354 290	4 371 340	6 723 442	1 161 818
Setembro	968 095	815 020	1 359 110	4 351 382	6 819 707	1 167 574
Outubro	976 241	813 752	1 364 844	4 375 823	6 809 711	1 194 645
Novembro	987 771	827 140	1 370 904	4 414 384	6 889 938	1 196 071

29 — PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1986/87

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro.....	123 724	86 203	232 603	685 101	2 173 583	277 864
Fevereiro.....	119 713	91 964	236 718	677 827	2 207 416	279 186
Março.....	120 939	90 998	240 717	670 208	2 229 522	283 224
Abril.....	124 452	95 341	244 632	685 753	2 221 643	284 451
Maio.....	135 253	103 675	249 464	691 685	2 287 247	281 428
Junho.....	126 693	104 160	263 229	717 076	2 326 296	277 455
Julho.....	129 177	103 996	267 247	770 000	2 359 703	287 329
Agosto.....	132 300	108 628	268 709	763 892	2 367 575	296 435
Setembro.....	138 726	105 100	270 444	795 086	2 420 387	302 102
Outubro.....	141 356	101 783	266 358	796 654	2 460 542	310 159
Novembro.....	145 355	100 502	271 543	810 900	2 522 756	313 417
Dezembro.....	143 970	98 141	273 447	824 761	2 480 513	309 786
1987						
Janeiro.....	150 751	105 991	271 734	785 815	2 485 018	304 664
Fevereiro.....	145 253	95 232	266 256	797 654	2 481 983	301 600
Março.....	136 592	100 046	261 071	770 605	2 424 334	300 776
Abril.....	140 456	101 112	203 793	767 470	2 404 485	300 603
Maio.....	143 837	104 167	272 544	747 867	2 416 674	314 835
Junho.....	146 673	104 159	288 443	758 792	2 344 457	304 748
Julho.....	140 321	103 073	269 894	784 351	2 292 404	296 364
Agosto.....	140 121	99 672	277 065	763 023	2 320 796	299 107
Setembro.....	145 805	100 591	271 364	778 846	2 368 261	301 633
Outubro.....	139 340	103 886	271 685	773 639	2 375 707	311 537
Novembro.....	138 090	102 815	262 350	763 088	2 394 848	319 891

30 — PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1986/87

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro.....	60 310	71 923	118 146	289 147	353 818	61 994
Fevereiro.....	53 460	65 599	113 951	299 561	356 058	65 668
Março.....	59 943	62 967	113 123	311 352	346 762	64 319
Abril.....	53 274	67 052	112 285	308 682	353 862	62 075
Maio.....	51 027	69 621	114 411	313 306	359 802	64 608
Junho.....	49 830	66 485	120 370	316 558	353 764	65 254
Julho.....	53 678	65 940	123 827	313 114	375 362	64 651
Agosto.....	56 416	64 598	125 247	318 076	387 442	66 027
Setembro.....	56 338	69 871	130 519	321 782	386 349	65 397
Outubro.....	58 752	82 182	133 351	323 664	365 296	70 173
Novembro.....	57 943	80 326	128 344	346 543	367 114	73 503
Dezembro.....	56 675	79 397	130 980	346 968	364 680	71 445
1987						
Janeiro.....	59 321	74 783	123 730	335 838	378 012	70 677
Fevereiro.....	60 782	74 926	120 313	329 931	378 910	68 447
Março.....	59 343	73 971	123 595	328 672	376 853	66 215
Abril.....	58 086	70 482	121 373	312 180	369 480	70 349
Maio.....	60 223	69 154	118 651	311 817	372 778	70 031
Junho.....	57 335	67 244	122 233	297 492	348 494	65 407
Julho.....	58 645	63 780	120 716	304 681	385 511	65 814
Agosto.....	59 696	66 636	125 201	319 017	376 687	66 906
Setembro.....	59 800	69 144	124 892	304 850	388 414	69 102
Outubro.....	61 808	68 583	124 140	318 724	373 676	71 072
Novembro.....	65 313	73 221	123 422	345 139	391 199	69 771

31 — PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1986/87

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro.....	146 181	121 690	155 534	493 885	829 348	152 120
Fevereiro.....	141 530	114 292	150 792	501 299	808 971	155 636
Março.....	143 494	109 230	146 740	502 961	817 707	154 652
Abril.....	137 123	108 814	155 289	529 306	814 923	154 196
Maio.....	141 534	110 977	161 834	528 502	835 776	160 624
Junho.....	149 302	116 263	165 722	535 267	862 154	162 296
Julho.....	146 625	117 319	167 794	542 353	851 232	163 058
Agosto.....	148 567	121 724	168 416	566 492	839 610	164 929
Setembro.....	150 626	124 351	163 982	568 841	856 508	171 214
Outubro.....	146 871	119 958	159 982	577 428	821 857	172 695
Novembro.....	156 528	124 922	167 481	579 659	858 080	171 616
Dezembro.....	158 950	116 972	167 918	589 401	894 008	171 361
1987						
Janeiro.....	153 599	114 086	161 932	587 052	892 698	170 274
Fevereiro.....	147 032	109 663	161 030	569 835	876 297	164 898
Março.....	153 435	112 979	162 031	563 997	854 449	161 319
Abril.....	145 507	114 944	155 840	545 950	823 757	165 762
Maio.....	155 119	106 274	163 343	548 284	875 597	163 076
Junho.....	162 925	113 691	168 227	559 059	909 996	170 886
Julho.....	153 889	116 220	164 761	554 956	872 942	165 879
Agosto.....	155 582	117 034	165 210	560 549	862 924	165 682
Setembro.....	164 051	119 212	168 479	551 243	871 230	161 391
Outubro.....	167 170	116 010	165 478	567 743	871 060	165 109
Novembro.....	170 887	121 321	176 003	595 675	883 253	170 481

32 — PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1986/87

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro.....	393 572	408 388	615 185	2 060 529	2 690 896	470 172
Fevereiro.....	399 995	417 985	625 329	2 057 455	2 656 971	471 646
Março.....	407 832	418 346	630 409	2 076 898	2 713 783	473 528
Abril.....	406 518	411 004	630 155	2 115 704	2 752 332	480 001
Maio.....	410 219	423 284	635 578	2 178 170	2 788 510	490 951
Junho.....	414 621	428 085	642 792	2 155 229	2 807 530	500 384
Julho.....	419 415	426 744	648 674	2 164 569	2 807 177	505 603
Agosto.....	429 812	428 083	659 602	2 192 000	2 805 624	506 209
Setembro.....	443 901	431 386	660 603	2 225 697	2 783 207	502 517
Outubro.....	445 944	422 067	668 897	2 250 185	2 812 068	491 521
Novembro.....	446 076	418 788	662 140	2 240 291	2 765 328	497 392
Dezembro.....	434 048	416 480	647 022	2 258 617	2 783 190	498 457
1987						
Janeiro.....	432 346	413 046	639 103	2 262 795	2 725 420	504 756
Fevereiro.....	441 342	408 598	656 741	2 257 995	2 694 899	501 603
Março.....	434 948	394 356	641 503	2 217 177	2 748 910	500 547
Abril.....	437 025	409 155	649 787	2 233 924	2 758 458	499 302
Maio.....	454 508	412 981	652 406	2 270 957	2 821 406	499 071
Junho.....	459 766	425 938	662 484	2 311 115	2 924 310	498 773
Julho.....	446 432	432 549	667 962	2 322 664	2 918 230	517 193
Agosto.....	466 811	432 810	681 428	2 321 158	2 895 075	520 976
Setembro.....	465 678	429 886	692 219	2 299 349	2 918 716	524 863
Outubro.....	466 880	432 615	698 017	2 302 838	2 916 638	536 676
Novembro.....	474 678	438 352	702 533	2 296 402	2 926 079	523 959

33 – PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1986/87

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro	132 286	91 537	97 524	393 383	253 592	118 563
Fevereiro	132 309	93 825	96 842	411 991	254 740	117 750
Março	130 742	93 385	94 940	405 986	257 988	115 219
Abril	129 979	95 906	98 996	396 117	273 348	113 869
Maió	138 885	89 380	98 645	402 187	280 670	114 186
Junho	141 766	91 125	102 129	398 275	286 074	114 047
Julho	129 210	92 159	98 313	402 622	274 919	111 156
Agosto	137 566	98 049	100 700	401 470	258 135	110 010
Setembro	128 283	93 793	107 001	386 378	256 347	107 124
Outubro	131 206	88 714	106 966	400 500	256 269	108 233
Novembro	128 336	95 446	103 438	403 600	270 620	103 145
Dezembro	138 033	94 878	95 955	400 039	297 114	101 911
1987						
Janeiro	131 979	104 037	102 736	406 044	292 691	103 689
Fevereiro	137 626	101 544	100 194	414 430	294 792	104 673
Março	140 189	100 080	100 463	400 950	269 765	105 302
Abril	141 589	98 257	108 727	416 360	284 633	106 550
Maió	138 708	95 846	102 891	412 052	290 056	111 959
Junho	134 815	93 553	105 736	402 812	285 473	111 539
Julho	135 677	96 114	111 583	413 959	285 518	110 800
Agosto	133 741	99 465	105 385	407 592	267 957	114 144
Setembro	132 756	96 185	102 155	417 092	273 086	110 581
Outubro	141 039	92 654	105 522	412 876	272 626	110 250
Novembro	138 801	91 429	106 596	414 076	294 556	111 968

34 – EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1986/87

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro	415 803	412 281	671 092	2 116 551	3 956 387	659 181
Fevereiro	421 379	418 382	664 311	2 120 771	3 976 182	671 810
Março	429 484	417 730	674 390	2 164 961	4 021 168	646 548
Abril	422 105	415 992	678 255	2 204 041	3 988 478	645 243
Maió	433 822	431 156	688 386	2 227 132	4 044 801	649 764
Junho	444 740	439 555	700 779	2 224 493	4 036 245	648 841
Julho	442 883	438 641	707 517	2 288 743	4 083 740	662 836
Agosto	455 678	440 270	716 720	2 286 041	4 090 646	670 966
Setembro	466 908	438 201	719 988	2 301 493	4 145 163	679 463
Outubro	467 014	436 505	716 095	2 321 536	4 189 653	694 184
Novembro	470 618	434 724	721 488	2 373 107	4 236 549	697 530
Dezembro	466 979	435 191	725 790	2 415 805	4 234 489	701 241
1987						
Janeiro	471 864	447 408	723 312	2 403 003	4 245 773	691 532
Fevereiro	459 189	437 991	733 809	2 423 566	4 222 757	689 370
Março	464 934	431 423	723 370	2 362 311	4 198 475	690 675
Abril	464 603	445 178	723 598	2 345 317	4 150 792	687 569
Maió	468 250	446 239	731 892	2 342 936	4 233 638	704 723
Junho	468 070	456 217	737 027	2 357 356	4 161 162	693 157
Julho	461 571	452 226	727 170	2 346 881	4 153 658	689 794
Agosto	465 124	454 983	746 126	2 355 290	4 174 742	688 829
Setembro	473 071	440 820	752 564	2 385 667	4 124 618	702 151
Outubro	473 599	432 560	746 975	2 389 129	4 206 217	710 397
Novembro	477 934	447 732	753 664	2 399 185	4 233 503	709 372

35 — POPULAÇÃO RESIDENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1986/87

ANOS E MESES DA PESQUISA	POPULAÇÃO RESIDENTE					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1986						
Janeiro	2 716 971	2 131 859	3 123 322	10 318 659	15 462 568	2 642 523
Fevereiro	2 722 794	2 137 729	3 133 680	10 338 464	15 499 816	2 649 743
Março	2 728 625	2 143 620	3 144 057	10 358 289	15 537 121	2 656 974
Abril	2 734 464	2 149 511	3 154 467	10 378 120	15 574 483	2 664 216
Maio	2 740 304	2 155 412	3 164 882	10 397 984	15 611 870	2 671 462
Junho	2 746 159	2 161 323	3 175 330	10 417 854	15 649 283	2 678 728
Julho	2 752 008	2 167 235	3 185 798	10 437 757	15 686 752	2 685 997
Agosto	2 757 872	2 173 167	3 196 269	10 457 666	15 724 247	2 693 287
Setembro	2 763 744	2 179 099	3 206 775	10 477 595	15 761 797	2 700 579
Outubro	2 769 616	2 185 042	3 217 315	10 497 556	15 799 374	2 707 884
Novembro	2 775 497	2 190 984	3 227 858	10 517 524	15 837 006	2 715 209
Dezembro	2 781 386	2 196 947	3 238 421	10 537 511	15 874 664	2 722 537
1987						
Janeiro	2 787 311	2 202 939	3 249 060	10 557 656	15 912 556	2 729 911
Fevereiro	2 793 213	2 208 910	3 259 658	10 577 662	15 950 283	2 737 261
Março	2 799 115	2 214 880	3 270 289	10 597 692	15 988 024	2 744 620
Abril	2 805 022	2 220 869	3 280 936	10 617 734	16 025 809	2 751 989
Maio	2 810 928	2 226 856	3 291 586	10 637 775	16 063 606	2 759 369
Junho	2 816 847	2 232 852	3 302 267	10 657 840	16 101 448	2 766 749
Julho	2 822 765	2 238 857	3 312 964	10 677 905	16 139 303	2 774 147
Agosto	2 828 689	2 244 871	3 323 694	10 697 980	16 177 171	2 781 547
Setembro	2 834 619	2 250 882	3 334 426	10 718 082	16 215 083	2 788 965
Outubro	2 840 547	2 256 902	3 345 174	10 738 181	16 253 038	2 796 385
Novembro	2 846 489	2 262 931	3 355 939	10 758 293	16 291 006	2 803 823

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA — BRASIL

Prossegue a desaceleração industrial ocorrendo porém, em novembro, de forma mais atenuada. A taxa anualizada (indicador dos últimos 12 meses), após cair em média 1,6 ponto percentual ao mês entre julho e outubro, aponta redução de 0,9 entre os dois últimos meses, ao passar de 2,6% de crescimento em outubro para 1,7% em novembro. Tal tendência também está presente na evolução do indicador acumulado, que após passar de 7,8% em junho para 1,7% em outubro, registra no último mês a marca de 1,3% de expansão.

Com relação ao comportamento do índice mensal (mês contra igual mês do ano anterior), também verifica-se resultado mais favorável, visto que a queda de 2,15% em novembro fica bem acima do desempenho médio do período julho-outubro (-5,8%). Acrescente-se que entre outubro e novembro todos os gêneros industriais — exceto química e fumo — melhoraram seu

desempenho, segundo a comparação das taxas do indicador mensal nesse período.

No índice de base fixa sazonalmente ajustado, observa-se que a atividade industrial retorna em novembro aos níveis de junho, recuperando o movimento ligeiramente ascendente que vinha sendo observado a partir de agosto último. O crescimento de 1,9% em novembro, com relação a outubro, marca o melhor desempenho da produção industrial brasileira neste segundo semestre do ano.

Na origem do desempenho industrial em novembro último podem ser identificados, atuando positivamente, dois movimentos: a ligeira recuperação generalizada nos níveis de produção associada, provavelmente, às encomendas de final do ano que, ao serem postergadas ao máximo em razão da incerteza quanto ao comportamento das vendas natalinas, acabaram sendo deslocadas, em boa medida, para este mês — outubro, que tradicionalmente apresenta o pico de produção, foi superado por novembro; e a expressiva queda em novembro de 1986 em

setores de importância na estrutura industrial, como a indústria de autoveículos, decorrente de problemas relacionados ao congelamento de preços do Plano Cruzado.

No índice mensal, por categorias de uso, destaca-se o comportamento de Bens de Consumo Duráveis (de -10,6% em outubro para 6,2% em novembro), primeiro resultado positivo desde março do corrente ano. A maior influência nessa performance é a do setor de automóveis para passageiros, cujos índices nesse mês se expandiram muito em função do "efeito-base", já que nos meses finais do ano passado, como mencionado, acentuavam-se os reflexos desfavoráveis relacionados à fase de congelamento de preços.

O segundo maior incremento nas taxas mensais ocorre nos Bens de Capital, ao evoluir de -12,3% em outubro para -4,3%

em novembro, com destaque para motores e aparelhos elétricos (de -4,0% para 10,0%), máquinas agrícolas (de -23,8% para -8,2%) e tratores e máquinas rodoviárias (de -12,4% para -3,0%).

No que se refere ao setor produtor de Bens de Consumo Não-duráveis, o avanço foi de -6,6% no mês passado para -1,6% em novembro, com praticamente todos os gêneros da categoria elevando suas taxas mensais, tendo como destaque os de produtos alimentares; perfumaria, sabões e velas; farmacêutica; e vestuário, calçados e artefatos de tecidos.

Por último, o setor de Bens Intermediários foi o que registrou o menor incremento na taxa (de -5,7% em outubro para -2,9% em novembro), destacando-se aí os seg-

COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL⁽¹⁾

(Indicador Acumulado Segundo os Gêneros da Indústria)

JANEIRO/OUTUBRO 1987

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS ⁽²⁾
Extrativa mineral.....	-0,04	Minério de ferro — Petróleo em bruto
Minerais não-metálicos.....	0,17	Azulejos decorados — Copos de vidro
Metalúrgica.....	0,12	Estruturas metálicas — Parafusos de ferro e aço
Mecânica.....	0,46	Aparelhos elétricos de ar-condicionado — exclusive ar-condicionado central — Torno paralelo universal de 2 000 kg e mais
Material elétrico e de comunicações.....	-0,13	Aparelhos receptores de televisão em cores — Transformador de alta e baixa tensão até 150 kVA
Material de transporte.....	-0,93	Automóveis para passageiros — Caminhões de menos de 20 t de CMT
Papel e papelão.....	0,16	Papel ofsete — Papel Kraft
Borracha.....	0,07	Pneumáticos para caminhões e ônibus — massa de borracha
Química.....	1,11	Álcool hidratado — Óleo diesel
Farmacêutica.....	0,07	Vitaminas dosadas — Antiinfeciosos ginecológicos
Perfumaria, sabões e velas.....	0,15	Sabões e cremes para lavar e enxaguar cabelos — Águas-de-colônia, extratos e semelhantes — exclusive loções para barba
Produtos de matérias plásticas.....	-0,07	Artigos de material plástico para mesa, copa e outros usos domésticos — Sacos e sacolas de material plástico
Têxtil.....	0,00	Fios crus, de algodão — Tecidos crus, de algodão
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	-0,44	Calças compridas de tecidos — inclusive tecido de malha — Sapatos, sandálias e botas de couro para senhoras
Produtos alimentares.....	0,64	Suco e concentrado de laranja — Açúcar demerara
Bebidas.....	-0,04	Vinhos de uva produzidos diretamente da uva, licorosos — inclusive vermute — Aguardente de cana-de-açúcar (produzido diretamente da cana-de-açúcar)
Fumo.....	0,02	Fumo em folha beneficiado (seco ou defumado)
Indústria geral.....	1,32	

(1) $C = (I_G - 100) \cdot K$, onde:

C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;

I_G = Indicador do gênero; e

K = Peso do gênero no total da indústria geral.

(2) Foram destacados, em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

mentos de extração de carvão mineral, gusa e aço, e ferroligas.

Os resultados para períodos mais longos apontam para desempenho negativo em Bens de Consumo Duráveis e Bens de Capital, justamente os segmentos mais dinâmicos em 1986. A produção de Bens de Consumo Duráveis, que apresentou expansão de 20,4% no ano passado, atinge até novembro deste ano uma queda de 5,7%, enquanto o setor de Bens de Capital recua de 21,9% para - 1,1% no mesmo período.

As categorias de Bens de Consumo Não-duráveis e de Bens Intermediários ostentam taxas superiores à média global da indústria, tanto no acumulado como nos últimos 12 meses, em função de sua maior articulação com o setor agrícola e com as exportações.

A evolução dos índices de base fixa sazonalmente ajustados parece sugerir que o setor industrial vem se acomodando a um novo patamar de produção: de um nível médio de 127,9 no primeiro semestre, recua para 119,7 no período julho-novembro, em relação ao ano-base de comparação — 1981, marca próxima à verificada no primeiro semestre de 1986.

Esse novo patamar decorre do esgotamento dos efeitos desencadeados a partir do Plano Cruzado, refletidos na expressiva elevação da demanda interna. Tais fatores tiveram, inclusive, impactos indiretos no nível da atividade industrial até os primeiros meses de 1987, na medida em que havia necessidade de recomposição dos níveis normais de estoque. Atuaram ainda, positivamente, no desempenho industrial, do corrente ano, o processamento da grande safra agrícola e o comportamento das exportações do setor, fazendo com que a indústria esteja operando a níveis próximos aos observados no primeiro semestre de 1986, mesmo com o desaquecimento do mercado interno, período ainda não muito influenciado pelas medidas do Plano Cruzado.

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA POR REGIÕES

Apurados os resultados regionais da produção industrial para o mês de novembro, observa-se de forma praticamente generali-

zada uma elevação no indicador mensal, quando comparado aos resultados verificados em outubro. Não obstante esse fato, os principais parques industriais (São Paulo, Rio de Janeiro e região Sul) mantêm nos índices para períodos mais longos (acumulado e dos últimos doze meses) trajetória declinante.

Por outro lado, os resultados favoráveis alcançados pela indústria nordestina nos últimos meses — decorrentes do processamento industrial da safra de cana-de-açúcar — levaram inclusive a uma ligeira recuperação no índice anualizado. O indicador dos últimos doze meses passa de 3,1% até outubro para 4,0% até novembro.

No caso da indústria de Minas Gerais, o índice acumulado mantém estabilidade entre outubro e novembro últimos, ao nível de 1,5%, favorecido pelo excelente resultado do setor automobilístico, que por sua vez traduz não só a influência dos problemas ocorridos nos últimos meses de 1986, em função do congelamento de preços, como também os impactos favoráveis das exportações do setor neste ano.

Região Nordeste

A produção industrial da região Nordeste registra em novembro de 1987 um crescimento de 4,5%, após apresentar em outubro uma queda de 0,5%, quando comparada a igual mês do ano anterior. Tal comportamento está relacionado ao excelente desempenho dos setores alimentar e químico, basicamente em função da melhor performance dos produtos derivados da cana-de-açúcar.

Por sinal, é esse fato que faz com que o Nordeste (com destaque para Pernambuco) seja a região com melhor desempenho nos índices agregados (acumulado e dos últimos doze meses) que atingem esse mês patamares próximos aos 4%.

No caso específico de novembro, o avanço da taxa mensal decorre principalmente do desempenho da indústria baiana, que de - 12,4% em outubro passa a - 2,6% em novembro. Vale destacar ainda, que neste mês também teve influência significativa a produção do complexo álcool/açucareiro oriunda de outros estados nordestinos, com destaque para Alagoas, explicando assim o maior crescimento da região Nordeste em

relação aos seus dois principais centros industriais (Bahia e Pernambuco).

Pernambuco

A indústria de Pernambuco alcança em novembro de 1987 um crescimento de 1,8% frente a igual mês do ano anterior. Os resultados positivos obtidos nos últimos três meses têm sua base de sustentação na boa performance dos derivados da cana-de-açúcar, que vêm permitindo aos dois setores de maior peso da indústria — químico e alimentar — excelentes resultados, contrabalançando assim as quedas que vêm observando na quase totalidade dos setores industriais.

Neste mês de novembro, além dos dois setores acima mencionados, mais dois registraram incremento na produção, sendo as maiores contribuições a nível de produtos dadas por: açúcar refinado, demerara e cristal que permitiram a indústria alimentícia um crescimento de 30,7%; na química (10,5%), o álcool anidro e hidratado além das fibras de poliéster; e nos setores de perfumaria, sabões e velas (16,8%), e de fumo (16,5%), os destaques foram o sabão comum, em massa — exclusive de coco e os cigarros. Dos sete setores em queda as maiores retrações ocorreram em material elétrico e de comunicações (-35,2%), metalúrgica (-30,0%) e matérias plásticas (-27,4%).

Em novembro, o indicador acumulado (7,9%) situa-se 0,8 ponto percentual abaixo do nível verificado no mês anterior, tendo a taxa anualizada (indicador dos últimos 12 meses) apresentado movimento inverso: passa de 6,7% em outubro para 7,7% em novembro.

Faltando apenas apurar a produção de dezembro para o fechamento do ano, praticamente está assegurado ao setor industrial pernambucano um crescimento superior ao alcançado em 1986, apesar de alguns gêneros pesquisados fecharem 1987 com nível de crescimento próximo de zero e outros com quedas expressivas. Tal fato dá uma boa dimensão da importância no local do setor álcool/açucareiro que sustenta o crescimento deste ano, assim como foi o principal responsável pela taxa de apenas 5,2% em 1986, quando a média nacional foi de 11,0%.

Bahia

A indústria do Estado registra em novembro queda de 2,6% frente a idêntico mês do ano passado, tendo se expandido, entretanto, em 9,8 pontos percentuais em relação à taxa mensal registrada em outubro (-12,4%), sendo esta última afetada de forma bastante significativa pelo elevado nível de produção ocorrido em outubro de 1986.

Todos os setores pesquisados apresentam taxas mensais superiores às de outubro, ficando as maiores elevações, entre esses dois meses, por conta de borracha (que passa de -19,9% para 19,5%) e produtos alimentares (de -10,7% para 12,9%). No primeiro, motivado pela expansão na produção de borracha vegetal e no segundo, pelo aumento de cacau beneficiado e manteiga de cacau, decorrente da maior disponibilidade de matéria-prima este mês.

Mesmo com o melhor desempenho em novembro, os resultados agregados se mantêm em declínio, com a produção acumulada no ano já registrando desempenho negativo (janeiro-novembro: -0,1%), fato único entre as regiões pesquisadas.

Quanto ao comportamento da produção anualizada, retratado pelo índice dos últimos doze meses, a taxa em novembro situa-se em 0,8% de expansão, sendo os maiores destaques positivos, os ramos de perfumaria, sabões e velas (8,8%), química (5,4%) e bebidas (3,9%) e, negativamente, metalúrgica (-16,0%), produtos alimentares (-9,3%) e minerais não-metálicos (-4,5%). O setor químico praticamente está determinando a manutenção da taxa positiva, tendo na produção de óleo diesel e polietileno os principais destaques. Já o desempenho de minerais não-metálicos e de metalúrgica está atrelado a queda na produção de pedra britada e postes de concreto, vergalhões de aço e tubos e canos de aço, com costura, respectivamente, como consequência do desaquecimento do setor de construção civil.

Minas Gerais

A indústria mineira cresceu 3,2% em novembro com relação a igual mês do ano passado, voltando assim a apresentar taxa positiva após dois meses de queda. Com isto,

a taxa da produção acumulada no ano, revela suave elevação ao atingir no período janeiro-novembro 1,5% contra 1,4% registrada em janeiro-outubro.

Os maiores acréscimos na taxa do indicador mensal, entre os dois últimos meses, verificaram-se em material de transporte e material elétrico e de comunicações, ambos com aumento em torno de 19 pontos percentuais, seguidos por matérias plásticas (16,6) e extração de minerais (11,4 pontos percentuais). Os únicos gêneros a registram contração na taxa foram química (de -8,5% em outubro para -14,5% em novembro) — como consequência da queda na produção de álcool e óleo diesel — e fumo.

A boa performance de alguns gêneros este mês reflete, em alguma medida, o nível baixo de produção em novembro de 1986, como é o caso, principalmente, de material de transporte que registrou queda na produção de automóveis para passageiros de cerca de 36% naquele mês com relação ao mês imediatamente anterior.

Analisando a nível de gêneros os resultados da produção anualizada, que alcançou 1,4% de crescimento até novembro para a Indústria Geral, destacam-se como de melhor desempenho as indústrias de material de transporte (10,6%), bebidas (9,6%), alimentares (5,9%) e fumo (4,4%), sendo que na primeira, o expressivo nível das exportações do setor compensou em parte a retração do mercado interno este ano.

Quanto a produtos alimentares, a normalização em 1987 no abastecimento de leite influenciou positivamente a indústria de laticínios, que neste Estado conta com significativo peso no gênero.

Em termos de desempenho negativo figuraram os segmentos de material elétrico e de comunicações (-9,8%), extrativa mineral (-9,2%) e vestuário, calçados e artefatos de tecidos (-6,4%), sendo os produtos responsáveis, respectivamente: fios e cabos de alumínio e transformadores de distribuição de energia elétrica, minério de ferro, e blusas, blusões e camisas esporte de tecidos.

Finalmente, o setor metalúrgico que, pela sua elevada importância, quase sempre se destaca na composição da taxa global, este ano vem sendo superado pelas participa-

ções de material de transporte e alimentares, em razão da sua fraca performance, com a produção anualizada do gênero atingindo somente 1,1% de expansão até novembro. Se o mercado interno lhe foi desfavorável em decorrência do acentuado desaquecimento na produção de Bens de Capital e de Bens de Consumo Duráveis, as exportações do ramo não apresentaram resultados mais satisfatórios, principalmente no primeiro semestre do ano. Segundo dados da CACEX, o volume físico das exportações brasileiras de produtos siderúrgicos caiu cerca de 39% no período janeiro-julho, com relação a igual período de 1986.

Rio de Janeiro

A recuperação do indicador mensal em novembro (-4,1%) após queda de 8,1% em outubro na indústria fluminense, resulta principalmente do comportamento favorável de algumas indústrias de Bens de Consumo Não-duráveis.

Dos quinze gêneros pesquisados, dez registraram avanço no índice mensal entre os dois últimos meses, com destaque para perfumaria, sabões e velas, cuja taxa passou (de -3,0% para 34,0%); material elétrico e de comunicações (de 22,5% para 35,7%) e bebidas (de -23,1% para -9,8%). No que se refere ao desempenho de material elétrico e de comunicações, a maior contribuição deve-se a melhor performance de estações telefônicas, que por sua vez teve seu comportamento bastante influenciado pelo reduzido nível de produção em novembro do ano passado.

Os resultados de novembro, no entanto, não alteram a tendência de queda dos índices acumulados (0,5%) e dos últimos doze meses (1,6%), que após fecharem 1986 com taxa excepcional, aproximam-se este ano e particularmente a partir do segundo semestre do nível de crescimento zero. Certamente o Rio de Janeiro tem sido por características próprias do seu parque industrial, o local que mais se ressentiu da queda na demanda interna experimentada ao longo de 1987.

Ainda com relação à produção anualizada, verifica-se que dentre os segmentos com desempenho positivo, destacam-se os de material elétrico, perfumaria e farmacêutica; e naqueles com comportamento

negativo, material de transporte (-19,9%) e vestuário (-6,5%). Quanto a material de transporte, continua sendo o setor naval o principal responsável e no setor de vestuário o maior impacto ocorre na produção de calças compridas e bolsas de couro, ambos refletindo a retração da demanda interna.

Cabe ressaltar, ainda, que setores importantes como o químico e o metalúrgico que respondem aproximadamente por 26% do produto industrial do Estado, segundo o Censo Industrial de 1980, vêm registrando fraco desempenho em 1987, com taxas de -0,7% e 1,7% até novembro, respectivamente.

São Paulo

A indústria paulista apesar de ainda manter desempenho mensal negativo pelo quinto mês consecutivo, apresenta em novembro último (-3,0%) recuperação frente ao resultado de outubro (-9,1%). Esse comportamento mais favorável deu-se de maneira quase que generalizada no âmbito dos gêneros industriais, sendo que os principais destaques foram: material elétrico e de comunicações; perfumaria, sabões e velas; vestuário, calçados e artefatos de tecidos e material de transporte.

Quanto a esse último setor, é importante mencionar que o mesmo apresenta a primeira taxa positiva do ano, enquanto a taxa média no período julho-outubro situou-se em -18,8%, e que este avanço resulta da elevação do nível de produção nesse mês, além da base de comparação (novembro/86) encontrar-se retraída em decorrência de fatores desfavoráveis relacionados ao congelamento de preços.

Por outro lado, a química (-6,7%) apresentou este mês seu primeiro resultado negativo no ano, fato que contribuiu para o desempenho desfavorável dos produtos álcool anidro e hidratado. Merece destaque, também, nesse mês a forte redução do setor de fumo (-53,0%).

Em relação à taxa anualizada, os gêneros com desempenho positivo que mais contribuíram para a sua formação foram: mecânica (8,4%), produtos alimentares (8,3%) e química (6,9%), com destaque para os produtos: ventilador industrial e torno paralelo universal, suco e concentrado de laranja e

sorvetes, álcool hidratado e óleo diesel. Em termos negativos, as maiores contribuições foram dadas pelos segmentos de material de transporte (-13,5%) e vestuário (-16,1%), onde as maiores influências foram dadas por: automóveis para passageiros e caminhões, calças compridas e blusas, blusões e camisas esporte.

Quanto ao índice acumulado janeiro-novembro (0,7%) nota-se um contínuo declínio em suas taxas a partir de março, o mesmo ocorrendo com o indicador dos últimos doze meses, que registrou até novembro expansão de 1,0%, o que coloca a indústria paulista abaixo da média nacional em ambos os índices.

Região Sul

A indústria sulina registra em novembro de 1987 uma queda de 7,2%, quando comparada a igual mês do ano anterior. Assim, prossegue a trajetória declinante como se observa nos resultados dos indicadores para períodos mais amplos: acumulado (de 2,4% em outubro para 1,5% em novembro) e dos últimos doze meses (de 3,5% para 1,9%).

Nesse mês, a ligeira recuperação dos níveis do indicador mensal, que passa de -8,1% em outubro para -7,2% em novembro, só não foi mais elevada porque a indústria química prossegue em franca desaceleração (6,5% de expansão em setembro, -2,3% em outubro e -25,1% em novembro). Daí que as recuperações observadas em mecânica, extrativa mineral e material elétrico e de comunicações, principalmente, não tenham tido maiores impactos em termos do resultado global da indústria. O desempenho do setor químico nestes últimos meses está associado à queda na produção de adubos e fertilizantes.

Os números sobre a produção industrial da região Sul, para o período janeiro-novembro de 1987, apontam que neste ano o ritmo da atividade industrial deverá situar-se em níveis bastante inferiores aos anos 1984/86, quando as taxas anuais estiveram sempre acima dos 6% de expansão. Nesse sentido, destacam-se negativamente na taxa acumulada para o referido período as indústrias de: vestuário (-5,9), bebidas (-14,7%) e matérias plásticas (-2,9%).

DEFINIÇÃO DOS ÍNDICES DIVULGADOS

Índice base fixa: reflete o desempenho do mês de referência do índice, em relação à produção média mensal do ano-base de comparação (1981).

Índice acumulado de 12 meses: reflete o desempenho da produção acumulada nos

últimos 12 meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior.

Índice acumulado: reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

Índice mensal: reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação a igual mês do ano anterior.

1 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1987

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Setembro	Outubro	Novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
Indústria geral	131,52	134,77	125,81	104,32	102,82	101,72
Extrativa mineral.....	183,99	193,75	191,19	98,39	98,53	99,06
Indústrias de transformação	129,93	132,99	123,83	104,61	102,81	101,85
Minerais não-metálicos	105,03	109,53	108,02	108,59	106,09	104,46
Metalúrgica	127,07	135,04	129,07	104,40	102,48	101,46
Metalúrgica básica	127,98	136,58	131,27	100,58	99,19	98,73
Outros produtos metalúrgicos	125,62	132,59	125,56	111,14	108,23	106,20
Mecânica	123,76	126,56	123,46	109,92	106,70	105,02
Material elétrico e de comunicações	139,60	143,56	140,82	103,90	100,70	99,16
Material de transporte.....	111,27	111,62	112,95	89,44	88,00	88,89
Autoveículos.....	123,83	120,42	122,46	87,16	86,17	87,81
Outros produtos de transporte	86,49	94,26	94,19	96,18	93,28	91,96
Papel e papelão	140,80	145,65	138,07	106,77	105,63	104,58
Borracha	137,20	139,98	141,41	106,60	105,00	104,94
Química	164,90	160,87	128,67	108,43	108,11	106,72
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	129,72	124,28	112,02	106,61	104,89	103,76
Outros produtos químicos	188,00	184,90	139,80	109,45	109,96	108,42
Farmacêutica	135,92	127,23	133,77	107,70	105,73	104,13
Perfumaria, sabões e velas	173,77	186,93	178,92	115,01	113,53	113,98
Produtos de matérias plásticas	135,30	137,06	130,08	105,35	101,50	98,86
Têxtil.....	116,60	121,36	115,49	103,79	101,82	100,76
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	95,34	100,82	101,37	95,81	92,81	91,22
Produtos alimentares.....	129,41	136,15	121,43	106,04	105,54	106,15
Bebidas.....	123,91	135,06	135,17	103,31	99,96	98,11
Fumo.....	90,31	87,34	81,34	104,96	104,18	102,79

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/setembro	Janeiro/outubro	Janeiro/novembro	Setembro	Outubro	Novembro
Indústria geral	102,86	101,68	101,32	94,69	92,93	97,85
Extrativa mineral.....	98,33	98,58	99,07	99,22	100,71	104,03
Indústrias de transformação	103,07	101,82	101,42	94,50	92,62	97,58
Minerais não-metálicos	105,39	103,87	103,19	93,55	92,39	97,08
Metalúrgica	102,18	101,20	100,89	90,59	93,48	97,87
Metalúrgica básica	98,66	98,22	98,38	91,70	94,59	99,99
Outros produtos metalúrgicos	108,29	106,33	105,17	88,84	91,70	94,52
Mecânica	107,03	104,98	104,42	91,89	90,33	99,20
Material elétrico e de comunicações	100,10	98,56	98,36	90,71	87,26	96,46
Material de transporte.....	88,02	87,51	88,71	82,49	83,39	102,03
Autoveículos.....	86,89	86,47	87,97	83,09	82,89	105,89
Outros produtos de transporte	91,33	90,54	90,81	80,85	84,69	93,32
Papel e papelão	105,90	104,93	104,32	97,47	97,02	98,39
Borracha	105,35	104,36	104,53	95,93	96,69	106,00
Química	109,39	108,13	106,71	104,62	99,61	93,77
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	106,09	104,89	104,07	103,09	95,53	95,99
Outros produtos químicos	111,31	109,97	108,20	105,33	101,53	92,64
Farmacêutica	106,20	104,33	103,70	92,44	88,99	97,64
Perfumaria, sabões e velas	114,34	113,01	113,62	107,31	103,77	119,47
Produtos de matérias plásticas	101,27	98,89	97,60	82,63	81,76	85,90
Têxtil.....	101,44	100,41	100,05	92,97	92,31	96,59
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	92,67	90,78	90,35	78,71	77,54	86,48
Produtos alimentares.....	107,76	106,87	106,86	106,95	100,96	106,72
Bebidas.....	97,88	96,85	96,73	87,95	89,43	95,70
Fumo.....	103,26	102,65	101,89	116,67	94,41	90,44

**2 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, COM AJUSTAMENTO SAZONAL,
SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1987**
Base fixa mensal

CLASSES E GÊNEROS	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Indústria geral	126,54	122,20	116,89	118,56	120,64	119,94	122,27
Extrativa mineral	180,27	183,12	186,57	186,08	186,58	185,92	189,43
Indústrias de transformação	124,91	120,36	114,79	116,52	118,65	117,95	120,24
Minerais não-metálicos	106,82	103,81	99,27	100,76	101,58	101,24	104,74
Metalúrgica	131,78	129,22	123,41	121,64	123,90	126,73	127,96
Metalúrgica básica	128,64	126,70	122,92	124,12	125,05	128,51	131,71
Outros produtos metalúrgicos	136,80	133,24	124,20	117,67	122,04	123,88	121,96
Mecânica	128,26	122,74	114,68	113,81	111,97	112,67	118,94
Material elétrico e de comunicações	138,78	136,12	109,18	121,90	129,09	129,56	129,49
Material de transporte	111,27	107,80	101,29	99,38	102,57	100,07	105,48
Autoveículos	123,53	121,47	118,65	110,52	113,99	107,76	115,15
Outros produtos de transporte	87,05	80,22	67,04	77,39	80,03	84,88	86,40
Papel e papelão	145,90	141,76	139,26	136,96	139,08	138,49	139,80
Borracha	133,42	134,95	134,05	134,57	130,55	132,24	138,00
Química	136,33	128,29	132,18	133,62	135,31	131,13	129,49
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	118,89	111,15	121,62	116,76	123,83	116,00	116,33
Outros produtos químicos	147,78	139,55	139,12	144,69	142,84	141,06	138,13
Farmacêutica	138,22	146,19	131,06	124,80	126,58	122,08	126,49
Perfumaria, sabões e velas	176,37	159,43	135,64	151,19	166,24	164,24	174,24
Produtos de matérias plásticas	146,21	129,49	111,42	118,00	124,40	122,79	124,30
Têxtil	119,15	115,76	110,61	111,64	113,44	113,16	114,52
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	96,55	92,44	87,40	86,69	86,48	85,95	89,52
Produtos alimentares	107,82	104,91	105,46	109,31	113,12	112,78	115,53
Bebidas	117,25	102,05	112,81	121,48	118,14	121,84	125,65
Fumo	128,86	139,64	107,78	134,08	139,34	131,56	131,52

3 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO – 1987

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Setembro	Outubro	Novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
Bens de capital	107,60	111,45	109,91	103,62	100,67	98,94
Bens intermediários	138,07	141,93	129,23	104,40	102,93	102,04
Bens de consumo	129,71	131,56	126,49	102,48	101,05	100,65
Duráveis	142,20	145,29	143,33	94,98	93,47	94,33
Não-duráveis	127,09	128,68	122,96	104,36	102,96	102,23

CATEGORIAS DE USO	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Setembro	Outubro	Novembro
Bens de capital	99,85	98,43	98,17	87,28	87,74	95,67
Bens intermediários	103,20	102,16	101,69	95,71	94,27	97,12
Bens de consumo	101,43	100,39	100,34	95,78	92,62	99,83
Duráveis	93,12	92,70	93,88	87,81	89,44	106,20
Não-duráveis	103,56	102,35	101,97	97,86	93,40	98,40

**4 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL,
SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS
1987**

(continua)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Setembro	Outubro	Novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
Extração de minerais metálicos	115,63	127,88	128,18	93,84	94,54	95,77
Extração de petróleo e gás natural.....	252,63	262,52	254,83	99,12	99,34	99,68
Extração de carvão mineral.....	103,79	102,41	122,54	89,21	87,50	88,95
Cimento.....	94,26	95,38	93,91	108,54	105,64	103,00
Vidro e artefatos de vidro.....	135,82	146,81	159,43	115,13	113,34	111,76
Artefatos de cimento e concreto.....	110,99	116,97	113,01	110,12	105,12	102,80
Tijolos e artefatos de barro.....	107,51	114,11	108,60	107,99	107,49	107,54
Gusa.....	175,21	179,41	178,40	101,56	101,53	102,53
Aço, ferroliga — em forma primária.....	180,25	171,67	175,57	97,29	97,41	98,55
Laminados de aço.....	124,70	134,53	129,16	102,21	101,30	101,00
Fundidos e forjados de aço.....	106,19	115,01	110,29	96,77	93,99	92,40
Trefilados.....	121,23	129,22	122,83	111,56	108,01	105,39
Motores e bombas.....	135,52	135,19	149,13	105,51	101,93	100,14
Máquinas agrícolas.....	120,95	123,49	130,20	104,62	99,58	97,30
Tratores e máquinas rodoviárias.....	119,72	126,86	117,75	102,45	98,92	96,75
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar.....	169,07	166,15	160,88	107,74	106,25	106,01
Equipamentos para energia elétrica.....	142,37	132,69	128,58	111,89	106,25	101,83
Condutores elétricos.....	106,94	107,00	113,79	101,34	97,35	96,39
Material elétrico — exclusive para veículos.....	143,86	148,45	131,28	109,26	107,72	106,47
Material elétrico para veículos.....	123,09	136,18	121,55	92,63	89,80	88,77
Motores e aparelhos elétricos.....	160,45	166,03	182,73	111,05	108,24	107,94
Receptores de televisão, rádio e som.....	166,71	176,54	168,32	103,26	100,70	99,01
Automóveis e camionetas.....	119,80	113,96	119,64	79,98	79,38	83,13
Caminhões e ônibus.....	116,18	119,32	115,35	93,87	92,37	91,17
Motores e autopeças.....	138,28	131,53	136,88	91,75	89,92	90,78
Indústria naval.....	48,48	50,65	47,36	92,01	89,21	86,42
Celulose e pasta mecânica.....	138,07	136,46	133,73	104,19	103,98	103,15
Papel e papelão.....	161,54	171,56	180,88	107,69	107,36	106,83
Artefatos de papel e papelão.....	125,58	133,52	126,67	108,27	105,70	103,98
Pneumáticos.....	130,86	131,75	134,90	103,78	103,02	103,74
Refino de petróleo.....	125,88	119,68	108,00	106,97	105,12	103,83
Petroquímica.....	153,50	152,13	135,25	105,03	103,84	103,52
Resinas, fibras e elastômeros.....	145,40	155,97	153,59	107,07	105,59	104,28
Pigmentos e tintas.....	135,38	144,72	137,97	106,52	105,71	106,57
Adubos e fertilizantes.....	208,24	204,09	138,73	116,69	115,69	109,77
Laminados plásticos.....	140,87	145,69	138,78	108,81	105,88	103,08
Fiação e tecelagem têxteis naturais.....	121,21	124,55	119,74	103,17	101,86	101,48
Fiação e tecelagem têxteis artificiais.....	115,67	122,16	114,63	104,23	101,68	99,83
Calçados.....	107,30	115,45	115,05	98,95	95,48	93,27
Moagem de trigo.....	120,25	122,95	114,61	102,58	99,14	98,56
Abate e preparo de carne.....	85,73	83,03	77,74	95,34	97,85	102,05
Abate e preparo de aves.....	134,81	150,48	143,18	104,98	105,82	106,74
Laticínios.....	101,39	120,68	128,25	109,60	108,44	108,90
Usinas de açúcar.....	178,80	192,30	129,68	117,97	112,52	110,33
Refino de açúcar.....	125,89	140,39	136,18	100,76	103,09	105,75
Refino de óleos e gorduras para alimentos.....	113,30	95,61	98,73	97,02	93,90	94,16
Preparo de alimentos para animais.....	122,33	123,19	110,43	111,31	111,00	110,12
Cerveja, chope e malte.....	131,75	134,68	136,75	102,62	101,34	100,83
Refrigerantes.....	129,11	144,44	153,95	116,24	111,92	108,72

**4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL,
SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS
1987**

(conclusão)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Setembro	Outubro	Novembro
Extração de minerais metálicos	94,36	95,17	96,18	90,75	102,37	106,70
Extração de petróleo e gás natural	99,27	99,46	99,75	100,69	101,11	102,75
Extração de carvão mineral	83,70	83,69	86,79	89,06	83,61	122,77
Cimento	103,95	102,38	101,33	95,11	90,95	92,33
Vidro e artefatos de vidro	111,34	110,22	110,06	98,15	101,63	108,73
Artefatos de cimento e concreto	104,67	101,92	100,87	84,12	82,84	91,41
Tijolos e artefatos de barro	107,87	107,43	107,30	101,33	103,74	106,02
Gusa	101,83	102,08	102,93	105,16	104,15	111,45
Aço, ferrolige — em forma primária	96,15	97,06	98,72	95,02	104,85	115,87
Laminados de aço	100,43	100,30	100,59	97,95	99,29	103,44
Fundidos e forjados de aço	92,91	91,79	91,44	77,11	82,79	87,87
Trefilados	109,30	106,44	104,53	83,09	85,45	87,38
Motores e bombas	100,77	98,94	98,83	81,47	84,72	97,89
Máquinas agrícolas	99,38	96,45	95,98	74,89	76,24	91,79
Tratores e máquinas rodoviárias	97,48	96,26	96,33	85,99	87,58	97,00
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar	106,31	105,87	106,06	99,65	102,51	107,80
Equipamentos para energia elétrica	104,66	101,78	99,89	90,36	80,30	82,94
Condutores elétricos	97,23	95,05	95,18	81,03	78,75	96,36
Material elétrico — exclusiva para veículos	110,18	108,35	107,06	98,33	94,85	94,80
Material elétrico para veículos	89,31	88,59	88,56	86,98	83,04	88,22
Motores e aparelhos elétricos	109,03	107,37	107,63	99,15	96,03	110,01
Receptores de televisão, rádio e som	97,61	97,44	97,74	97,23	96,14	100,51
Automóveis e camionetas	81,99	81,47	83,85	76,57	76,90	117,82
Caminhões e ônibus	90,11	90,14	90,59	84,15	90,47	95,11
Motores e autopeças	90,93	89,77	90,77	89,85	80,53	101,63
Indústria naval	84,91	85,11	84,77	81,46	86,81	81,52
Celulose e pasta mecânica	103,51	103,28	103,47	105,11	101,34	105,43
Papel e papelão	107,49	107,18	106,60	102,30	104,63	100,98
Artefatos de papel e papelão	106,41	104,34	103,29	87,63	88,84	93,37
Pneumáticos	103,81	103,13	103,67	96,42	99,11	109,08
Refino de petróleo	106,22	104,95	104,09	103,38	95,10	95,73
Petroquímica	105,79	104,85	104,14	101,97	97,29	96,91
Resinas, fibras e elastômeros	104,99	104,10	103,80	94,02	96,92	100,85
Pigmentos e tintas	106,94	105,79	106,33	97,06	97,62	111,58
Adubos e fertilizantes	112,51	111,49	107,56	112,07	105,91	79,50
Laminados plásticos	104,77	102,83	101,33	89,66	86,80	88,47
Fiação e tecelagem têxteis naturais	102,02	101,29	101,26	98,56	95,44	100,92
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	100,15	99,09	96,49	89,09	90,77	92,78
Calçados	94,57	92,57	92,06	81,11	78,85	87,66
Moagem de trigo	96,65	95,13	94,38	87,01	83,98	87,35
Abate e preparo de carne	101,00	102,53	104,87	208,56	120,29	141,94
Abate e preparo de aves	105,59	106,10	106,74	105,18	110,27	113,03
Laticínios	107,94	107,97	108,80	94,69	108,15	116,42
Usinas de açúcar	116,40	112,30	110,91	101,77	97,15	100,91
Refino de açúcar	103,83	105,18	107,06	110,62	115,46	124,99
Refino de óleos e gorduras para alimentos	96,00	93,21	93,48	86,89	72,99	86,30
Preparo de alimentos para animais	112,18	110,93	109,57	107,75	101,65	97,28
Cerveja, chope e leite	99,06	99,19	99,74	102,08	100,20	104,86
Refrigerantes	109,27	107,40	106,45	93,16	94,01	98,80

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1987

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Setembro	Outubro	Novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral	123,77	144,60	143,20	103,15	103,13	104,03
Extrativa mineral.....	143,25	146,58	143,44	101,96	101,77	101,73
Indústrias de transformação	121,08	144,33	143,16	103,35	103,35	104,42
Minerais não-metálicos	97,96	99,22	98,46	103,78	101,00	99,17
Metalúrgica	149,38	153,90	135,33	107,74	103,58	100,68
Material elétrico e de comunicações	167,91	157,33	111,22	111,96	111,49	107,39
Papel e papelão	128,41	128,86	123,49	109,76	109,93	108,80
Borracha	99,45	112,60	117,59	106,25	101,11	101,21
Química	132,82	158,55	158,83	107,31	107,38	108,76
Perfumaria, sabões e velas	137,35	133,09	129,28	105,31	106,18	108,38
Produtos de matérias plásticas	102,86	105,88	106,73	109,01	103,89	100,22
Têxtil.....	110,81	117,01	112,72	91,22	92,11	93,79
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	130,43	145,26	139,58	107,01	104,66	103,45
Produtos alimentares.....	104,56	166,82	177,96	98,21	102,25	108,33
Bebidas.....	99,77	123,84	121,76	102,72	98,76	97,10
Fumo.....	135,86	121,12	137,26	96,09	96,78	97,10

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Setembro	Outubro	Novembro
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral	104,77	104,10	104,14	100,70	99,45	104,47
Extrativa mineral.....	102,50	102,19	101,97	103,13	99,53	99,80
Indústrias de transformação	105,17	104,43	104,51	100,31	99,44	105,15
Minerais não-metálicos	100,98	98,99	98,06	90,79	84,45	89,86
Metalúrgica	101,32	99,52	98,10	85,68	86,69	85,20
Material elétrico e de comunicações	108,92	107,55	104,12	110,81	96,80	72,16
Papel e papelão	111,77	110,91	109,39	105,99	103,92	96,01
Borracha	101,88	99,46	100,18	91,15	80,86	108,16
Química	110,71	109,47	109,34	112,06	101,26	108,29
Perfumaria, sabões e velas	108,29	108,39	109,48	106,22	109,19	120,96
Produtos de matérias plásticas	103,59	100,05	98,24	79,47	75,40	82,62
Têxtil.....	93,76	93,97	94,55	91,77	95,49	99,82
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	104,08	102,63	102,56	90,79	92,94	101,94
Produtos alimentares.....	107,04	108,40	110,65	105,30	116,09	125,93
Bebidas.....	97,09	95,86	95,60	79,85	87,46	93,33
Fumo.....	95,15	95,82	96,75	103,41	102,49	105,93

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1987

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Setembro	Outubro	Novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
PERNAMBUCO						
Indústria geral	123,85	155,48	153,30	105,49	108,66	107,69
Indústrias de transformação	123,85	155,48	153,30	105,49	106,66	107,69
Minerais não-metálicos	100,22	104,78	102,40	108,21	104,73	100,74
Metalúrgica	128,49	139,08	121,74	114,12	107,90	102,16
Material elétrico e de comunicações	153,44	143,84	87,11	118,61	118,79	114,60
Papel e papelão	129,92	124,10	123,82	108,40	105,39	101,86
Química	195,43	276,58	278,21	113,16	117,05	119,07
Perfumaria, sabões e velas	147,68	142,47	122,20	97,10	97,95	99,54
Produtos de matérias plásticas	87,30	87,07	92,67	107,18	99,53	94,89
Têxtil	95,49	102,32	96,34	98,74	97,64	97,58
Produtos alimentares	111,14	173,88	185,81	96,51	103,73	112,69
Bebidas	80,49	112,73	115,01	94,41	91,52	91,88
Fumo	143,88	126,55	148,01	92,56	95,88	98,20

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Setembro	Outubro	Novembro

PERNAMBUCO

Indústria geral	109,41	108,74	107,93	101,27	104,28	101,77
Indústrias de transformação	109,41	108,74	107,93	101,27	104,28	101,77
Minerais não-metálicos	103,43	101,20	99,16	84,41	85,36	82,75
Metalúrgica	107,24	103,39	99,70	74,50	77,30	69,99
Material elétrico e de comunicações	118,26	118,23	111,16	124,77	100,75	84,76
Papel e papelão	105,81	103,80	101,73	97,25	88,00	84,21
Química	121,81	121,67	120,18	122,25	120,82	110,50
Perfumaria, sabões e velas	97,15	98,72	100,14	99,30	112,31	116,75
Produtos de matérias plásticas	100,56	94,85	92,43	69,24	59,64	72,59
Têxtil	98,97	97,88	97,53	83,65	89,50	94,16
Produtos alimentares	112,38	114,68	116,82	122,66	127,91	130,67
Bebidas	90,86	90,63	91,56	75,08	89,01	99,81
Fumo	94,95	96,94	98,69	111,13	119,42	116,54

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1987

(Conclusão)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Setembro	Outubro	Novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
BAHIA						
Indústria geral	118,48	122,90	120,71	103,63	101,33	100,84
Extrativa mineral.....	103,32	103,22	103,73	99,57	98,77	98,52
Indústrias de transformação	118,70	126,23	123,58	104,26	101,73	101,19
Minerais não-metálicos	82,44	90,15	83,64	106,64	100,44	95,46
Metalúrgica	117,95	117,34	109,96	88,38	85,26	84,05
Material elétrico e de comunicações	211,23	203,58	189,28	103,37	101,91	100,85
Borracha	96,94	124,74	140,29	105,35	99,88	100,83
Química	126,00	127,37	122,93	108,34	105,90	105,42
Perfumaria, sabões e velas	147,08	140,21	137,18	109,17	108,79	108,83
Produtos alimentares.....	73,83	125,97	140,78	89,62	88,53	90,66
Bebidas	143,34	154,84	150,57	112,28	107,57	103,94

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Setembro	Outubro	novembro
BAHIA						
Indústria geral	101,79	100,15	99,89	93,98	87,60	97,38
Extrativa mineral.....	100,02	99,02	98,66	95,91	90,39	95,03
Indústrias de transformação	102,06	100,32	100,07	93,70	87,23	97,72
Minerais não-metálicos	97,45	94,06	91,69	68,00	70,05	70,79
Metalúrgica	82,66	81,77	81,87	81,45	74,76	82,95
Material elétrico e de comunicações	97,35	97,55	98,43	103,07	99,12	107,74
Borracha	89,98	97,79	99,45	88,04	80,09	119,50
Química	107,36	105,25	104,65	104,60	89,32	98,84
Perfumaria, sabões e velas.....	111,14	109,22	108,52	98,88	94,64	101,91
Produtos alimentares.....	87,51	87,72	90,19	55,03	89,29	112,94
Bebidas	104,11	102,18	100,96	88,27	88,85	90,74

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1987

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Setembro	Outubro	Novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
MINAS GERAIS						
Indústria geral	134,80	135,57	128,86	103,28	101,93	101,36
Extrativa mineral	104,80	115,07	117,12	87,80	88,68	90,79
Indústrias de transformação	137,30	137,28	129,84	104,58	103,02	102,21
Minerais não-metálicos	102,44	105,71	106,24	105,41	103,28	101,63
Metalúrgica	122,96	131,25	134,46	102,48	101,25	101,12
Material elétrico e de comunicações	141,19	136,01	141,38	95,51	91,79	90,17
Material de transporte	187,69	185,86	162,17	103,02	105,12	110,64
Papel e papelão	170,64	165,47	167,00	107,25	106,53	100,35
Química	201,76	183,48	150,27	107,68	105,86	102,89
Produtos de matérias plásticas	156,46	148,34	153,10	101,48	99,28	99,33
Têxtil	125,45	128,91	128,90	101,09	100,13	100,24
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	91,00	101,97	103,16	101,05	96,50	93,84
Produtos alimentares	131,32	119,57	95,36	112,25	108,13	105,93
Bebidas	161,69	174,16	169,43	117,18	112,67	109,63
Fumo	175,80	171,31	164,32	105,89	105,59	104,44

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Setembro	Outubro	Novembro

MINAS GERAIS						
Indústria geral	102,09	101,36	101,53	98,12	95,75	103,20
Extrativa mineral	89,09	90,00	91,61	84,13	88,34	109,77
Indústrias de transformação	103,16	102,28	102,32	99,18	95,57	102,73
Minerais não-metálicos	102,93	101,41	100,82	92,56	89,54	95,28
Metalúrgica	100,52	100,08	100,66	90,12	96,56	106,28
Material elétrico e de comunicações	90,82	89,19	89,95	86,81	78,47	97,70
Material de transporte	113,09	113,96	115,97	115,68	121,07	140,79
Papel e papelão	101,15	100,59	100,58	110,12	96,14	100,46
Química	106,36	104,49	102,61	105,03	91,46	85,55
Produtos de matérias plásticas	100,62	98,70	98,80	89,06	83,17	99,81
Têxtil	99,86	99,61	100,27	101,89	97,57	106,93
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	94,39	92,16	91,44	76,14	77,48	85,56
Produtos alimentares	108,09	106,28	106,12	106,60	94,00	104,35
Bebidas	108,20	107,34	107,21	98,61	101,71	106,12
Fumo	104,56	103,96	103,23	178,36	99,25	96,77

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1987

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Setembro	Outubro	Novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral	118,50	119,46	118,15	105,37	103,14	101,63
Extrativa mineral.....	530,34	561,84	535,92	98,34	98,76	99,08
Indústrias de transformação	110,42	110,77	107,91	106,11	103,58	101,88
Minerais não-metálicos	88,11	93,95	90,17	109,63	108,24	103,47
Metalúrgica	136,33	145,01	142,89	104,80	102,65	101,65
Material elétrico e de comunicações.....	109,89	109,61	112,13	128,25	126,94	128,69
Material de transporte.....	39,67	47,10	42,12	83,63	81,53	80,06
Papel e papelão	93,61	95,06	86,99	101,76	99,10	96,89
Química	123,97	115,54	118,42	103,45	101,25	99,35
Farmacêutica	140,42	128,98	123,63	117,86	116,41	115,12
Perfumaria, sabões e velas	155,66	171,90	185,81	120,15	115,77	116,69
Produtos de matérias plásticas	148,56	149,42	147,11	105,45	100,73	97,17
Têxtil	113,77	112,74	102,05	108,43	106,15	104,47
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	85,09	89,75	94,43	99,95	96,35	93,51
Produtos alimentares.....	127,67	119,69	98,89	108,59	106,75	104,56
Bebidas	102,56	101,76	119,39	107,70	102,49	99,02
Fumo	139,69	125,04	127,03	105,38	99,12	94,90

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Setembro	Outubro	Novembro
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral	102,19	101,01	100,52	93,61	91,87	95,90
Extrativa mineral.....	98,23	98,72	99,06	101,19	103,09	102,51
Indústrias de transformação	102,59	101,24	100,66	92,95	90,88	95,30
Minerais não-metálicos	105,92	103,49	101,64	84,42	85,69	85,58
Metalúrgica	101,35	100,65	100,75	98,03	95,29	101,88
Material elétrico e de comunicações.....	129,23	128,41	129,14	131,14	122,46	135,70
Material de transporte.....	75,64	77,19	78,07	76,73	90,41	87,03
Papel e papelão	99,63	97,84	96,08	87,58	82,06	81,23
Química	100,97	99,43	98,83	90,71	87,22	93,29
Farmacêutica	115,31	113,79	112,71	97,41	100,74	101,77
Perfumaria, sabões e velas	117,15	114,53	116,33	99,77	98,99	134,01
Produtos de matérias plásticas	97,38	95,41	94,35	80,06	80,75	84,80
Têxtil	107,00	104,95	103,62	98,52	90,00	91,18
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	93,90	91,95	91,36	80,93	79,14	86,65
Produtos alimentares.....	107,10	105,38	103,63	83,90	92,35	86,56
Bebidas	99,75	97,02	96,30	88,56	76,94	90,21
Fumo	96,07	93,24	92,20	96,62	73,38	82,95

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1987

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Setembro	Outubro	Novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
SÃO PAULO						
Indústria geral	129,08	129,85	118,94	103,75	101,91	101,02
Indústrias de transformação	129,08	129,85	118,94	103,75	101,91	101,02
Minerais não-metálicos	111,69	117,71	115,59	110,90	108,63	107,18
Metalúrgica	113,97	117,83	113,72	101,42	98,52	98,68
Mecânica	115,38	118,78	111,31	111,49	109,33	108,44
Material elétrico e de comunicações.....	111,02	112,70	115,14	103,08	99,53	98,33
Material de transporte.....	119,50	117,56	123,09	87,04	85,49	86,53
Papel e papelão	143,36	150,96	141,68	107,64	106,26	105,19
Borracha	138,45	140,55	142,70	104,84	103,83	104,49
Química	170,12	165,19	124,25	108,51	108,44	106,93
Farmacêutica	148,41	139,75	150,91	108,18	105,78	103,64
Perfumaria, sabões e velas	193,87	209,96	196,54	116,92	116,20	116,86
Produtos de matérias plásticas.....	131,40	134,05	127,61	104,52	100,62	97,71
Têxtil.....	113,47	120,10	113,48	101,39	99,25	97,97
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	83,59	88,75	91,66	88,93	85,44	83,91
Produtos alimentares.....	148,68	139,93	111,28	112,12	109,42	108,29
Bebidas.....	144,91	149,94	138,46	106,00	103,04	101,92
Fumo.....	72,12	67,12	36,09	95,97	94,96	89,56

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Setembro	Outubro	Novembro
SÃO PAULO						
Indústria geral	102,42	101,04	100,66	92,63	90,86	97,00
Indústrias de transformação	102,42	101,04	100,66	92,63	90,86	97,00
Minerais não-metálicos	107,92	106,45	105,86	96,36	95,33	100,38
Metalúrgica	99,64	98,50	98,35	88,87	89,28	96,85
Mecânica	110,12	108,64	108,00	96,24	96,75	102,86
Material elétrico e de comunicações.....	100,82	98,34	98,12	86,92	80,51	95,94
Material de transporte.....	85,58	84,82	86,16	79,13	78,54	101,45
Papel e papelão	106,53	105,37	104,57	95,50	96,02	96,88
Borracha	104,84	103,98	104,34	92,21	97,02	107,93
Química	109,60	108,52	107,05	103,88	101,39	93,33
Farmacêutica	106,67	104,31	103,38	90,19	85,40	94,70
Perfumaria, sabões e velas	117,29	116,26	116,84	113,08	109,12	122,32
Produtos de matérias plásticas.....	100,51	98,04	96,62	80,75	80,38	83,92
Têxtil.....	98,49	97,49	97,11	87,59	89,66	93,32
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	84,71	82,69	82,63	68,13	68,78	82,09
Produtos alimentares.....	112,24	109,73	108,74	104,36	94,90	99,76
Bebidas.....	101,79	100,95	101,16	95,48	95,28	103,14
Fumo.....	92,07	91,38	87,08	101,07	85,69	46,98

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1987

(conclusão)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Setembro	Outubro	Novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
REGIÃO SUL						
Indústria geral	130,35	130,52	118,62	105,51	103,45	101,86
Extrativa mineral.....	99,41	97,92	115,38	89,72	88,04	89,64
Indústrias de transformação	130,81	131,00	118,66	105,72	103,66	102,02
Minerais não-metálicos	116,55	118,19	117,65	107,45	108,05	105,46
Metalúrgica	144,57	149,81	138,11	104,95	102,25	100,28
Mecânica	164,30	188,37	174,13	113,83	108,61	105,91
Material elétrico e de comunicações	194,28	199,83	192,81	111,19	109,08	108,12
Papel e papelão	147,04	153,87	150,27	105,91	105,42	105,24
Química	130,16	116,29	74,13	109,34	108,16	104,43
Perfumaria, sabões e velas	148,03	147,04	106,10	106,07	100,73	97,38
Produtos de matérias plásticas	133,74	132,37	121,91	101,64	98,49	97,35
Têxtil.....	136,07	140,43	131,60	106,96	105,11	103,84
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	107,51	112,34	108,56	99,50	96,72	94,64
Produtos alimentares.....	123,53	123,08	111,16	101,32	100,99	100,92
Bebidas.....	112,60	128,54	135,16	93,15	89,35	86,64
Fumo.....	29,92	31,16	29,00	107,25	107,13	106,81

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			MENSAL		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Setembro	Outubro	Novembro
REGIÃO SUL						
Indústria geral	103,75	102,37	101,47	96,19	91,91	92,82
Extrativa mineral.....	84,59	84,57	87,58	90,03	84,40	122,48
Indústrias de transformação	104,00	102,61	101,65	96,27	92,00	92,49
Minerais não-metálicos	105,07	104,51	104,47	99,50	100,08	104,18
Metalúrgica	102,18	100,57	99,89	89,90	88,38	91,21
Mecânica	109,50	105,95	104,95	86,23	82,83	96,51
Material elétrico e de comunicações	108,92	107,81	107,56	93,55	99,74	105,27
Papel e papelão	105,88	105,29	105,19	98,39	100,48	104,19
Química	108,80	107,43	104,43	106,52	97,67	74,92
Perfumaria, sabões e velas	102,32	99,69	97,30	88,81	81,31	73,34
Produtos de matérias plásticas	100,13	97,93	97,15	86,16	82,30	89,68
Têxtil.....	104,75	103,67	103,09	97,60	95,27	97,54
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	98,91	95,03	94,08	86,66	81,80	85,84
Produtos alimentares.....	101,97	101,65	101,26	111,07	99,12	97,33
Bebidas.....	86,42	85,57	85,26	72,45	79,10	82,66
Fumo.....	106,71	106,68	106,55	101,66	105,18	99,55

CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

RESULTADOS PARA O BRASIL E PARA AS REGIÕES

Em novembro, o custo médio da construção civil, no país, foi igual a Cz\$ 10.527,25, com o índice apresentando variação mensal de 12,87% e variação acumulada de junho/87 até novembro/87 de 56,21%.

Com referência aos custos regionais a região Norte permanece com o custo mais elevado (Cz\$ 13.059,00), registrando-se o menor custo (Cz\$ 9.538,07) na região Centro-Oeste.

Foram registradas na região Norte, as maiores variações mensal e acumulada (junho-novembro), iguais respectivamente a 16,86% e 65,86%. A variação mensal mais baixa (10,69%) ocorreu na região Centro-Oeste e a menor variação acumulada (51,87%), na região Sudeste.

RESULTADOS PARA AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Os custos médios mais elevados, em cada região, foram relativos a: Roraima (Cz\$ 17.435,94); Rio Grande do Norte (Cz\$ 11.428,96); São Paulo (Cz\$ 11.348,39); Paraná (Cz\$ 11.205,64) e Mato Grosso do Sul (Cz\$ 11.690,49).

Apresentaram os menores custos: na região Norte, o Amapá (Cz\$ 11.095,45); na região Nordeste, Sergipe (Cz\$ 9.017,72); na região Sudeste, o Espírito Santo (Cz\$ 9.016,58); na região Sul, Santa Catarina (Cz\$ 10.291,62); e na região Centro-Oeste, Goiás (Cz\$ 8.502,63).

Quanto às variações mensais dos índices, a mais alta foi registrada no Pará (20,54%), sendo a mais baixa relativa a Santa Catarina (8,49%). No período de junho/87 até novembro/87, o Rio Grande do Norte apresentou a maior variação acumulada (85,46%) e São Paulo, a menor (47,97%).

**CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÕES PERCENTUAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL,
SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO**

Mês de referência: novembro/87

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CUSTO MÉDIO (Cz\$/m ²)	NÚMERO ÍNDICE (base 87 = 100)	VARIAÇÕES PERCENTUAIS	
			Mensal	Acumulada (1)
BRASIL	10 527,25	156,21	12,87	56,21
REGIÃO NORTE	13 059,00	165,86	16,86	65,86
Rondônia	12 175,72	149,77	12,54	49,77
Acre	12 321,86	161,92	13,08	61,92
Amazonas	13 326,60	168,05	15,97	68,05
Roraima	17 435,94	163,16	14,61	63,16
Pará	12 895,35	167,99	20,54	67,99
Amapá	11 095,45	163,32	12,26	63,32
REGIÃO NORDESTE	9 585,38	162,55	13,14	62,55
Maranhão	10 727,37	172,55	15,97	72,55
Piauí	9 923,68	165,78	13,57	65,78
Ceará	9 477,11	154,64	12,61	54,64
Rio Grande do Norte	11 428,96	185,46	11,44	85,46
Paraíba	11 076,06	178,19	17,67	78,19
Pernambuco	8 959,28	166,14	10,92	66,14
Alagoas	9 581,47	175,51	15,86	75,51
Sergipe	9 017,72	154,77	12,70	54,77
Bahia	9 066,45	153,14	13,26	53,14
REGIÃO SUDESTE	10 678,59	151,87	12,20	51,87
Minas Gerais	9 074,00	164,77	18,75	64,77
Espírito Santo	9 016,58	166,24	18,06	66,24
Rio de Janeiro	10 245,33	154,78	9,40	54,78
São Paulo	11 348,39	147,97	11,64	47,97
REGIÃO SUL	10 853,69	162,51	15,52	62,51
Paraná	11 205,64	168,14	16,65	68,14
Santa Catarina	10 291,62	151,00	8,49	51,00
Rio Grande do Sul	10 724,34	161,52	17,19	61,52
REGIÃO CENTRO-OESTE	9 538,07	161,72	10,69	61,72
Mato Grosso do Sul	11 690,49	160,04	13,53	60,04
Mato Grosso	10 912,14	157,31	12,47	57,31
Goiás	8 502,63	160,32	13,06	60,32
Distrito Federal	9 384,37	163,76	8,73	63,76

(1) Variação acumulada no período de junho/87 até o mês de referência.

RESULTADOS PARA AS REGIÕES METROPOLITANAS — CUSTOS DE PROJETOS

São apresentados, a seguir, os custos de projetos das regiões metropolitanas, pela sua importância no conjunto do país.

O custo de cada projeto é calculado segundo dois ou três padrões de acabamento. Na nomenclatura dos projetos, Rp e Cp sig-

nificam, respectivamente, projeto residencial e projeto comercial com P pavimentos; nQ indica o número de quartos da unidade residencial. Para os projetos comerciais, LA significa lojas e salas autônomas e LC, lojas e andar corrido; P significa que o primeiro pavimento é em pilotis e T, que o primeiro pavimento é térreo. Por último, é indicada a área total de construção do projeto.

O custo médio de cada área geográfica é a média ponderada dos custos dos 21 projetos residenciais, considerando-se apenas o padrão normal de acabamento.

CUSTO MÉDIO DOS PROJETOS, POR PADRÕES DE ACABAMENTO

(continua)

PROJETOS/PADRÃO	PADRÕES DE ACABAMENTO			
	Alto	Normal	Baixo	Mínimo
BELÉM				
(custo médio 12 896,35)				
R 1-2Q 46		16 324,30	13 145,74	8 804,42
R 1-2Q 40		17 898,68	14 331,08	9 137,04
R 1-2Q 62		15 187,44	12 483,53	8 564,17
R 1-3Q 104	13 404,07	11 831,31	9 896,23	
R 1-4Q 122	12 703,71	11 126,76	9 233,79	
R 1-1Q 30		20 507,21	16 056,45	10 716,38
R 2-3Q 56		12 981,76	10 576,73	6 861,94
R 2-2Q 81		11 569,82	9 694,67	6 489,51
R 5-2QT 2125		9 706,22	8 017,65	6 441,40
R 4-2QT 1433	13 290,85	11 515,12	9 535,79	
R 4-3QT 2264	11 327,02	9 892,00	8 325,74	
R 4-2QP 1643	11 508,58	10 054,58	8 404,94	
R 4-3QP 2620	10 092,55	8 873,10	7 497,42	
R 6-3QP 7181	8 900,02	7 720,05		
R 8-2QP 2620	12 496,13	10 839,83		
R 8-3QP 4266	10 472,20	9 162,12		
R 8-3QP 3176	10 256,66	8 798,87		
R 12-2QP 3597	13 074,71	11 324,11		
R 12-3QP 6013	10 688,11	9 338,92		
R 12-4QP 4050	10 060,12	8 605,62		
R 18-4QP 5870	10 066,86	8 691,08		
C 12-LA	9 084,09	7 963,57		
C 18-LA	9 474,08	8 345,66		
C 12-LC	9 157,78	8 614,62		
C 18-LC	9 600,22	9 066,35		

CUSTO MÉDIO DOS PROJETOS, POR PADRÕES DE ACABAMENTO

(continua)

PROJETOS/PADRÃO	PADRÕES DE ACABAMENTO			
	Alto	Normal	Baixo	Mínimo
FORTALEZA				
(custo médio 9 477,11)				
R 1-2Q 46		13 701,28	11 314,10	6 919,74
R 1-2Q 40		15 110,72	12 404,50	7 248,41
R 1-2Q 62		12 460,84	10 452,90	6 626,51
R 1-3Q 104	10 989,44	9 701,11	8 243,51	
R 1-4Q 122	10 388,53	9 102,37	7 678,74	
R 1-1Q 30		17 356,27	14 041,70	8 402,38
R 2-3Q 56		10 916,93	9 014,61	5 538,90
R 2-2Q 81		9 880,60	8 400,10	5 222,78
R 5-2QT 2125		8 418,74	6 936,04	5 558,45
R 4-2QT 1433	11 084,61	9 610,09	7 870,67	
R 4-3QT 2264	9 560,40	8 364,23	6 977,89	
R 4-2QP 1643	9 595,32	8 396,65	6 958,59	
R 4-3QP 2520	8 528,42	7 514,62	6 300,20	
R 6-3QP 7181	7 648,15	6 643,80		
R 8-2QP 2620	10 446,47	9 074,77		
R 8-3QP 4266	8 882,17	7 791,24		
R 8-3QP 3176	8 826,08	7 590,69		
R 12-2QP 3597	10 961,83	9 509,53		
R 12-3QP 6013	9 085,95	7 961,80		
R 12-4QP 4050	8 618,68	7 318,73		
R 18-4QP 5870	8 627,13	7 304,95		
C 12-LA	8 253,69	7 183,82		
C 18-LA	8 471,60	7 397,12		
C 12-LC	8 753,14	8 230,87		
C 18-LC	9 195,51	8 687,87		
RECIFE				
(custo médio 8 958,28)				
R 1-2Q 46		13 450,85	11 004,02	7 624,87
R 1-2Q 40		14 733,65	11 955,44	7 932,55
R 1-2Q 62		12 517,67	10 500,39	7 353,08
R 1-3Q 104	11 304,99	9 791,49	8 333,53	
R 1-4Q 122	10 813,74	9 264,55	7 867,51	
R 1-1Q 30		16 650,15	13 204,80	9 192,98
R 2-3Q 56		10 787,77	8 888,23	5 985,50
R 2-2Q 81		9 591,02	8 166,87	5 600,58
R 5-2QT 2125		8 667,87	7 201,19	5 731,04
R 4-2QT 1433	11 792,26	10 050,10	8 356,00	
R 4-3QT 2264	10 085,67	8 675,11	7 323,38	
R 4-2QP 1643	10 144,26	8 742,58	7 353,98	
R 4-3QP 2520	8 948,64	7 768,94	6 589,36	
R 6-3QP 7181	8 043,56	6 858,18		
R 8-2QP 2620	11 056,82	9 442,31		
R 8-3QP 4266	9 314,94	8 036,01		
R 8-3QP 3176	9 255,88	7 818,44		
R 12-2QP 3597	11 593,20	9 879,98		
R 12-3QP 6013	9 521,51	8 200,11		
R 12-4QP 4050	9 070,73	7 628,24		
R 18-4QP 5870	9 091,25	7 621,17		
C 12-LA	8 124,29	7 150,99		
C 18-LA	8 423,96	7 423,68		
C 12-LC	8 376,75	7 872,16		
C 18-LC	8 808,18	8 310,14		

CUSTO MÉDIO DOS PROJETOS, POR PADRÕES DE ACABAMENTO

(continua)

PROJETOS/PADRÃO	PADRÕES DE ACABAMENTO			
	Alto	Normal	Baixo	Mínimo
SALVADOR				
(custo médio 9 066,45)				
R 1-2Q 46		13 202,24	10 549,86	7 194,27
R 1-2Q 40		14 421,30	11 476,26	7 463,36
R 1-2Q 62		12 330,54	10 061,89	6 963,31
R 1-3Q 104	11 177,71	9 767,32	8 082,13	
R 1-4Q 122	10 693,40	9 251,41	7 605,67	
R 1-1Q 30		16 621,78	12 952,60	8 927,55
R 2-3Q 56		10 723,15	8 644,40	5 686,94
R 2-2Q 81		9 431,47	7 846,31	5 297,40
R 5-2QT 2126		8 279,93	6 727,03	5 167,51
R 4-2QT 1433	11 405,21	9 790,57	8 041,46	
R 4-3QT 2264	9 720,90	8 412,20	7 014,02	
R 4-2QP 1643	9 865,01	8 560,08	7 095,20	
R 4-3QP 2520	8 642,55	7 537,28	6 316,62	
R 6-3QP 7181	7 716,24	6 595,09		
R 8-2QP 2620	10 740,46	9 242,63		
R 8-3QP 4266	8 974,24	7 782,05		
R 8-3QP 3176	8 881,47	7 526,73		
R 12-2QP 3597	11 246,16	9 658,41		
R 12-3QP 6013	9 161,67	7 932,07		
R 12-4QP 4050	8 710,70	7 310,08		
R 18-4QP 5870	8 725,05	7 298,29		
C 12-LA	7 808,15	6 735,52		
C 18-LA	8 139,53	7 053,55		
C 12-LC	7 937,31	7 392,34		
C 18-LC	8 311,25	7 778,43		
BELO HORIZONTE				
(custo médio 9 074,00)				
R 1-2Q 46		14 165,77	11 416,63	7 785,10
R 1-2Q 40		15 543,46	12 460,98	8 164,51
R 1-2Q 62		13 067,57	10 718,92	7 460,20
R 1-3Q 104	11 474,54	10 371,57	8 604,38	
R 1-4Q 122	10 890,19	9 794,93	8 052,11	
R 1-1Q 30		17 779,44	14 034,39	9 519,92
R 2-3Q 56		11 238,13	9 099,21	6 064,74
R 2-2Q 81		10 035,32	8 370,36	5 657,09
R 5-2QT 2126		8 439,17	6 805,38	5 373,06
R 4-2QT 1433	11 063,00	9 857,04	8 012,30	
R 4-3QT 2264	9 502,59	8 541,41	7 054,46	
R 4-2QP 1643	9 553,09	8 576,26	7 056,69	
R 4-3QP 2520	8 465,20	7 648,78	6 358,98	
R 6-3QP 7181	7 491,05	6 725,79		
R 8-2QP 2620	10 376,44	9 253,33		
R 8-3QP 4266	8 754,12	7 875,93		
R 8-3QP 3176	8 617,81	7 649,58		
R 12-2QP 3597	10 861,95	9 670,08		
R 12-3QP 6013	8 925,81	8 020,60		
R 12-4QP 4050	8 415,54	7 420,35		
R 18-4QP 5870	8 416,00	7 402,55		
C 12-LA	7 754,59	6 862,22		
C 18-LA	8 057,08	7 155,88		
C 12-LC	7 354,00	6 903,30		
C 18-LC	7 717,43	7 279,49		

CUSTO MÉDIO DOS PROJETOS, POR PADRÕES DE ACABAMENTO

(continua)

PROJETOS/PADRÃO	PADRÕES DE ACABAMENTO			
	Alto	Normal	Baixo	Mínimo
RIO DE JANEIRO				
(custo médio 10 245,33)				
R 1-2Q 46		15 704,20	12 585,14	8 571,99
R 1-2Q 40		17 269,26	13 721,30	8 973,70
R 1-2Q 62		14 438,18	11 865,56	8 238,44
R 1-3Q 104	12 650,42	11 383,02	9 498,19	
R 1-4Q 122	12 001,87	10 730,64	8 919,27	
R 1-1Q 30		19 609,02	15 214,66	10 270,30
R 2-3Q 56		12 208,87	9 842,19	6 549,81
R 2-2Q 81		10 917,77	9 185,70	6 194,78
R 5-2QT 2125		9 166,07	7 473,62	5 937,82
R 4-2QT 1433	11 953,87	10 541,70	8 594,60	
R 4-3QT 2264	10 320,05	9 189,43	7 619,15	
R 4-2QP 1643	10 296,98	9 153,88	7 563,30	
R 4-3QP 2520	9 186,99	8 230,23	6 863,84	
R 6-3QP 7181	8 205,87	7 265,78		
R 8-2QP 2620	11 154,60	9 842,97		
R 8-3QP 4266	9 495,52	8 465,59		
R 8-3QP 3176	9 390,48	8 231,66		
R 12-2QP 3597	11 668,80	10 278,42		
R 12-3QP 6013	9 679,54	8 617,94		
R 12-4QP 4050	9 165,63	7 959,72		
R 18-4QP 5870	9 162,11	7 933,59		
C 12-LA	8 353,47	7 391,78		
C 18-LA	8 641,77	7 689,33		
C 12-LC	8 214,67	7 782,47		
C 18-LC	8 607,39	8 191,99		
SÃO PAULO				
(custo médio 11 348,39)				
R 1-2Q 46		15 860,86	12 836,23	8 798,29
R 1-2Q 40		17 407,75	13 985,12	9 153,95
R 1-2Q 62		14 754,30	12 224,55	8 544,93
R 1-3Q 104	13 052,47	11 668,82	9 775,37	
R 1-4Q 122	12 456,34	11 035,09	9 189,27	
R 1-1Q 30		19 796,61	15 572,53	10 652,78
R 2-3Q 56		12 607,47	10 269,50	6 861,22
R 2-2Q 81		11 241,20	9 500,96	6 490,03
R 5-2QT 2125		9 597,52	7 903,51	6 279,49
R 4-2QT 1433	12 892,05	11 345,21	9 315,57	
R 4-3QT 2264	11 160,26	9 898,41	8 216,95	
R 4-2QP 1643	11 178,84	9 918,78	8 223,87	
R 4-3QP 2520	9 974,07	8 898,28	7 421,71	
R 6-3QP 7181	8 990,90	7 902,96		
R 8-2QP 2620	12 091,23	10 651,95		
R 8-3QP 4266	10 291,07	9 137,30		
R 8-3QP 3176	10 186,05	8 871,95		
R 12-2QP 3597	12 635,90	11 112,83		
R 12-3QP 6013	10 480,63	9 293,08		
R 12-4QP 4050	9 945,43	8 585,67		
R 18-4QP 5870	9 951,62	8 566,35		
C 12-LA	8 970,21	8 067,61		
C 18-LA	9 321,63	8 415,65		
C 12-LC	9 138,20	8 673,41		
C 18-LC	9 568,49	9 118,24		

CUSTO MÉDIO DOS PROJETOS, POR PADRÕES DE ACABAMENTO

(continua)

PROJETOS/PADRÃO	PADRÕES DE ACABAMENTO			
	Alto	Normal	Baixo	Mínimo
CURITIBA				
(custo médio 11 205,64)				
R 1-2Q 46		15 728,79	12 870,15	8 628,01
R 1-2Q 40		17 258,84	14 035,32	8 892,51
R 1-2Q 62		14 890,37	12 493,58	8 469,00
R 1-3Q 104	13 101,31	11 727,77	9 915,59	
R 1-4Q 122	12 474,78	11 097,41	9 368,21	
R 1-1Q 30		19 543,27	15 504,78	10 578,08
R 2-3Q 56		12 742,57	10 505,27	8 762,27
R 2-2Q 81		11 267,68	9 578,03	6 380,10
R 5-2QT 2125		9 700,67	8 004,60	6 295,37
R 4-2QT 1433	13 350,04	11 792,21	9 746,97	
R 4-3QT 2264	11 468,04	10 157,43	8 462,88	
R 4-2QP 1643	11 603,62	10 324,72	8 615,56	
R 4-3QP 2520	10 228,96	9 107,71	7 620,59	
R 6-3QP 7181	8 959,45	7 910,11		
R 8-2QP 2620	12 580,65	11 126,66		
R 8-3QP 4266	10 608,71	9 409,25		
R 8-3QP 3176	10 335,84	9 009,65		
R 12-2QP 3597	13 148,71	11 612,80		
R 12-3QP 6013	10 822,87	9 588,68		
R 12-4QP 4050	10 094,82	8 758,37		
R 18-4QP 5870	10 120,65	8 759,45		
C 12-LA	8 863,15	7 735,07		
C 18-LA	9 238,85	8 129,37		
C 12-LC	8 717,54	8 093,13		
C 18-LC	9 100,41	8 521,01		
PORTO ALEGRE				
(custo médio 10 724,34)				
R 1-2Q 46		15 754,47	12 768,30	8 586,64
R 1-2Q 40		17 310,12	13 908,27	8 945,67
R 1-2Q 62		14 556,13	12 077,28	8 304,61
R 1-3Q 104	12 666,70	11 414,59	9 531,09	
R 1-4Q 122	12 014,32	10 790,31	8 973,51	
R 1-1Q 30		19 496,46	15 352,85	10 134,15
R 2-3Q 56		12 378,52	10 098,34	6 675,53
R 2-2Q 81		11 062,51	9 283,17	6 184,43
R 5-2QT 2125		9 356,45	7 597,39	6 082,68
R 4-2QT 1433	12 262,81	10 887,30	8 777,29	
R 4-3QT 2264	10 650,85	9 487,85	7 732,24	
R 4-2QP 1643	10 550,91	9 387,60	7 662,69	
R 4-3QP 2520	9 471,92	8 456,38	6 931,46	
R 6-3QP 7181	8 360,53	7 525,18		
R 8-2QP 2620	11 460,35	10 152,81		
R 8-3QP 4266	9 825,17	8 746,74		
R 8-3QP 3176	9 699,99	8 595,08		
R 12-2QP 3597	11 992,05	10 616,56		
R 12-3QP 6013	10 024,32	8 918,32		
R 12-4QP 4050	9 425,18	8 355,62		
R 18-4QP 5870	9 441,65	8 355,71		
C 12-LA	8 508,67	7 429,15		
C 18-LA	8 774,18	7 710,34		
C 12-LC	8 246,44	7 613,81		
C 18-LC	8 606,87	8 020,30		

CUSTO MÉDIO DOS PROJETOS, POR PADRÕES DE ACABAMENTO

(conclusão)

PROJETOS/PADRÃO	PADRÕES DE ACABAMENTO			
	Alto	Normal	Baixo	Mínimo
BRASÍLIA				
(custo médio 9 384,37)				
R 1-2Q 46		12 802,78	10 327,55	7 118,83
R 1-2Q 40		14 046,58	11 272,05	7 484,53
R 1-2Q 62		11 818,72	9 692,90	6 802,63
R 1-3Q 104	10 723,69	9 364,97	7 769,29	
R 1-4Q 122	10 262,95	8 869,86	7 296,36	
R 1-1Q 30		16 144,01	12 754,26	8 749,68
R 2-3Q 56		10 203,95	8 290,22	5 598,77
R 2-2Q 81		9 088,12	7 576,94	5 155,49
R 5-2QT 2125		7 908,14	6 416,10	5 034,23
R 4-2QT 1433	10 654,29	9 098,80	7 409,11	
R 4-3QT 2264	9 119,59	7 857,60	6 508,55	
R 4-2QP 1643	9 140,07	7 890,06	6 490,56	
R 4-3QP 2520	8 063,91	7 006,23	5 834,51	
R 6-3QP 7181	7 329,27	6 252,12		
R 8-2QP 2620	9 981,03	8 540,08		
R 8-3QP 4266	8 391,00	7 244,89		
R 8-3QP 3176	8 388,66	7 089,03		
R 12-2QP 3597	10 469,68	8 939,84		
R 12-3QP 6013	8 575,85	7 391,68		
R 12-4QP 4050	8 250,66	6 924,73		
R 18-4QP 5870	8 273,11	6 920,66		
C 12-LA	7 344,73	6 381,17		
C 18-LA	7 599,39	6 631,30		
C 12-LC	7 791,88	7 292,71		
C 18-LC	8 184,13	7 694,50		

NOTAS — 1. São calculados custos de projetos para as demais 16 áreas geográficas, uma em cada UF.

2. Os resultados do SINAPI são produzidos pelo IBGE em convênio com a CEF — Caixa Econômica Federal.

3. Para informações, dirigir-se ao Departamento de Índices de Preços (DESIP), rua Visconde de Niterói, 1246, Bloco B, 13º andar, telefone: 264-3547.

ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

O TERCEIRO PROGNÓSTICO DE ÁREA E O PRIMEIRO PROGNÓSTICO DE PRODUÇÃO PARA A SAFRA 88 DAS CULTURAS DE VERÃO NO CENTRO-SUL

O Departamento de Agropecuária do IBGE está divulgando em janeiro, os resultados relativos ao Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA para o mês de dezembro, referente às estimativas da safra 87, para os principais produtos cultivados no país. Confrontando tais estimativas (dezembro) com aquelas realizadas em novembro, verificamos que alguns poucos produtos apresentam variações que mereçam destaque. Nesse caso, incluem-se, a mandioca, cuja redução de 5,3% na produção se explica, principalmente, pela redução em 4,6% na estimativa de área; o tomate, cujo aumento de 3,3% na produção se explica, essencialmente, pelo incremen-

to de 4,1% na estimativa de área; o trigo, cujo aumento de 3,2% na produção se deve, principalmente, ao acréscimo de 2,6% na estimativa de rendimento; o algodão, cujo incremento de 2,4% na produção resultou, somente, do reajuste positivo de 3,1% nas estimativas de rendimento, com destaque para uma ligeira redução das perdas provocadas pela incidência de *Bicudo* nas plantações do Nordeste e, finalmente, a cana-de-açúcar, cuja redução de 1,3% na produção se deve, principalmente, à retração de 1,0% nas estimativas de rendimento.

Comparativamente à safra colhida em 86, a safra 87 apresenta, para a maioria dos produtos, resultados relativamente auspiciosos. Assim é, que dentre os 15 principais produtos dos 33 que são objeto de acompanhamento no conjunto do país, apenas 5 apresentaram desempenho negativo, a saber:

Algodão (– 26,7%), devido, principalmente à redução na área;

Amendoim (- 9,2%), devido, também, à redução de área;

Feijão (- 9,0%) devido à redução de área e rendimento; Mamona (- 59,1%) e Mandioca (- 8,4%), ambos, devido à conjugação de reduções na área e no rendimento. À exceção do arroz (0,2%) e fumo (2,8%), cujas produções sofreram pequenos acréscimos — por decorrência, nos dois casos, da eliminação dos efeitos de acréscimos de área por reduções verificadas no rendimento — os demais produtos apresentaram significativas taxas de crescimento da produção. A cebola apresentou um importante crescimento na produção (34,8%), como consequência de acréscimos de área e rendimento; o milho teve um incremento de 30,4%, devido à combinação das expansões de área e rendimento; a batata-inglesa apresentou um crescimento de 27,8%, explicado pelos acréscimos de área e rendimento; a soja teve um incremento de 26,1%, devido, principalmente, à recuperação do rendimento; o sorgo apresentou um acréscimo de 24,5%, em consequência, essencialmente, do aumento de área; a cana-de-açúcar teve uma expansão na produção, de 13,4%, por força da conjugação de incrementos de área e rendimento; o tomate apresentou um crescimento de 11,1%, devido, somente, ao aumento de área e, finalmente, o trigo, cujas últimas safras têm sido extremamente auspiciosas, teve um incremento de 4,5%, devido, essencialmente, à expansão do rendimento, resultante da introdução de novas variedades e do deslocamento gradativo do cultivo para regiões mais setentrionais.

No que respeita ao 3º prognóstico de área e 1º prognóstico de produção realizados em dezembro e relativos à safra de verão para o Centro-Sul e Rondônia, a ser colhida em 88, os principais resultados são a seguir apresentados. Em primeiro lugar, cabe destacar que, comparativamente ao 2º prognóstico (novembro), o 3º prognóstico (dezembro) apresentou variações significativas para, apenas, dois produtos: mamona (15,5%) e amendoim da 1ª safra (5,0%), enquanto que para o total de produtos deles constantes, a variação apresentada é pouco significativa (0,4%). Quanto ao 1º prognóstico de produção — para a mesma região, produtos e safra —

quando tomado comparativamente às estimativas de produção da safra 87, fica revelado um comportamento já esperado, resultante das condições de mercado e do conjunto da política agrícola em vigor. Assim é, que a maioria dos produtos deverá apresentar redução nas suas produções, a saber: amendoim da 1ª safra (- 24,1%), cebola (- 12,3%), milho (- 11,9%), mamona (- 9,7%), tomate (- 4,6%), batata-inglesa da 1ª safra (- 1,4%) e arroz (- 0,5%). Quanto àqueles cujo prognóstico indica a possibilidade de crescimento nas produções, temos: algodão (27,0%), feijão da 1ª safra (17,3%), soja (13,8%), fumo (7,0%) e mandioca (0,6%). A combinação de tais variações com exercícios de simulação para a safra de inverno/88, no Centro-Sul, e safra 88 do Nordeste, apontam, no presente momento, para a possível repetição em 88 — hipótese otimista — da produção obtida na safra 87 de cereais, leguminosas e oleaginosas.

No que tange à área animal, os resultados disponíveis para novembro de 1987 e relativos à industrialização do leite e ao abate de animais, revelam que:

— No caso do leite, comparando novembro de 1987 com novembro de 1986, ocorreram acréscimos significativos na aquisição ou recebimento de leite resfriado ou cru para industrialização (34,1%); no leite pasteurizado vendido ao público (19,1%) e no leite pasteurizado industrializado na própria empresa adquirente e/ou recebedora. Acréscimos também ocorreram, em novembro de 1987, comparativamente a outubro de 1987, para os mesmos produtos, da ordem de 15,2%, 1,6% e 26,7%, respectivamente. Da mesma forma, ocorreram acréscimos, para os referidos produtos, da ordem de, respectivamente, 12,4%, 8,2% e 16,6%, quando comparamos o período janeiro/novembro de 1987 com janeiro/novembro de 1986. Tais resultados, mostram que, independentemente das restrições de renda, a política de preços mais realistas para o leite, verificada nos últimos 12 meses, tem representado um poderoso estímulo ao setor.

— No caso do abate de animais, seja comparando novembro de 1987 com novembro de 1986 ou o acumulado janeiro/novembro de 1987 com janeiro/novem-

bro de 1986, verificamos a ocorrência de taxas de crescimento positivas, em torno de 6,5% (bovinos), 18,4% (suínos) e 5,7% (aves). No caso dos bovinos, devido à retração no abate verificada ao final de 1986, enquanto que, no caso de suínos e aves, como resultado de um avanço da produção por decorrência da liberação de preços (suínos) e do processo de substituição entre as proteínas de origem animal (aves). Quando, no entanto, tomamos o comportamento do abate de animais em período mais recente (novembro de 1987 comparativamente a outubro de 1987) verificamos uma redução significativa e generalizada. Assim é, que o abate de bovinos cai 9,7%, o de suínos 6,2% e o de aves 3,0%. Tal redução, em período recente, se deve ao descompasso entre a evolução e recomposição dos preços ao consumidor para os referidos produtos, frente ao comportamento do poder

aquisitivo dos consumidores, com destaque para as perdas salariais em determinadas faixas de salário, cuja elasticidade-renda da demanda por proteína animal é maior. Quanto à produção de ovos, em se tratando de uma pesquisa trimestral que coleta dados mensais, estão disponíveis, no momento apenas, os dados relativos a setembro. Tais dados mostram um crescimento do período janeiro/setembro de 1987 em relação a igual período de 1986, da ordem de 6,7%.

Finalmente, no que respeita ao desempenho do setor agropecuário em 1987, os dados até agora disponíveis — lavouras (dezembro); leite e abate de animais (novembro) e, produção de ovos (setembro) — apontam para uma taxa de crescimento de 15,51% nas lavouras (7,24% sem café) e 10,42% na produção animal, o que corresponde a um PIB Agropecuário da ordem de 13,52% (8,49% sem café).

1 — ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO DO CONFRONTO
DAS SAFRAS DE 1986 COM AS ESTIMATIVAS PARA 1987
Brasil

Mês: dezembro

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra/86)	Colhida (safra/87)	Varição (%)
Total	51 789 175	51 607 064	-0,35
Algodão	1 995 842	1 276 600	-36,04
Amendoim — total	160 981	142 761	-11,32
Amendoim — 1ª safra	111 883	109 618	-2,02
Amendoim — 2ª safra	49 098	33 143	-32,50
Arroz	5 590 927	5 997 088	7,26
Batata-inglesa — total	160 776	176 977	10,08
Batata-inglesa — 1ª safra	94 435	99 214	5,08
Batata-inglesa — 2ª safra	66 341	77 763	17,22
Cana-de-açúcar	3 945 898	4 313 814	9,32
Cebola	63 399	75 381	18,90
Feijão — total	5 484 590	5 215 583	-4,90
Feijão — 1ª safra	2 865 888	2 867 018	0,04
Feijão — 2ª safra	2 618 702	2 348 565	-10,32
Fumo	279 539	297 409	6,39
Mamona	457 085	263 341	-42,39
Mandioca	2 050 313	1 939 073	-5,43
Milho	12 460 129	13 499 445	8,34
Soja	9 185 551	9 131 621	-0,59
Sorgo	198 598	245 082	23,41
Tomate	51 481	57 619	11,92
Trigo	3 897 719	3 439 969	-11,74

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Obtida (safra/86)	Obtida (safra/87)	Varição (%)	Obtido (safra/86)	Obtido (safra/87)	Varição (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão	2 198 437	1 611 994	-26,68	1 102	1 263	14,64
Amendoim — total	216 261	196 355	-9,20	1 343	1 375	2,38
Amendoim — 1ª safra	155 720	154 344	-0,88	1 392	1 408	1,16
Amendoim — 2ª safra	60 541	42 011	-30,61	1 233	1 268	2,80
Arroz	10 404 676	10 421 592	0,16	1 861	1 738	-6,62
Batata-inglesa — total	1 833 651	2 342 586	27,76	11 405	13 237	16,06
Batata-inglesa — 1ª safra	914 507	1 349 690	47,59	9 684	13 604	40,48
Batata-inglesa — 2ª safra	919 144	992 896	8,02	13 855	12 768	-7,84
Cana-de-açúcar	238 493 386	270 431 405	13,39	60 441	62 690	3,72
Cebola	635 251	856 021	34,75	10 020	11 356	13,33
Feijão — total	2 219 478	2 019 460	-9,01	405	387	-4,32
Feijão — 1ª safra	1 006 669	1 051 828	4,49	351	367	4,44
Feijão — 2ª safra	1 212 809	967 632	-20,22	463	412	-11,04
Fumo	387 257	398 149	2,81	1 385	1 339	-3,36
Mamona	261 378	106 809	-59,14	572	406	-29,07
Mandioca	25 555 997	23 398 728	-8,44	12 464	12 067	-3,19
Milho	20 541 227	26 786 647	30,40	1 649	1 984	20,36
Soja	13 334 691	16 813 832	26,09	1 452	1 841	26,84
Sorgo	370 122	460 729	24,48	1 864	1 880	0,87
Tomate	1 838 334	2 043 177	11,14	35 709	35 460	0,70
Trigo	5 638 470	5 889 395	4,45	1 447	1 712	18,35

2 – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO – CONFRONTO DAS ESTIMATIVAS DE NOVEMBRO COM AS DE DEZEMBRO
Brasil

Mês: dezembro

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Novembro	Dezembro	Variação (%)
Total	51 756 146	51 607 064	-0,29
Algodão	1 285 639	1 276 600	-0,70
Amendoim – total	142 775	142 761	-0,01
Amendoim – 1ª safra	109 619	109 618	-0,00
Amendoim – 2ª safra	33 156	33 143	-0,04
Arroz	6 015 264	5 997 068	-0,30
Batata-inglesa – total	176 854	176 977	0,07
Batata-inglesa – 1ª safra	99 236	99 214	-0,02
Batata-inglesa – 2ª safra	77 618	77 763	0,19
Cana-de-açúcar	4 323 189	4 313 814	-0,22
Cebola	75 381	75 381	-
Feijão – total	5 217 274	5 215 583	-0,03
Feijão – 1ª safra	2 866 998	2 867 018	0,00
Feijão – 2ª safra	2 350 276	2 348 565	-0,07
Fumo	299 312	297 409	-0,64
Mamona	263 341	263 341	-
Mandioca	2 033 321	1 939 073	-4,64
Milho	13 511 218	13 499 445	-0,09
Soja	9 152 816	9 131 621	-0,23
Sorgo	245 082	245 082	-
Tomate	55 338	57 619	4,12
Trigo	3 422 439	3 439 969	0,51

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Novembro	Dezembro	Variação (%)	Novembro	Dezembro	Variação (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão	1 574 011	1 611 994	2,41	1 224	1 263	3,14
Amendoim – total	196 383	196 355	-0,01	1 375	1 375	-
Amendoim – 1ª safra	154 345	154 344	-0,00	1 408	1 408	-
Amendoim – 2ª safra	42 038	42 011	-0,06	1 268	1 268	-0,03
Arroz	10 460 417	10 421 592	-0,37	1 739	1 738	-0,07
Batata-inglesa – total	2 341 152	2 342 586	0,06	13 238	13 237	-0,01
Batata-inglesa – 1ª safra	1 350 050	1 349 690	-0,03	13 604	13 604	-
Batata-inglesa – 2ª safra	991 102	992 896	0,18	12 769	12 768	-0,01
Cana-de-açúcar	273 854 797	270 431 405	-1,25	63 346	62 690	-1,04
Cebola	856 024	856 021	-0,00	11 356	11 356	-
Feijão – total	2 025 569	2 019 460	-0,30	388	387	-0,27
Feijão – 1ª safra	1 052 392	1 051 828	-0,05	367	367	-0,05
Feijão – 2ª safra	973 177	967 632	-0,57	414	412	-0,50
Fumo	400 893	398 149	-0,68	1 339	1 339	-0,05
Mamona	106 809	106 809	-	406	406	-
Mandioca	24 703 896	23 398 728	-5,28	12 150	12 067	-0,68
Milho	26 823 722	26 786 647	-0,14	1 985	1 984	-0,05
Soja	16 875 802	16 813 832	-0,37	1 844	1 841	-0,14
Sorgo	460 770	460 729	-0,01	1 880	1 880	-0,01
Tomate	1 978 709	2 043 177	3,26	35 757	35 460	-0,83
Trigo	5 708 693	5 889 395	3,17	1 668	1 712	2,64

3 – COMPARAÇÃO DAS ESTIMATIVAS DE NOVEMBRO COM AS DE DEZEMBRO DE 1987, DE CEREAIS E LEGUMINOSAS, E OLEAGINOSAS, DA SAFRA DE 1987
Brasil, Centro-Sul e Norte-Nordeste

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ESTIMATIVAS DA SAFRA DE 1987 (1 000 t)								
	Centro-Sul e Rondônia			Norte-Nordeste			Total		
	Novembro	Dezembro	Variação (%)	Novembro	Dezembro	Variação (%)	Novembro	Dezembro	Variação (%)
CEREAIS E LEGUMINOSAS									
Arroz.....	9 225	9 202	-0,25	1 235	1 220	-1,21	10 460	10 422	-0,36
Feijão – 1ª safra	908	907	-0,11	144	145	0,69	1 052	1 052	-
Feijão – 2ª safra	528	528	-	320	317	-0,94	848	845	-0,35
Feijão – 3ª safra	125	123	-1,60	-	-	-	125	123	-1,60
Milho	25 917	25 905	-0,05	906	882	-2,85	26 823	26 787	-0,13
Trigo.....	5 709	5 889	3,15	-	-	-	5 709	5 889	3,15
Aveia, centeio e cevada.....	363	379	4,41	-	-	-	363	379	4,41
Sorgo.....	447	447	-	14	14	-	461	461	-
Total.....	43 222	43 380	0,37	2 619	2 578	-1,57	45 841	45 958	0,26
OLEAGINOSAS									
Caroço de algodão (herbáceo e arbóreo).....	1 035	1 037	0,19	107	134	25,23	1 142	1 171	2,54
Amendoim – 1ª safra	154	154	-	-	-	-	154	154	-
Amendoim – 2ª safra	36	36	-	6	6	-	42	42	-
Mamona	47	47	-	59	59	-	106	106	-
Soja.....	16 719	16 657	-0,37	157	157	-	16 876	16 814	-0,37
Total.....	17 991	17 931	-0,33	329	356	8,21	18 320	18 287	-0,18

4 – TERCEIRO PROGNÓSTICO PARA A SAFRA DE 1988
Centro-Sul e Rondônia

Mês: dezembro/87

PRODUTOS AGRÍCOLAS	SAFRA/87			PROGNÓSTICO PARA A SAFRA/88		VARIACIONES (%)	
	1 Área plantada	2 Área colhida	3 Produção obtida	4 Área plantada ou a plantar	5 Produção esperada	6 4/1	7 5/3
Algodão herbáceo	938 464	931 675	1 481 216	1 052 645	1 880 193	12,17	26,94
Amendoim – 1ª safra	108 881	108 434	153 094	72 788	116 144	-33,15	-24,14
Arroz.....	4 748 746	4 491 610	9 201 396	4 337 938	9 158 742	-8,65	-0,46
Batata-inglesa – 1ª safra.....	101 712	89 214	1 349 690	105 442	1 330 534	3,67	-1,42
Cana-de-açúcar	2 763 457	2 760 791	189 689 081	2 760 727	191 595 091	-0,10	1,00
Cebola.....	67 220	65 647	741 407	58 381	650 306	-13,15	12,29
Feijão – 1ª safra	1 701 588	1 655 035	907 350	1 839 537	1 064 112	-3,65	17,28
Fumo.....	234 498	234 022	349 637	230 165	373 936	-1,85	6,95
Mamona	42 062	39 557	47 236	36 450	42 680	-13,34	-9,65
Mandioca.....	576 941	558 549	8 486 089	568 634	8 540 681	-1,44	0,64
Milho	10 655 689	10 571 653	25 603 029	9 620 792	22 568 092	-9,71	-11,85
Soja.....	8 988 803	8 951 166	16 654 974	10 340 403	18 956 396	15,04	13,82
Tomate.....	34 434	34 276	1 367 496	33 628	1 305 062	-2,35	-4,57
Total.....	30 962 495	30 501 629	-	30 857 528	-	-0,34	-

5 — ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS
Janeiro/Novembro de 1986 e de 1987

ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	QUANTIDADES				
	Novembro/86	Outubro/87	Novembro/87	Janeiro/novembro/86	Janeiro/novembro/87
LEITE (1)					
Aquisição ou recebimento de leite resfriado ou cru para industrialização.....	749 655	872 937	1 055 320	7 827 919	8 801 711
Recebimento de leite					
Concentrado	10 307	6 602	6 762	95 826	98 071
Em pó (t).....	6 457	1 669	1 489	33 302	33 647
Destino					
Pasteurizado					
Vendido ao público	248 195	290 680	295 454	2 723 596	2 945 143
Industrializado na empresa	320 180	357 320	452 705	3 081 786	3 593 157
Resfriado ou não					
Vendido ao público	210	146	139	3 613	1 829
Vendido a outras empresas	94 572	133 788	166 023	1 043 593	1 314 882
ABATES (2)					
Bovinos	114 854	158 195	142 866	1 831 541	1 950 201
Suínos	44 084	67 893	63 666	560 693	663 523
Aves	100 482	113 030	109 605	1 088 378	1 149 806
OVOS (3) (4)	-	-	-	826 647	882 402

ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	TAXAS DE CRESCIMENTO		
	$\frac{\text{Novembro/87}}{\text{novembro/86}}$	$\frac{\text{Novembro/87}}{\text{outubro/87}}$	$\frac{\text{Janeiro/novembro/87}}{\text{janeiro/novembro/86}}$

LEITE (1)			
Aquisição ou recebimento de leite resfriado ou cru para industrialização.....	34,1	15,2	12,4
Recebimento de leite			
Concentrado	- 34,4	2,4	2,6
Em pó (t).....	- 76,9	- 10,8	1,0
Destino			
Pasteurizado			
Vendido ao público	19,1	1,6	8,2
Industrializado na empresa	41,4	26,7	16,6
Resfriado ou não			
Vendido ao público	- 33,8	- 4,8	- 54,9
Vendido a outras empresas	75,6	24,1	26,0
ABATES (2)			
Bovinos	6,5	- 9,7	6,5
Suínos	18,4	- 6,2	18,3
Aves	5,7	- 3,0	5,6
OVOS (3) (4)	-	-	6,7

(1) Mil litros. (2) Peso total das carcaças (t). (3) Quantidade produzida (mil dúzias). (4) Dados de janeiro/setembro.

DESEMPENHO RECENTE DA INDÚSTRIA DO RIO DE JANEIRO — UM CONFRONTO COM MINAS GERAIS

Nilo Lopes de Macedo

O fraco desempenho apresentado pela indústria do Estado do Rio de Janeiro no período de 1983 a 1985, quando se observaram as mais baixas taxas de evolução da produção comparadas com as de outros locais, deu margem à ampliação do debate a respeito do chamado esvaziamento industrial do Estado e a especulações com relação a seu aprofundamento nesses últimos anos. Isto, conseqüentemente, criou toda uma expectativa com relação ao iminente deslocamento do Rio de Janeiro da posição

relativa de segundo pólo industrial do país já nesta década, tendo em vista que, pelos resultados censitários referentes ao Valor da Transformação Industrial, a diferença entre as participações deste Estado e as de Minas Gerais vem progressivamente se estreitando, como mostra a tabela 1.

Os objetivos neste texto são: primeiro, tentar mostrar que o desempenho industrial diferenciado dos dois Estados, a partir de 1981, deriva muito mais da forma como essas indústrias puderam reagir aos desdobra-

1 — EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DA INDÚSTRIA GERAL DO BRASIL, PELO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS LOCAIS — 1950/1980

LOCAIS	ANOS				
	1950	1960	1970	1975	1980
Brasil	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Região Norte	0,74	1,11	1,00	1,31	2,55
Região Nordeste	9,28	7,64	6,80	7,32	8,90
Região Sudeste.....	75,74	78,14	79,49	75,71	71,77
Minas Gerais.....	6,91	6,06	7,05	7,11	8,11
Rio de Janeiro.....	20,11	17,30	15,30	13,20	10,49
São Paulo	48,20	54,51	56,64	54,75	52,01
Região Sul	13,73	12,42	11,90	14,57	15,52
Região Centro-Oeste	0,51	0,69	0,81	1,09	1,26

FONTE — Censos Industriais, Dados Gerais.

mentos da conjuntura econômica em geral, dadas as suas especificidades estruturais, e não tanto do resultado da aplicação menos ou mais efetiva de medidas e instrumentos de política industrial de curto prazo, de âmbito estadual, como algumas vezes deixa-se transparecer no debate recente a respeito da questão do esvaziamento econômico do Rio de Janeiro. Segundo, mostrar que não se pode concluir que este Estado esteja na iminência de perder a posição de segundo pólo industrial do país para Minas Gerais, ainda nesta década, utilizando-se o simples exercício de projeção que se resume basicamente na aplicação das taxas de crescimento industrial — via índice de *quantum* — aos valores de transformação industrial de 1980 para estes Estados.

CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DAS DUAS INDÚSTRIAS

Para se entender o processo evolutivo do setor industrial mineiro e fluminense, torna-se necessário, acima de tudo, observar as características estruturais de suas indústrias. A tabela 2 mostra que em ambas o ramo de maior peso é o produtor de Bens Intermediários, que em 1980 tinha maior representatividade em Minas Gerais que no Rio de Janeiro, cerca de 52% e 37%, respectivamente, participações que devem estar bem próximas, atualmente, como resultado do grande aumento da produção de petróleo e gás natural, depois daquele ano, no Estado do Rio de Janeiro. Em Minas Gerais os segmentos mais expressivos na categoria são o metalúrgico e o de minerais não-metálicos, já no Rio de Janeiro os de

maior peso são o químico, o metalúrgico e, ultimamente também, o de extração de minerais.

Outro fator comum as duas indústrias é o reduzido peso do segmento produtor de Bens Duráveis de Consumo, em torno de 5% em ambas. Participação esta, no entanto, que certamente vem se elevando em Minas Gerais, devido à evolução favorável da produção de automóveis para passageiros na região.

Já com relação à produção de Bens de Capital, além do fato de representar na indústria fluminense maior importância que na mineira (cerca de 24% e 17%, respectivamente), apresenta características bem distintas nesses dois locais. Enquanto no Rio de Janeiro prevalece o ramo cujo produto é fabricado sob encomenda, com processo produtivo de longa maturação, onde se destacam as indústrias naval e de equipamentos de telefonia; em Minas Gerais tem significativo peso o segmento de produção seriada. Isto é importante visto que, enquanto este último ramo é muito mais sensível aos movimentos conjunturais da economia, o primeiro está bastante atrelado a estratégias de investimentos de longo prazo. Sendo que nos casos da construção naval e de equipamentos de telefonia ainda tem importância o fato de sua trajetória estar, em boa medida, relacionada aos investimentos de empresas estatais.

Entretanto, acredita-se que o que mais tem contribuído para marcar as discrepantes trajetórias das indústrias desses dois Estados nos últimos anos é, por um lado, o destino dado a sua produção e, por outro, a participação do segmento de Bens de Consumo Não-duráveis.

No Rio de Janeiro este setor representa quase 35% do Valor da Transformação In-

2 — ESTRUTURA DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO AS CATEGORIAS DE USO — 1980

CATEGORIAS DE USO	BRASIL	RIO DE JANEIRO	MINAS GERAIS
Bens de capital	21,26	23,90	16,87
Bens intermediários	37,63	(1) 36,71	51,94
Bens de consumo duráveis	11,42	4,95	(2) 5,44
Bens de consumo não-duráveis	29,69	34,44	26,75
Total	100,00	100,00	100,00

FONTE — Censo Industrial de 1980.

NOTA — A presente estrutura foi elaborada a partir de critérios de classificação por uso adotados pelo BNDES.

(1) Com a elevada expansão da Produção de Petróleo em Bruto e Gás Natural depois de 1980, a participação de categoria certamente ampliou-se de forma expressiva.

(2) Participação que atualmente está bem mais alta em razão do significativo impulso na produção de automóveis para passageiros nos últimos anos nesse Estado.

3 — RELAÇÃO ENTRE OS VALORES DAS EXPORTAÇÕES TOTAIS E DO PRODUTO INTERNO BRUTO, A CUSTO DE FATORES, SEGUNDO ALGUMAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO — 1980

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	EXPORTAÇÕES (1) EM CRUZADOS (A)	PIB EM CRUZADOS (B)	(A/B) x 100
Pernambuco	25 196 077	311 719 624	8,08
Bahia	58 469 066	533 674 432	10,95
Minas Gerais	109 622 036	1 140 026 036	9,61
Rio de Janeiro	43 707 128	1 743 307 916	2,50
São Paulo	384 283 317	4 604 578 963	8,34
Paraná	65 968 924	715 833 925	9,21
Santa Catarina	45 221 275	391 603 155	11,54
Rio Grande do Sul	110 127 893	980 162 444	11,23
Brasil	1 060 957 400	12 282 003 624	8,64

FONTES — Relatório do Banco do Brasil (Dados de Exportação) e IBGE (PIB Regional).
(1) Exceto café.

dustrial, enquanto que em Minas Gerais a sua participação não passa dos 26%. Esta diferença de representatividade é importante quando se observa que esta categoria de bens apresenta as oscilações relativamente mais tênues nas mudanças de trajetória do ciclo econômico.

Quanto ao destino da produção, verifica-se que a indústria do Rio de Janeiro está orientada basicamente para o mercado interno, já em Minas Gerais o setor tem significativa dependência do mercado exterior, principalmente pela relevância das suas exportações de produtos siderúrgicos (gusa e aço), minério de ferro e, ultimamente, de material de transporte. Os dados da tabela 3 confirmam este fato, indicando que a relação entre o valor das exportações e do PIB

atinge um índice de quase 10 pontos para Minas Gerais e apenas 2,5 para o Rio de Janeiro, o que reflete o maior grau de abertura externa do primeiro Estado.

Vale destacar, que nesses Estados o grosso das exportações se insere no grupo de produtos industrializados, o que já não ocorre para os Estados da região Sul que, por sinal, atingem elevados índices.

O gráfico 1 mostra a evolução da produção industrial mineira e fluminense, por trimestre, no período de 1980 a setembro de 1987, onde se pode perceber três subperíodos distintos em termos de estabelecimento de patamares de produção (1981/83, 1984/86 e 1987) que serão analisados a seguir.

INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL — RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS
ÍNDICE BASE FIXA — (BASE: MÉDIA DE 1980 = 100)
POR TRIMESTRE — COM AJUSTAMENTO SAZONAL

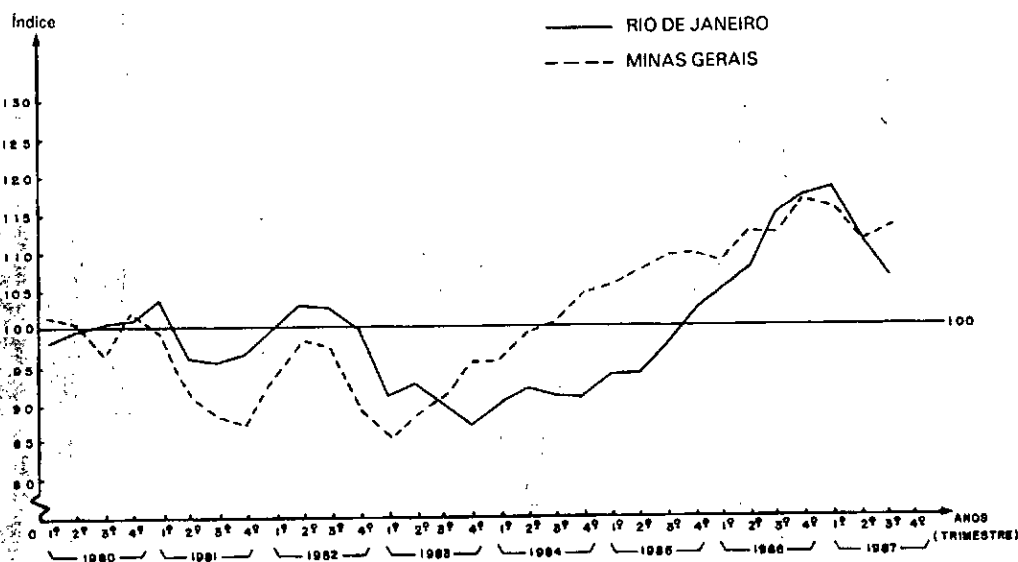


GRÁFICO 1

Desempenho do Período 1981/83

A conjugação de vários fatores negativos ocorridos no final da década passada e início desta, como por exemplo: o aumento extraordinário das taxas internacionais de juros, a partir de 1978; o *segundo choque do petróleo* em 1979 e a retração econômica nos principais países desenvolvidos, juntamente com o aumento do protecionismo, levou a eclosão de uma séria crise de Balanço de Pagamentos na década corrente, dando origem à mudança de rumo na política econômica do país a partir de 1981. O processo de ajustamento passava, principalmente, pela aplicação de um elenco de medidas que provocasse, ao mesmo tempo, acentuada queda das importações e expansão das exportações, na tentativa de obtenção de saldos positivos na Balança Comercial, suficientes para garantir o cumprimento dos compromissos do país no mercado financeiro internacional. O processo de execução das novas diretrizes que estabelecia sensíveis mudanças nos instrumentos de política monetária, fiscal e salarial, acabou lançando o país em recessão no período de 1981/83.

Dentro deste novo contexto, as indústrias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro reagiram de modo diferenciado, com a primeira sofrendo mais acentuadamente o primeiro impacto da crise. Em 1981, a produção in-

dustrial mineira contraiu-se em 10,2% com relação ao ano anterior, enquanto que a do Rio de Janeiro decresce somente 3,2% (tabela 4). Em 1982, a indústria fluminense supera em 1% o seu nível de produção estabelecido em 1980 e a de Minas Gerais, apesar de crescer em relação ao ano anterior, ainda permanece 6,6% abaixo do patamar verificado naquele ano-base.

Esse comportamento desigual justifica-se tanto pelo desempenho distinto, nos dois Estados, do ramo de Bens de Capital, como pela contribuição diferenciada dos Bens de Consumo Não-duráveis.

Embora em todo o país tenha sido um dos segmentos mais atingidos pela crise (juntamente com o de Consumo Durável) — como mostra a tabela 5 — no Rio de Janeiro, a categoria dos Bens de Capital sofreu bem menos o primeiro impacto da crise, em face das suas próprias características nesse local, citadas anteriormente, com a indústria naval, o setor de maior peso, registrando comportamento favorável nos anos de 1981/82.

Vale observar, ainda, que o Rio de Janeiro foi beneficiado, também, pelo fato do setor de extração de petróleo ter ficado à margem dos efeitos negativos da recessão, sendo até mesmo incentivado no período, em face da sua importância no novo ciclo de substituição de importações.

4 — INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Índice de base fixa (base: 1980 = 100)

ANOS	BRASIL	RIO DE JANEIRO	MINAS GERAIS
1980.....	100,0	100,0	100,0
1981.....	89,8	96,8	89,8
1982.....	89,9	101,1	93,4
1983.....	85,2	89,8	88,6
1984.....	91,3	90,8	98,5
1985.....	99,0	96,5	106,3
1986.....	109,8	111,1	110,7
1987(1).....	111,8	111,8	114,9

(1) Até novembro.

5 — INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CATEGORIA DE USO

Índice de base fixa (média de 1980 = 100)

Brasil

ANOS	BENS DE CAPITAL	BENS INTER-MEDIÁRIOS	BENS DE CONSUMO DURÁVEIS	BENS DE CONSUMO NÃO-DURÁVEIS
1980.....	100,00	100,00	100,00	100,00
1981.....	80,57	88,87	75,06	101,15
1982.....	68,64	91,41	81,08	103,28
1983.....	55,44	89,23	80,34	98,17
1984.....	63,63	98,39	74,34	100,21
1985.....	71,51	105,55	85,96	107,97
1986.....	87,17	114,41	103,50	117,55

Finalmente, o ano de 1983, em termos médios, vai marcar o nível mais baixo da produção industrial para ambos os Estados, ocorrendo no primeiro trimestre em Minas Gerais e no quarto para o Rio de Janeiro (gráfico 1). Naquele ano, a retração econômica alcança seu ponto crítico, atingindo praticamente todos os setores da atividade econômica nacional, com o desemprego alcançando níveis bastante elevados. Logicamente, isto provocaria, quando combinado à política salarial restritiva que estabelecia correções abaixo da inflação, uma sensível retração da massa salarial do país, com graves reflexos no comportamento do mercado interno. Conseqüentemente, a indústria fluminense mais voltada para esse mercado, vai ser atingida de forma mais acentuada, com uma queda de produção de 11,2% em relação a 1982, enquanto que Minas Gerais se contrai em 5,1%.

Em síntese, considerando o período de 1981 a 1983 como um todo, verifica-se que, em termos de desempenho, o setor industrial fluminense retraiu-se menos do que o mineiro, em decorrência dos fatores analisados acima. Entretanto, é a partir do último ano desse período (1983) que a indústria fluminense vai acumular taxas de crescimento sempre inferiores que as de Minas Gerais, até que se reinicie o processo de expansão sustentado pelo mercado interno.

Desempenho do Período 1984/86

Durante a fase de recessão, principalmente, os setores mais dinâmicos da Indústria Nacional procuraram redirecionar a sua produção para as exportações, na tentativa de amenizar os efeitos da contração da demanda interna. Contaram, ainda, com algumas condições favoráveis, tais como: política ampla de incentivo às exportações estabelecida pelo Governo e custos salariais decrescentes em termos da relação câmbio/salário — que se elevou em razão tanto da acentuada desvalorização cambial como da política salarial em vigor, já mencionada. Um fator, entretanto, inibiria o pleno êxito desta iniciativa durante os anos da crise (1981/83): a retração do comércio internacional naquele início de década.

A partir de fins de 1983, dadas as condições mais favoráveis do mercado externo,

esses segmentos passam a obter ganhos significativos com a produção destinada às exportações. Esse processo é de tal ordem que, já em 1984, sustenta o crescimento industrial brasileiro e, pelos seus efeitos de encadeamento, vai propiciar nos anos seguintes um crescimento generalizado das atividades do setor.

Com isso, a indústria de Minas Gerais encontra-se, potencialmente, em melhores condições que a do Rio de Janeiro para aproveitar a nova conjuntura, dado que boa parte do seu parque produtivo, está orientada para explorar as potencialidades do mercado exterior. Os resultados não tardaram; já no segundo semestre de 1983, as exportações brasileiras de produtos metalúrgicos crescem notavelmente, com grande participação das vendas externas mineiras (aproximadamente 50%). Vale frisar, que cerca de 1/3 do aço produzido no país e quase metade da produção de ferro-gusa vem de Minas Gerais, segundo dados do informe estatístico do CONSIDER referente aos anos de 1984/85.

Esta nova frente de expansão fez com que a indústria desse Estado iniciasse seu processo de recuperação já em meados de 1983, como indicado no gráfico 1, bem como sustentasse o seu excelente desempenho no ano de 1984, quando cresceu à taxa de 11,2% em relação ao ano anterior. Em 1985, apesar de ainda apresentar um crescimento razoável (7,9%), a indústria mineira já começa a registrar sinais de desaceleração do ritmo de expansão em virtude, principalmente, das dificuldades enfrentadas para manter os mesmos níveis de exportação de produtos metalúrgicos estabelecidos nos dois anos anteriores (tabela 6), inclusive devido à fixação de cotas para o mercado norte-americano.

Já a indústria do Estado do Rio de Janeiro, não foi capaz de dar, em 1984, a grande arrancada para a superação da sua crise, como ocorreu com praticamente todos os outros locais pesquisados.

A contração do mercado interno durante os anos de 1983/84, pelas razões já citadas, provocou sensível redução na produção dos ramos de bens de consumo final e de seus insumos, ambos com elevados pesos na estrutura dessa indústria. Além disso, o ramo produtor de bens de capital

6 - EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS METALÚRGICOS
(Manufaturados e Semimanufaturados)
Minas Gerais

ANOS	QUANTIDADE EXPORTADA (t)	ÍNDICE BASE FIXA (1980 = 100)	VARIACÃO ANUAL (%)
1980.....	1 112 294	100,0	-
1981.....	1 106 137	99,5	- 0,5
1982.....	1 277 285	114,8	15,4
1983.....	2 772 258	249,2	117,1
1984.....	3 571 488	321,1	28,9
1985.....	3 603 760	324,0	0,9

FONTE - Indicadores de Conjuntura de Minas Gerais.

sofreu um forte abalo no seu desempenho com a crise que se inicia no final de 1983, tanto no setor de construção naval como no de equipamentos para telefonia. Conseqüentemente, o setor industrial fluminense que já havia apresentado a maior taxa negativa de crescimento em 1983 (- 11,2%), mantém-se praticamente estagnado no ano de 1984, quando registrou um tímido avanço de apenas 1,2%, com relação ao ano anterior. Em 1985, com o processo de recuperação da massa salarial, principalmente, a indústria do Rio de Janeiro entra num ritmo acelerado de crescimento, a partir do segundo semestre, mas, mesmo assim, ainda registra a menor taxa anual de expansão com relação às observadas para os outros Estados, pois no primeiro semestre daquele ano o seu crescimento havia sido pouco significativo.

Em 1986, reverte-se a situação entre Rio de Janeiro e Minas Gerais em termos de taxa de desempenho, com o primeiro superando o segundo ao manter o acelerado ritmo de expansão da produção iniciado no segundo semestre de 1985, o que não foi conseguido pela indústria mineira.

As medidas econômicas estabelecidas pelo Plano Cruzado no início daquele ano e que atuaram de forma positiva sobre a renda disponível dos consumidores e na estabilização do poder de compra dos salários, dando novo impulso ao mercado interno, foram bastante benéficas para a indústria fluminense que alcançou a sua mais elevada

taxa de crescimento (15,2% com relação a 1985), desde que se passou a divulgar sistematicamente índices regionalizados da produção industrial. Os gráficos 2, 3 e 4 indicam como o setor industrial do Rio de Janeiro é bastante dependente desse mercado, visto que a correlação entre a produção industrial e a massa salarial (1) é muito mais alta aí do que, por exemplo, em Minas Gerais e no Brasil.

Enquanto isso, Minas Gerais exibia naquele ano o mais fraco desempenho dentre as regiões pesquisadas, ao registrar a taxa de 4,1% de expansão, bem abaixo da média brasileira (10,9%), como conseqüência do comportamento dos seus três principais gêneros: extrativa mineral, alimentares e metalúrgica. Os dois primeiros com resultados negativos e a metalúrgica, que apesar de crescer 4,3%, ficou bem abaixo da média nacional (12,0%). Este gênero enfrentou em 1986 problemas relacionados a aumentos de custos de produção, resultantes da elevação dos preços do carvão vegetal, insumo importante em boa parte de suas unidades produtivas; e ainda, defrontando-se com a manutenção das restrições norte-americanas às suas exportações para aquele mercado.

Quanto ao baixo desempenho de alimentares, a razão foi a forte diminuição do abate de bovinos durante o ano e, principalmente, a fatores relacionados à escassez de matéria-prima para o ramo de laticínios que tem significativo peso no Estado.

(1) Utilizou-se a evolução da massa salarial real da indústria como "proxy" da evolução da massa salarial global da economia.

INDICADORES DO DESEMPENHO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
ÍNDICE DE BASE FIXA POR TRIMESTRE – 1980/85
BASE: MÉDIA DE 1980 = 100

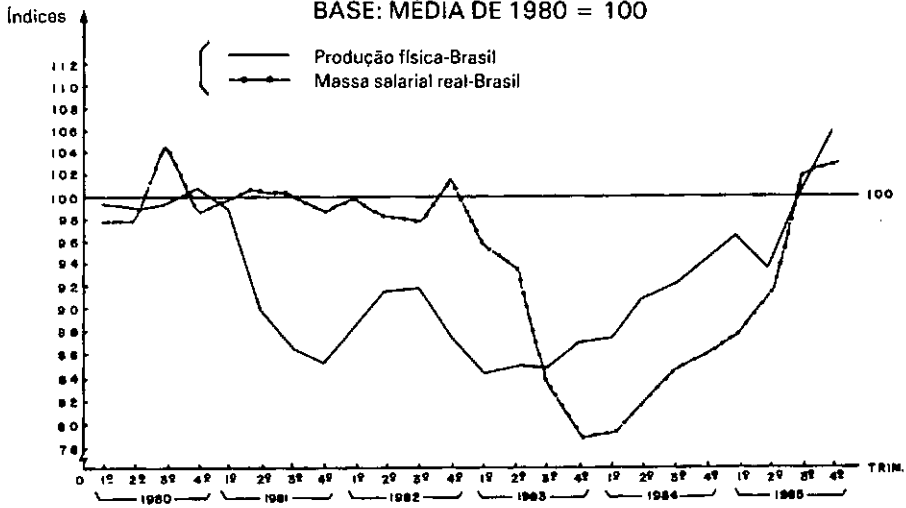


GRÁFICO 2

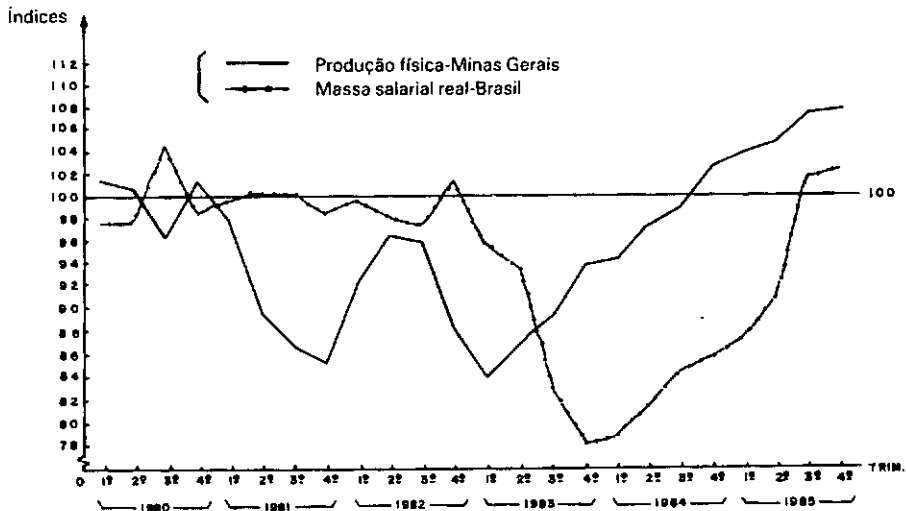


GRÁFICO 3

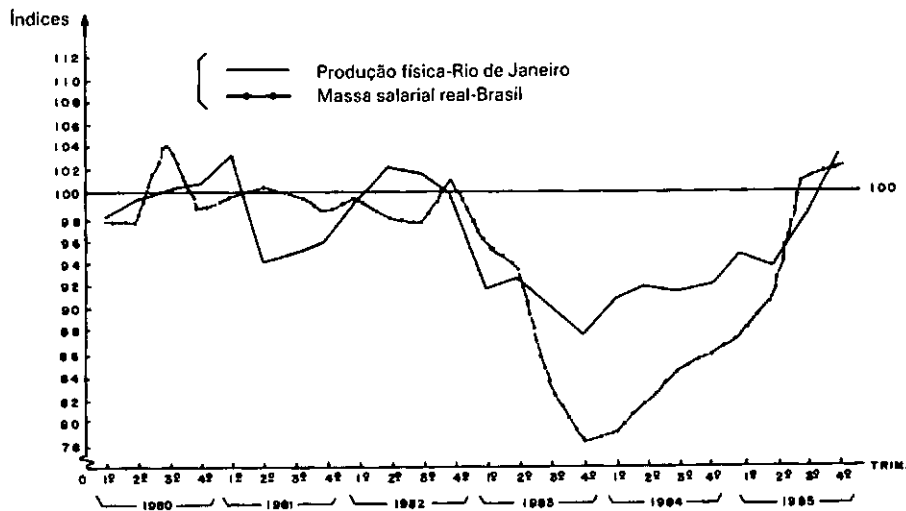


GRÁFICO 4

Desempenho em 1987

Em 1987, os dois Estados voltaram a apresentar declínio nos seus níveis de produção industrial (gráfico 1), sendo que a queda se verifica de forma mais acentuada no Rio de Janeiro, enquanto Minas Gerais chega até mesmo a reverter tal tendência no terceiro trimestre do ano, fato que novamente pode ser atribuído, em parte, ao comportamento das exportações, principalmente no que se refere ao significativo desempenho de material de transporte (16% de expansão no período janeiro-novembro); bem como, à recuperação do segmento de produtos alimentares. Mesmo assim, o Estado caminha para uma tímida taxa de crescimento este ano.

Quanto ao resultado do Rio de Janeiro, que deve-se situar abaixo do de Minas Gerais, a taxa reflete ao mesmo tempo a significativa redução dos níveis de produção deste ano e os efeitos relacionados aos expressivos patamares de crescimento do ano passado, sendo o desempenho desses últimos dois anos muito influenciado pelo comportamento dos Bens de Consumo Não-duráveis, que se expandiram em torno de 17% em 1986 e no período janeiro-novembro do corrente ano atingem o crescimento de cerca de 3%.

RIO DE JANEIRO: AINDA O SEGUNDO PÓLO INDUSTRIAL?

Esta é, em última instância, a questão que vem suscitando ultimamente o debate e o interesse a respeito da performance recente da indústria fluminense e faz parte da segunda preocupação neste texto. E respondê-la com razoável precisão torna-se

difícil, uma vez que não se dispõe de dados abrangentes e atualizados que possibilitem acompanhar, com o mínimo de defasagem de tempo possível, o movimento da composição espacial do produto industrial brasileiro.

Assim sendo, a alternativa é estimar os dados para períodos mais recentes, projetando os valores do Censo Industrial de 1980 (último inquérito censitário divulgado). Mesmo aqui, enfrenta-se uma séria dificuldade por não se ter disponível índices de preços industriais adequados para esse exercício, principalmente por regiões. Nesse sentido, acaba-se utilizando apenas o índice de *quantum*, incorporando-se no modelo a hipótese de que os preços do setor se comportam espacialmente de forma bem homogênea — o que é uma hipótese um pouco forte, em se tratando da comparação entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, pelas especificidades de suas indústrias.

Embora reconhecendo a grande limitação desse instrumental de projeção como método de estimativas, resolveu-se utilizá-lo aqui para estimar os dados de VTI do Brasil e desses dois Estados (tabela 7), uma vez que é a partir dos resultados da sua aplicação que se tem afirmado que o setor industrial fluminense já estaria sendo ultrapassado pelo de Minas Gerais, neste início da segunda metade da presente década, na condição de segundo pólo industrial do país.

Os valores estimados para o ano de 1986, mostram, entretanto, que a participação de Minas Gerais e Rio de Janeiro praticamente se mantiveram nos níveis observados em 1980 (comparando-se a última coluna das tabelas 1 e 7). A razão disto é que, embora o Rio de Janeiro tenha crescido bem menos que Minas Gerais no período 1983/85 (em termos acumulados — 4,5% e 13,8% respectivamente), no período

7 - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL
(em Cr\$ 1 000 de 1980)

LOCAIS	VTI DE 1980 (A)	ÍNDICE DE CRESCIMENTO QUANTUM(1) (B)	V _T DE 1986 (AxB)	ESTRUTURA ESTIMADA
Minas Gerais	328 195 956	110,72	363 378 562	8,17
Rio de Janeiro	424 708 619	111,14	472 021 159	10,62
Brasil	4 048 551 983	109,82	4 446 119 788	100,0

FONTES - Censo Industrial de 1980 e Indicadores Conjunturais da Indústria.
(1) Índice acumulado de crescimento industrial: 1986/80.

1981/82 e em 1986 este último foi suplantado pelo primeiro — resultando, no cômputo geral, um ganho para a indústria fluminense, que acumulou no período de 1981 a 1986 uma expansão de 11,1% contra 10,7% da indústria mineira.

Dados preliminares da Pesquisa Industrial Anual de 1984, ainda em fase de avaliação, indicam também que a diferença entre as participações desses dois Estados praticamente manteve-se naquele ano no mesmo nível da de 1980.

Em suma, se o método aqui utilizado tem reconhecidamente suas limitações enquanto instrumento para obtenção de estimativas de componentes estruturais, mais complicado torna-se ainda, extrair dos seus resultados conclusões a respeito do futuro posicionamento relativo de duas indústrias que vêm se caracterizando, nesta década, pelas performances bastante oscilantes entre si, como são as do Rio de Janeiro e Mi-

nas Gerais. Sendo isto resultante, basicamente, da forma como cada uma está estruturalmente organizada para responder aos movimentos cíclicos de curto prazo da economia.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral do Governo do Estado de Minas Gerais: Indicadores de Conjuntura de Minas Gerais.
- 2 — Conselho de Siderurgia e Não-ferrosos: Informe Estatístico.
- 3 — Banco do Brasil — Carteira do Comércio Exterior: Relatórios do Comércio Exterior.
- 4 — BNDES: Modelo de Classificação por Uso — mimeografado.
- 5 — IBGE: Indicadores Conjunturais da Indústria e Censos Industriais.